



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Aline Bianca dos Santos Gomes

Tinha só um dia pra mim fazer a inscrição

**Um estudo sociolinguístico da variação pronominal em orações infinitivas
iniciadas por *para***

São José do Rio Preto
2019

Aline Bianca dos Santos Gomes

Tinha só um dia pra mim fazer a inscrição

**Um estudo sociolinguístico da variação pronominal em orações infinitivas
iniciadas por *para***

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiamento: CAPES

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa

**São José do Rio Preto
2019**

G633t Gomes, Aline Bianca dos Santos
Tinha só um dia pra mim fazer a inscrição : Um estudo sociolinguístico da variação pronominal em orações infinitivas iniciadas por para / Aline Bianca dos Santos Gomes.
-- São José do Rio Preto, 2019
145 f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto
Orientadora: Gisele Cássia de Sousa

1. Linguística. 2. Língua Portuguesa - Variação. 3. Alternância pronominal. 4. Língua portuguesa - Português falado - São Paulo (Estado). 5. Sujeito dativo em orações infinitivas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Aline Bianca dos Santos Gomes

Tinha só um dia pra mim fazer a inscrição

**Um estudo sociolinguístico da variação pronominal em orações
infinitivas iniciadas por *para***

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiamento: CAPES

Comissão Examinadora

Titulares

Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa – Orientadora
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Prof^a. Dr^a. Lívia Oushiro
(IEL/UNICAMP – Campinas)

**São José do Rio Preto
29 de março de 2019**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Alessandra e Daniel, que, com muito amor e apoio, sempre me incentivaram a estudar e nunca mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À minha orientadora, Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa, por toda dedicação, paciência e competência com que me orientou desde o terceiro ano da minha graduação, por ser uma pessoa incrível e por sempre acreditar no meu potencial, mesmo quando eu não acreditei.

Aos meus familiares e amigos Nadson, Lucas, Michelle, Letícia, Júlia, Bia, Bárbara e Mafer, por todos os momentos de riso e descontração. Agradeço especialmente à Lua e à Gabi, amigas com as quais eu mais compartilhei minhas experiências durante o mestrado, o que ajudou a tornar este período de trabalho menos solitário; e ao Yagor, que esteve ao meu lado durante esta caminhada, me incentivando e me tranquilizando nos momentos de desespero.

Ao Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho e à Profa. Dra. Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner, com os quais tive a honra de ter aula durante a graduação e pós-graduação, pelas contribuições feitas durante a banca de qualificação desta dissertação, as quais foram extremamente importantes para a conclusão da mesma. Também agradeço à Profa. Dra. Lívia Oushiro, que debateu a apresentação deste trabalho no Seminário de Estudos Linguísticos da Unesp, o que possibilitou-me refletir sobre a pesquisa e aprimorá-la.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Letras da UNESP/IBILCE, especialmente à Profa. Dra. Suzi Marques Spatti Cavalari e à Profa. Dra. Solange Aranha, que me orientaram em certo momento da graduação e muito contribuíram para o meu desenvolvimento como professora e pesquisadora.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar, sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, a ocorrência da forma oblíqua do pronome de 1ª pessoa do singular (*mim*) em posição de sujeito de orações infinitivas introduzidas por *para*. Os dados analisados pertencem ao Banco de dados Iboruna, o qual retrata o português falado na região noroeste do interior do estado de São Paulo, variedade em que a ocorrência de *mim* como sujeito de orações infinitivas é alvo de estigma social, em comparação ao emprego da forma reta do pronome (*eu*) e de *zero anafórico*. Desse modo, a principal hipótese deste estudo é a de que se encontraria, para o fenômeno em análise, uma situação de variação com claro encaixamento social indicativo de uma mudança em curso. Para a realização desta pesquisa, fatores linguísticos relevantes para a ocorrência das variantes foram analisados e correlacionados a fatores sociais, com o propósito específico de definir a natureza sociolinguística do fenômeno: se um caso de variação estável ou de mudança em curso, conforme o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972). Para a análise quantitativa dos dados, utilizou-se o programa estatístico GOLDVARB. Em relação às formas *eu* e *mim* como sujeitos de orações infinitivas iniciadas por *para*, os resultados indicam uma mudança em curso na comunidade investigada com prevalência da forma não padrão *mim*, a qual é apenas refreada pelo fator *grau de escolaridade*. Entre *mim* e *zero*, os resultados revelam caso de variação linguística e indicam como fatores correlacionados ao emprego das variantes o *papel semântico do pronome sujeito*, em primeiro lugar, seguido pelo fator *correferência de sujeitos e tipo de construção com “para”*. Como fatores sociais, os resultados apontam que a variante não padrão é mais utilizada por falantes com menor escolaridade e/ou renda; contudo, em relação a esse último fator, há indícios de certa estabilidade na variação entre as formas, já que o uso de *mim* é registrado, sem grandes diferenças estatísticas, na fala de indivíduos pertencentes a níveis socioeconômicos tanto mais baixos quanto mais altos da sociedade.

Palavras-chave: português paulista, alternância pronominal, sujeito dativo em orações infinitivas.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate, under the apparatus of the Variationist Sociolinguistics, the occurrence of the first person singular object pronoun *mim* (me) in the subject position of infinitive clauses introduced by *para* (for). The data analyzed belongs to Iboruna Data Bank, which depicts the Portuguese spoken in inner of São Paulo state, variety in which the occurrence of *mim* in this type of clauses is target of social stigma, comparing to the use of the first person singular subject pronoun (eu) or to null subject. The main hypothesis of this study is that we would find, for the phenomenon under analysis, a situation of variation with a social distribution indicative of change in progress. To accomplish this research, the linguistic factors relevant to the occurrence of the variants were analyzed and correlated to the social distribution of these variants with the specific purpose of defining the sociolinguistic nature of the phenomenon: if a case of stable variation or a case of change in progress, according to the theoretical-methodological apparatus of Sociolinguistic Variationist (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972). For the quantitative analysis of the data, the statistical program GOLDVARB was used. Among the forms *eu* and *mim* as subjects of infinitive clauses initiated by *para*, the results indicate a case of change in course in the community in study with prevalence of the non standard form *mim*, which is inhibited by individuals with high schooling. Considering *mim* and *zero*, the results reveal a case of linguistic variation and indicate as factors correlated to the use of the forms the *subject's semantic role* in first place, being followed by the *subject's coreference* and *type of construction of the sentence with para*. As social factors, the results indicate that the non-standard variant is more used by speakers with low schooling and/or income; however, in relation to this factor, there are evidences of a certain stability in the variation between the forms, since the use of *mim* is registered, without significant statistical differences, in the speech of individuals belonging to the lower and higher socioeconomic levels of society.

Keywords: paulista Portuguese, pronominal alternation, dative subject in infinitive clauses.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à variável <i>sexo/gênero</i>	74
Tabela 2: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à variável <i>escolaridade</i>	76
Tabela 3: Cruzamento <i>faixa etária/escolaridade</i> : variante <i>mim</i>	77
Tabela 4: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à variável <i>faixa etária</i>	79
Tabela 5: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à variável <i>renda</i>	81
Tabela 6: Cruzamento <i>renda/escolaridade</i> : variante <i>mim</i>	82
Tabela 7: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à variável <i>tipo de texto</i>	83
Tabela 8: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à <i>papel semântico do pronome sujeito</i>	86
Tabela 9: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à variável <i>correferência de sujeitos</i>	89
Tabela 10: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à variável <i>função sintática da infinitiva</i>	91
Tabela 11: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à variável <i>tipo de construção</i>	95
Tabela 12: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação a variável <i>natureza semântica do verbo principal</i>	97
Tabela 13: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à variável <i>paralelismo linguístico</i>	99
Tabela 14: Ocorrência de <i>eu</i> , <i>mim</i> e <i>zero</i> em relação à variável <i>tempo verbal da oração principal</i>	100
Tabela 15 – Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>gênero</i>	106
Tabela 16 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>grau de escolaridade</i>	106
Tabela 17 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>faixa etária</i> ..	107
Tabela 18 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>renda</i>	107
Tabela 19 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>tipo de texto</i> ..	108

Tabela 20 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>papel semântico do pronome sujeito</i>	110
Tabela 21 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>correferência de sujeitos</i>	110
Tabela 22 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>função sintática da infinitiva</i>	112
Tabela 23 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>tipo de construção</i>	114
Tabela 24 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>natureza semântica do verbo principal</i>	115
Tabela 25 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>paralelismo linguístico</i>	117
Tabela 26 - Frequência e peso relativo da variante <i>eu</i> em relação a <i>tempo verbal</i>	117
Tabela 27 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação a <i>gênero/sexo</i>	120
Tabela 28 - Cruzamento <i>gênero/escolaridade</i> : variante <i>mim</i>	120
Tabela 29 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação à <i>escolaridade</i>	122
Tabela 30 – Análise <i>mim x zero</i> : frequência de <i>mim</i> em cruzamento <i>idade/escolaridade</i>	122
Tabela 31 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação à <i>faixa etária</i> .123	
Tabela 32 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação à <i>renda</i>	124
Tabela 33 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação a <i>tipo de texto</i>	125
Tabela 34 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação a <i>papel semântico do pronome sujeito</i>	126
Tabela 35 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação à <i>correferência de sujeitos</i>	126
Tabela 36 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação à <i>função sintática</i>	128

Tabela 37 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação a <i>tipo de construção</i>	129
Tabela 38 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação à <i>natureza semântica do verbo principal</i>	130
Tabela 39 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação a <i>paralelismo linguístico</i>	132
Tabela 40 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação ao <i>tempo verbal da oração principal</i>	132
Tabela 41 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação a <i>gênero/sexo</i>	135
Tabela 42 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação à <i>escolaridade</i>	136
Tabela 43 - Frequência e peso relativo da variante <i>mim</i> em relação à <i>renda</i>	136

Lista de gráficos

Gráfico 1: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>sexo/gênero do informante</i>	74
Gráfico 2: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>grau de escolaridade</i>	76
Gráfico 3: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>faixa etária</i>	79
Gráfico 4: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>renda do informante</i>	81
Gráfico 5: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>tipo de texto</i>	84
Gráfico 6: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>papel semântico do pronome sujeito</i>	87
Gráfico 7: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>correferência de sujeitos</i>	89
Gráfico 8: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>função sintática da oração infinitiva</i> ...	92
Gráfico 9: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>tipo de construção</i>	95
Gráfico 10: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>natureza semântica do verbo principal</i>	97
Gráfico 11: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>paralelismo linguístico</i>	99
Gráfico 12: Frequência de <i>eu, mim</i> e <i>zero</i> por <i>tempo verbal da oração principal</i> ...	101

Lista de Quadros

Quadro 1 - Distribuição dos informantes da Amostra Censo por variáveis sociais e identificação do tipo de produção de cada informante em relação a <i>eu/mim/zero + infinitivo</i>	42
Quadro 2 – Informantes que produziram apenas <i>para eu + infinitivo</i>	103
Quadro 3 - Informantes que produziram apenas <i>para mim + infinitivo</i>	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
1 Diferentes abordagens sobre o tema.....	19
1.1 A abordagem da Gramática Tradicional	19
1.2 A abordagem da Gramática Gerativa	21
1.3 A abordagem da Gramática de Construções	24
1.4 A abordagem da Sociolinguística.....	26
2. A perspectiva sociolinguística	30
2.1 O Surgimento da Sociolinguística Variacionista	30
2.2 A Teoria da Variação e Mudança Linguística	32
2.3 Fatores Linguísticos.....	34
2.4 Variação linguística e preconceito.....	36
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	39
1 O Banco de Dados <i>Iboruna</i>.....	39
2 O Programa Estatístico <i>Goldvarb</i>.....	40
3 Os dados que compuseram a amostra.....	41
4 Fatores investigados.....	47
4.1 Fatores Sociais.....	47
4.2 Fatores Linguísticos	54
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS.....	72
1 Resultados da análise ternária	72
1.1 Sexo/gênero	73
1.2 Grau de Escolaridade	75
1.3 Faixa Etária	78
1.4 Renda	80
1.5 Tipo de Texto	83
1.6 Papel semântico do pronome sujeito	85
1.7 Correferência de sujeitos	88
1.8 Função sintática da oração infinitiva	91
1.9 Tipo de construção	94
1.10 Natureza semântica do verbo principal	96
1.11 Paralelismo linguístico	98
1.12 Tempo verbal da oração principal	100
2 Resultados das formas em combinações produzidas por grupos de informantes	101
2.1 Dados exclusivamente de “eu”, de “mim” e de “zero”	102

2.2 Resultados dos dados de <i>eu x zero</i>	105
2.2.1 Fatores Sociais.....	106
2.2.2 Fatores Linguísticos	108
2.2.3 Síntese da análise de dados de <i>eu x zero</i>	118
2.3 Resultados dos dados de <i>mim x zero</i>	119
2.3.1 Fatores Sociais	119
2.3.2 Fatores Linguísticos	124
2.3.3 Síntese da análise de dados de <i>mim x zero</i>	133
3 Resultados da análise de dados com preenchimento de sujeito	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142

INTRODUÇÃO

É bem conhecido, no português brasileiro, o uso da forma oblíqua do pronome de 1ª pessoa do singular como sujeito de orações infinitivas introduzidas por *para/pra*, conforme exemplificado no trecho de fala abaixo:

- 1) aí eu comentei lá em casa com a minha mã::e meu pa::i meu irmão e todos eles **deram... incentivo pra mim fazê(r) né?... pra mim prestá(r) a prova... né?... só que aí:: tinha só um dia... pra mim fazê(r) a... a inscrição** então... tive que corrê(r) atrás de::... histórico escolar:: fu/ éh:: foi bem corrido (AC-053, L 10)

Como também se sabe, o uso da forma *mim* como sujeito dessas orações é forma pertencente ao chamado português não padrão e pode ser alvo de estigma social, em contraposição à forma reta do pronome, ou mesmo de anáfora zero, como nas ocorrências abaixo, alternativas não estigmatizadas já que estão de acordo com as normas da variedade culta do português brasileiro.

- 2) NÓS ficamos lá:: e eu tentei encontrá(r) alguma coisinha pra mim né? de::... presente... que a minha cunhada tinha me dado dinhe(i)ro **pra eu comprá(r)**... não enconTRE::I... (IBORUNA – AC/013)
- 3) Cal/ o é de Caldas ou de Poços de Caldas num sei que eu vô(u) lá às vezes **pa Ø andá(r)** a cava::lo pra **pra Ø fazê(r)** um monte de coisa... (IBORUNA – AC/001)

Apesar de no português atual ser alvo de estigma¹, a construção em que um objeto oblíquo é também sujeito de uma oração é bastante antiga na língua e já existia, inclusive, no latim. Segundo Torrent (2005; 2008), os gramáticos da língua latina Ernesto Faria, Alfred Ernout e François Thomas registram a existência de um Dativo Agente comumente usado com o gerundivo que indicaria “uma obrigação para tal

¹ A fim de comprovar essa hipótese, o grau de estigma das formas na comunidade investigada teria de ser atestado, a partir, por exemplo, de testes de percepção (Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (1972)) que permitissem captar o grau de avaliação subjetiva das construções com *para mim + infinitivo*. Dados os limites de um programa de Mestrado, porém, o grau de estigma não pôde ser analisado empiricamente; portanto essa afirmação resulta de percepção de como a variante se encaixa na comunidade, à qual a pesquisadora inclusive pertence como falante nativa.

pessoa” (Faria, 1958 apud TORRENT, 2005). Ernout & Thomas (1953), conforme citado por Torrent (2005), afirmam que o Dativo Agente designa o emprego do dativo como complemento da passiva ou de informações ligadas a esta e acrescentam:

Dativo complemento do adjetivo verbal em *-ndus*: trata-se de um dativo de interesse indicador de a quem uma dada obrigação se destina: Pl. Am. 891: *faciendum est mihi illud... quod illaec postulat “ele me faz fazer aquilo que ele pede”*, literalmente *“há para mim uma coisa a fazer”*... (Ernout & Thomas, 1953:74 apud TORRENT, 2005).

Os latinistas em questão já reconheciam, portanto, a sobreposição no Latim das funções de Beneficiário e Agente em um único elemento formal. Para Torrent (2005), os exemplos citados poderiam ser traduzidos como um caso de Dativo com Infinitivo (DCI):

Ao invés de dizermos que *‘ele me faz fazer aquilo que ele me pede’* ou *‘há para mim uma coisa a fazer’* podemos dizer que *‘é pra mim fazer o que ele pede’* ou ainda *‘ele pede pra mim fazer as coisas’*. Acreditamos, inclusive, que tais traduções respeitam mais a estrutura original latina, uma vez que a Construção em questão construía-se com Gerundivo, forma nominal que, conforme Faria, substituíam o Gerúndio quando este deveria acompanhar o Dativo. O mais interessante, porém, é o fato de que, em Latim, o Gerúndio era uma flexão do Infinitivo, empregada quando este não estava acompanhando formas nominativas (FARIA, 1958:458). Sendo assim, temos que, em última instância, era o Gerundivo uma forma de expressão do Infinitivo, tendo permanecido, no Português, esta última. (TORRENT, 2005, p. 65-66).

A Construção do DCI já existia, portanto, em Latim, porém com o Gerundivo ocupando o lugar hoje preenchido pelo Infinitivo.

Torrent (2005) também informa que, segundo Faria (1958), o Gerundivo poderia se especializar em indicar uma obrigação existente para uma pessoa, a qual vinha sempre assinalada como Dativo Agente. Um exemplo dessa afirmação se encontra no verso 105 do ato I da Aululária, de Plauto, em que Euclião é obrigado a deixar sua casa:

“Occlude sis fores ambobus pessulis iam ego hic ero discrucior animi, quia ab domo abeundum est mihi”. (PLAUTO, Aul., I, 105). As traduções desse trecho encontradas por Torrent (2005) evitam o uso do DCI e apresentam-se, em grande parte, como a que se segue, feita por Walter de Medeiros e publicada pela Editora da UnB em 1994: “São as penas do inferno que eu sinto na alma, só por ter de sair de casa. E – raios! – é bem contra vontade que eu saio”. Conforme destaca Torrent, porém, parece mais próximo da construção original latina traduzir o referido verso como ‘... só porque é *pra mim sair de casa*’. Percebe-se, assim, a recusa em se usar a construção de dativo com infinitivo em textos escritos do português, um indício de seu estatuto não condizente com o que se configura o português padrão culto.

O uso do Dativo Agente, conforme Ernout e Thomas (1953 apud TORRENT, 2005), se estendeu no período imperial aos tempos do Inflectum e tornou-se mais comum na Literatura, o que pode ter resultado nas inúmeras possibilidades de construções com o DCI que existem hoje em português, tanto estigmatizadas quanto não estigmatizadas.

Embora o uso da forma *mim* seguida de infinitivo seja bastante antigo e recorrente nas variedades populares do português brasileiro atual, poucos são, entretanto, os estudos que tratam do fenômeno, principalmente em perspectiva sociolinguística. Com este estudo pretende-se, assim, analisar a ocorrência de *mim* como sujeito de orações infinitivas introduzidas por *para* no português falado na região de São José do Rio Preto, uma variedade na qual o fenômeno ainda não fora investigado e na qual se pode perceber clara avaliação negativa ao uso dessa construção, principalmente por falantes mais escolarizados. O propósito com esta pesquisa é, portanto, analisar os fatores sociais e linguísticos que possam estar correlacionados ao uso das variantes envolvidas na construção, com vistas a se caracterizar o estatuto da possível variação entre as formas pronominais *eu*, *mim* e *zero* em orações com *para* + verbo no infinitivo (doravante, *pVI*) e definir, com essa investigação, se se estaria diante de um caso de variação estável ou de mudança em curso na variedade paulista investigada.

No âmbito da perspectiva variacionista quantitativa, as análises serão pautadas pelos princípios da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972) e por seu pressuposto teórico básico de que a língua

deve necessariamente ser estudada em seu contexto social, já que, como fenômeno intrinsecamente social que é a língua, não se deve desvincilhá-la de seu uso nos diferentes contextos, como o contexto histórico, regional, etário e social.

Os usos da língua em diferentes contextos sociais dão origem às diferentes formas de se dizer algo, ou seja, à variação linguística. Entretanto, ainda predomina a ideia de que existe uma única forma correta de falar, baseada na gramática normativa e geralmente usada por aqueles que apresentam nível mais elevado de escolaridade e poder aquisitivo. Essa crença faz com que as demais formas sejam tratadas como erro e vistas com preconceito, o que acentua ainda mais a exclusão social no país. Por este motivo, os estudos sociolinguísticos oferecem importante contribuição no sentido de combater o preconceito linguístico, já que busca descrever e caracterizar as variações, relativizando a noção de erro e mostrando que não há apenas uma forma “correta” de se dizer algo.

Acredita-se, assim, que a principal justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa encontra-se nas contribuições que ela poderá trazer para os estudos sociolinguísticos do português brasileiro de modo geral e para o melhor conhecimento da distribuição sociolinguística do fenômeno a ser investigado, bem como da variedade que se pretende descrever, tanto por parte da comunidade científica, quanto pela própria comunidade de fala analisada. Em termos mais específicos, a pesquisa justifica-se pelo fato de o fenômeno ainda carecer de estudos sociolinguísticos no português brasileiro e, na variedade investigada, ainda não ter sido tratado, conforme será detalhado adiante.

Em razão do estigma que se percebe na comunidade a ser investigada em relação ao emprego da forma *mim* como sujeito na oração com *pVI*, a principal hipótese deste estudo é a de que se encontre, para o fenômeno em análise, uma situação de variação com encaixamento social indicativo de uma mudança em curso. Assim, conforme previsto pelos estudos variacionistas de base laboviana, espera-se que, quantitativamente, as análises revelem maior predomínio da variante estigmatizada na fala de informantes mais jovens, do gênero masculino e/ou com baixo grau de escolaridade.

Ocorre também, entretanto, que a forma *mim*, na variedade investigada, não se opõe somente à forma *eu* como sujeito de orações infinitivas, mas também ao *zero anafórico* (\emptyset), de uso não estigmatizado, de modo semelhante ao que ocorre em outras

variedades do português brasileiro, a exemplo da fala carioca, conforme descrito no estudo de Figueiredo (2007), aparentemente o único estudo em perspectiva sociolinguística variacionista sobre a construção *para mim/eu/Ø* + infinitivo desenvolvido nos últimos anos no Brasil. Assim, paralelamente à variação entre *mim* e *eu*, analisamos neste trabalho a ocorrência de *zero anafórico* como forma variante de *mim* em construções *pVI*.

Para apresentação dos propósitos aqui descritos, previstos para o desenvolvimento desta pesquisa, esta dissertação encontra-se organizada da forma como se descreve a seguir.

No capítulo I, apresenta-se a revisão bibliográfica sobre o tema, que inclui uma síntese de tratamentos dados ao fenômeno. Na abordagem da gramática tradicional, é constatado o estigma que o pronome *mim* recebe quando em posição de sujeito de orações infinitivas. Para a gramática gerativa, a construção *pVI* consiste numa marcação excepcional de caso, originada pela reanálise da preposição *para* como complementizador. Diferentemente, no âmbito da gramática de construções, a proposta é que a construção de dativo com infinitivo teria se originado a partir de duas construções distintas do Latim, com predomínio de uma delas. São realizadas, também, ainda neste capítulo, algumas considerações a respeito da abordagem da sociolinguística variacionista, que fundamenta a realização desta pesquisa.

No capítulo II, são detalhados os procedimentos metodológicos adotados para a realização da investigação, que contou com dados extraídos do banco de dados IBORUNA. Nesse capítulo, detalha-se a composição da amostra e indica-se quais foram os fatores sociais e linguísticos estudados. Também são discutidos alguns conceitos sobre o programa estatístico utilizado para que se pudessem analisar quantitativamente os resultados, seguindo-se os pressupostos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança de linha laboviana.

No capítulo III, são apresentados e discutidos os resultados das análises dos dados. Primeiramente, apresentam-se os resultados da análise ternária das variantes *eu*, *mim* e *zero*, que já indicam a baixa ocorrência do pronome reto em posição de sujeito de orações *pVI*, além de evidenciarem que seu uso está fortemente atrelado ao prestígio social do falante. Em seguida, são relatados os resultados das diferentes combinações entre as formas variantes que foram efetivamente produzidas no *cópus*, a partir da

discussão do comportamento dos fatores apontados como significativos para cada combinação. A partir desses resultados, verificou-se que, na variedade investigada, há maior probabilidade de que a forma *mim* esteja em variação com o *zero anafórico*, forma menos marcada e estigmatizada, já que não há variação estável entre *eu* e *mim*, mas uma mudança em curso em direção à variante não padrão já bastante avançada, conforme se demonstrará, em razão do baixo número de ocorrências da forma *eu* e de suas restrições em termos de contexto de uso e de perfil social dos indivíduos que a utilizam.

A última parte do texto contém as principais conclusões a que se pode chegar com o desenvolvimento das análises empreendidas, bem como alguns apontamentos de possíveis caminhos para estudos futuros sobre o fenômeno investigado.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Diferentes abordagens sobre o tema

1.1 A abordagem da Gramática Tradicional

O emprego da forma oblíqua em orações infinitivas iniciadas por *para* é explicitamente condenado pelas gramáticas normativas tanto atuais quanto de tempos mais remotos, o que reforça o estigma social atrelado ao seu uso no português brasileiro. Em Ribeiro (1911), por exemplo, encontramos a afirmação de que, quando a frase infinitiva serve de complemento a uma preposição, antepõe-se geralmente o sujeito, como em “para eu comer” (p. 254).

Figueiredo (1913) afirma que o pronome subjetivo *eu* antecede, em regra, o verbo, e que, curiosamente, o pronome pessoal *eu, me, mim* tem só uma forma na língua angolense ou no quimbundo: *ami*. Assim, estes falantes antepõem naturalmente ao verbo as formas que ouviu dos Portugueses: *eu, me, mim*; “e, quando chega a fingir que fala português, já diz: ‘*Mim também gosta di sinhô*’” (p. 123).

Ao tratar dos dialetos portugueses, Maciel (1914) afirma que o português que se fala no Brasil revela certos processos de “construção irregular, próprios dos brasileiros, principalmente no trato familiar”, como em “isto é para mim ver” (p. 400). O autor também trata da estrutura *para mim* + infinitivo dentre os “vícios de construção sintática” já que, segundo o autor, a construção infringe regras sintáticas.

Rocha Lima (1972) afirma ser o uso de *mim* como sujeito de infinitivo um “erro comum”, expressão pertencente à linguagem coloquial, “não fixada na norma culta” (p. 285).

Cegalla (1985) expõe alguns usos “corretos” dos pronomes *eu* e *mim* e ressalta, ao fim, que o pronome reto é empregado quando temos um sujeito de um verbo no infinitivo:

Ele deu o livro *para mim*.

Ele dera o livro *para eu* guardar. (**E não**: *para mim* guardar.)

Não é difícil, *para mim*, ir lá. (= *para mim* não é difícil ir lá).

Fizeram tudo para eu ir lá. [...] (CEGALLA, 1985, p. 459; negrito acrescentado).

Cunha e Cintra (1985), de outro modo, fazem uma observação sobre a construção com *mim* explicando-a como resultado do cruzamento de “Isto não é trabalho para eu fazer” e “Isto não é trabalho para mim”, que resulta em “Isto não é trabalho para mim fazer”. Os autores informam que a construção parece ser desconhecida em Portugal, mas que “no Brasil ela está muito generalizada na língua familiar, apesar do sistemático combate que lhe movem os gramáticos e os professores do idioma” (p. 290).

Macedo (1991) afirma que a função de sujeito deve ser exercida por pronomes retos e recomenda o uso de “ele trouxe o livro para eu ler” ao invés de “ele trouxe o livro para mim ler” (p. 142).

Em Bechara (1999) também se encontra a indicação de que, em orações infinitivas com a preposição *para*, o pronome em posição de sujeito deve estar na forma reta, conforme a norma gramatical, a qual o autor esquematiza do seguinte modo:

Isto é para eu fazer – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usando as formas retas *eu* e *tu* e não *mim* e *ti*:

Isto é para mim (a preposição rege o pronome).

Isto é para eu fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que eu faça).

(BECHARA, 1999, p. 566)

Percebe-se, portanto, que a construção *para mim* + *infinitivo* tem sido alvo de atenção de diversos gramáticos e linguistas nos últimos tempos, mas para a gramática normativa, a forma *eu* é ainda a única indicada para assumir a posição de sujeito desta construção na variedade padrão da língua.

Outro ponto interessante indicado por alguns dos gramáticos consultados a respeito do pronome *mim* diante de verbos no infinitivo é sua aparente exclusividade no português brasileiro e, conseqüentemente, sua provável origem em dialetos africanos do português, em vez de no português europeu. Dados os propósitos e limites deste

trabalho, infelizmente, essas questões não serão aprofundadas aqui, e ficam de antemão indicadas como temas para serem desenvolvidos em futuros trabalhos sobre o assunto.

1.2 A abordagem da Gramática Gerativa

No âmbito da gramática gerativa, Pereira e Roncarati (1993) explicam a ocorrência de *mim* como sujeito de orações infinitivas introduzidas por *para* como “marcação excepcional de caso”, promovida pela reanálise de *para* como complementizador, mas guardando suas propriedades atribuidoras de caso. As autoras acrescentam que essa reanálise de *para* como complementizador não foi verificada com nenhuma outra preposição e que se encontra mais avançada no dialeto não-padrão.

Essa mesma explicação é dada por Mito et al. (2007) a respeito das construções com *mim* em posição de sujeito. Inicialmente, os autores apresentam uma situação de marcação de caso canônica, isto é, os núcleos marcam seu complemento ou especificador, como em (4):

- 4) a. A menina vigiou o namorado para a amiga.
b. **Ela o** vigiou para **mim**.

Em (4a), a menina recebe o caso *nominativo* da flexão finita que aparece amalgamada ao verbo; o namorado recebe o caso *acusativo* do verbo, e a amiga recebe *oblíquo* da preposição, explicam os autores. Essa marcação fica evidenciada em (4b), onde os pronomes refletem explicitamente os Casos que têm os DPs (*Determinant Phrases*).

Em seguida, Mito et al (2007) mencionam outro processo de marcação de caso, conhecido como marcação excepcional de caso (ECM, do inglês *Exceptional Case Marking*). Os autores explicam que a ECM se distingue da marcação canônica por envolver um núcleo que atribui Caso a argumentos de outro núcleo.

Os autores fazem uma discussão sobre as sentenças infinitivas ressaltando que o português dispõe de infinitivo pessoal, o que possibilita a marcação de caso nominativo em posição de Spec AgrP (posição especificadora de concordância). Em seguida,

exemplificam a marcação canônica e a marcação excepcional de caso com duas frases semelhantes (5):

- 5) a. A Maria fez palhaçadas para eu rir.
- b. A Maria fez palhaçadas para mim rir.

Para Miotto et al (2007), (5a) não incomoda porque se trata de uma marcação canônica de Caso; já em (5b), o complemento da preposição não é apenas o pronome *mim*, mas uma sentença infinitiva, que em princípio não necessitaria de marcação casual. O que está sendo marcado por Caso pela preposição é, na verdade, o pronome *mim*, argumento externo de *rir*. Nas palavras dos autores,

Embora gramáticos tradicionais policiem ferozmente os falantes para não produzirem (5b), esta sentença é gramatical. O que incomoda profundamente esses gramáticos é o fato de o pronome – argumento externo do verbo *rir* – aparecer na forma oblíqua *mim*. Em termos mais técnicos, o incômodo resulta de uma atribuição de Caso que envolve a preposição como núcleo atribuidor e o DP preenchido pelo pronome como receptor. O pronome não consegue disfarçar que se trata do Caso OBLÍQUO e que se trata de ECM (MIOTTO et al, 2007, p.186).

Também na perspectiva da Gramática Gerativa, Carvalho (2008), por outro lado, assume que esta alternância entre *para eu fazer* e *para mim fazer* seja resultado de uma simplificação morfológica do sistema pronominal do português brasileiro. Segundo o autor, “os exemplos de PB nos guiam para um paradigma pronominal mais simples, baseado somente no reflexo de seus traços de pessoa, número e gênero, já que Caso aparentemente não seria suficiente para fazer tal diferenciação entre as formas pronominais” (p. 32). Desta forma, a alternância entre os pronomes *mim* e *eu* em orações *pVI* é explicada por entre eles não haver diferença de traços de pessoa, número e gênero, mas apenas uma diferença de Caso, um traço pouco relevante em português e que explicaria a gramaticalidade da forma *mim* como sujeito nessas construções.

Carvalho (2008) traça, ainda, um paralelo dessa variação com a língua inglesa, como uma forma de mostrar que o que acontece com os pronomes em PB não pode ser visto como idiosincrasia, mas um fenômeno ligado aos módulos universais da gramática, já que, em orações infinitivas encaixadas, o inglês permite somente a forma acusativa do pronome como sujeito encaixado (ECM), não permitindo a forma nominativa: *For me/*I to play*.

Para o autor, as propostas de Pereira e Roncarati (1993) e, conseqüentemente, as de Miotto et al (2007) apresentam certa inconsistência, seja pela afirmação da presença de um elemento atribuidor do Caso nominativo apenas em (5a), sendo (5b) uma sentença idêntica, seja pela impossibilidade de generalização de tais propostas quando confrontadas com os exemplos em (6), sentenças gramaticais, ainda que menos frequentes, nas quais a forma nominativa do pronome aparece após preposições sem que seja seguida por um verbo no infinitivo:

- 6) Ela deu um presente *pra eu*.
Você não tinha falado *com eu*.
Ela puxou na cabeça *deu*.

Para Carvalho, em (6), a variação das formas do pronome de primeira pessoa do singular é causada pelo processo de valoração dos traços desses pronomes por *para*, não havendo necessidade de se apelar para nenhum elemento casual presente no verbo infinitivo:

Para, da mesma forma que *for*, no inglês, sofreu um processo de reanálise em algum momento de seu percurso histórico e consolidou-se na língua como um complementizador (cf. CARVALHO, 2006). Diferentemente dos outros complementizadores em PB, entretanto, *para* ainda carrega traços oblíquos, o que possibilita a concordância deste com pronomes mais especificados nesta língua, o que não ocorre com complementizadores “finitos”, tais como *que* e *se* (cf. CARVALHO, 2007.) (CARVALHO, 2008, p. 139-140).

Carvalho afirma, por fim, que a tradicional explicação para a distribuição casual dos pronomes pessoais em PB parece pouco convincente, uma vez que não há uma relação um-para-um entre pronomes e Caso, e propõe que um pronome deve ser o resultado da combinação de estruturas componentes mais atômicas das categorias *pessoa*, *número* e *gênero*, como as noções de *subespecificação*, *animacidade*, *participante* e *falante*, por exemplo. Essa análise de Carvalho (2008) é mais convincente e, aparentemente, mais coerente, do ponto de vista da mudança gramatical, do que a de Miotto et al (2007).

A abordagem da gramática gerativa em relação ao uso de *para mim/eu* + infinitivo, portanto, baseia-se apenas em características formais, condizentes com os objetivos mais amplos da própria teoria. Entretanto, neste trabalho, assumimos o pressuposto de que a língua não deve ser separada de seu uso nos diferentes contextos sociais, desse modo, os usos das variantes devem ser correlacionados a fatores internos e externos ao sistema linguístico.

1.3 A abordagem da Gramática de Construções

No campo do Sociocognitivismo, Torrent (2005) analisa a estrutura *para mim* + *infinitivo*, construção de dativo com infinitivo (DCI), adotando duas perspectivas: uma sincrônica, percorrendo o caminho da recapitulação sintática de *para* + *mim* + *infinitivo*, e outra diacrônica, a perspectiva histórica. Seguindo o modelo sociocognitivista e o conceito de Construção² de Goldberg (1995), Torrent propõe uma construção, o DCI, cujo esquema sintático é *para x infinitivo*, que teria se originado a partir de duas construções distintas do Latim, como explanado na introdução desta dissertação: a de cláusula de finalidade e a de Dativo Agente, as quais se mesclaram em uma única construção devido a uma convergência formal.

A proposta de Torrent (2005) é a de que o DCI tenha surgido por meio de um processo de Herança por Mesclagem entre as construções Transitiva Transferencial (fonte 1) e a Transitiva Básica do Português (fonte 2) e que, neste processo, tenha

² Nas palavras de Goldberg, “C é uma Construção se C é um par forma-sentido <Fi, Si> de tal forma que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não é estritamente preditível a partir das partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas” (1995, p. 4).

ocorrido uma compressão de dois Papéis Temáticos em um único elemento da Mescla. Nas palavras do autor:

esta compressão é o centro do processo de herança do DCI. É ela que o torna uma Construção diferente daquelas às quais está ligada, já que é através desta compressão que surge a possibilidade de representar um evento em que um dado participante seja, ao mesmo tempo, Beneficiário e Agente (p. 53).

Torrent atestou que, apesar de as ocorrências do esquema *para x infinitivo* apresentarem traços particulares, todas mantêm três características fundamentais: (a) a existência de um elemento formal em que são comprimidos e mesclados os papéis de Beneficiário e Agente, ou Experienciador; (b) o esquema de significado da construção que aponta para um evento que se constitui em uma resultante virtual de uma ação ou de um contexto e; (c) a noção de finalidade emergente no esquema de significado do DCI. (TORRENT, p. 56).

O autor ressalva que, apesar de estar utilizando exemplos do esquema sintático *para x infinitivo* em que a posição de *x* é ocupada pelo *mim*, não propõe que o uso de tal pronome seja condição definidora da construção, “trata-se apenas de uma das possíveis instanciações, na qual o elemento que acumula as funções de Beneficiário e Agente vem marcado morfológicamente como Dativo” (p. 60).

O autor conclui que a ocorrência de pronomes dativos na posição de *x* é apenas uma forma de reforçar morfológicamente a atribuição de caso dativo a este elemento, a qual é feita sintaticamente através da preposição *para* e denunciada pela ausência de concordância deste elemento com o infinitivo, conforme ocorria em Latim com o gerundivo. Além disso, Torrent (2005) afirma que, por ser uma construção, o dativo com infinitivo possui elementos semânticos próprios que o diferenciam de outras construções da língua, quais sejam, o estabelecimento de um beneficiário agente ou experienciador em um espaço mental que representa a resultante virtual de uma dada ação ou do contexto, e a noção de finalidade emergente em seu esquema de significado.

Percebe-se, portanto, que a explicação de Torrent sobre a origem da forma *mim* em construções *pVI* tem maior foco no significado mais amplo da estrutura originada. A proposta de Carvalho (2008), do ponto de vista gerativista, também recorre a aspectos

de mudança da forma, já que explica o desenvolvimento da preposição *para* como complementizador, mas tem seu foco principal na explicação para a presença do pronome *mim* na construção, e menos em seus significados resultantes.

Para o fenômeno em estudo, ambas as abordagens são consideradas relevantes e complementares, já que permitem olhar conjuntamente para a forma e para o significado das construções *pVI*, na busca de melhor compreender o funcionamento que exibem na variedade do PB investigada. Assim, as descobertas de Torrent serão utilizadas nesta pesquisa, principalmente no que diz respeito ao conceito de construção e à análise de expressões formadas a partir do dativo com infinitivo, conforme será mais bem detalhado adiante.

1.4 A abordagem da Sociolinguística

No âmbito da Sociolinguística, Marcos Bagno trata do uso do pronome *mim* como sujeito de infinitivos em alguns trabalhos, como em *A Língua de Eulália* (2006), *Não é errado falar assim!* (2009) e *Gramática pedagógica do português brasileiro* (2011). Em *A Língua de Eulália*, sua intenção foi expor três explicações científicas para o uso de *mim* como sujeito de infinitivo, que sintetizam e levam em conta as abordagens linguísticas sobre o assunto, apresentadas nas seções anteriores. Dessa forma, o autor apresenta as três hipóteses, sendo a primeira delas a do *cruzamento sintático*:

A primeira hipótese tenta explicar essa construção atribuindo-a a um cruzamento sintático...

(1) João trouxe um monte de livros para mim.

(2) João trouxe um monte de livros para eu escolher.

Na tentativa de dizer as duas coisas num enunciado só, o falante cruza as duas frases e obtém uma terceira, que é algo assim como uma síntese, um resumo das informações contidas nas duas anteriores.

(3) João trouxe um monte de livros para mim escolher.

(...) o resultado da soma das duas primeiras frases seria: “João trouxe um monte de livros para mim, para eu escolher”, mas aquela tendência que a língua tem à economia, ao enxugamento, leva o falante a dizer as duas coisas de uma vez só. Essa frase (3) deixa bem claro que João trouxe os livros para mim, e não para qualquer outra pessoa, e que trouxe para eu escolher, e não para eu guardar, vender ou copiar. (BAGNO, 2006, p. 182)

Ao apresentar esta primeira hipótese, Bagno (2006) focaliza a ocorrência do cruzamento sintático por meio do qual duas expressões se resumem em uma, o que o autor chama de *braquiologia*. Essa explicação é semelhante à de Cunha e Cintra (1985), exposta anteriormente, e recobre os casos dos pronomes que, neste trabalho, serão classificados com função semântica ambígua (agente/beneficiário), como será detalhado adiante, no capítulo de Metodologia. Bagno também ressalta que *mim* é um pronome tônico, que se destaca foneticamente dentro do enunciado, e que ao usar *mim* e não *eu*, átono, o falante está dando uma *ênfase afetiva* a seu enunciado, deixando claro seu interesse. Apesar dessa discussão feita por Bagno (2006), nesta pesquisa não se considera que o valor de ênfase afetiva impeça que *mim* e *eu* sejam consideradas variantes de uma mesma variável na expressão da 1ª pessoa do singular em construções com *para*, principalmente porque uma variante, em sentido clássico, diz respeito a “duas formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2001 [1986], p. 08). Então, sem desprezar o possível efeito pragmático (de afetividade) que pode suscitar o uso de *mim*, consideramos neste estudo que, de uma perspectiva sociolinguísticas, *eu* e *mim* podem ser consideradas variantes para a expressão de 1ª pessoa do singular nas construções com *para* + infinitivo.

Em seguida, Bagno (2006) expõe sua segunda hipótese, a qual intitula “*ganha quem chegar primeiro*”:

A segunda hipótese diz assim: “fica com a vaga quem chegar primeiro”. (...)

João trouxe um monte de livros para [] escolher.

Na produção deste enunciado, quem aparece primeiro, na fala, é a preposição *para*.

Ora, existe uma regra na língua que diz: “depois de preposição, pronome oblíquo”.

Também existe uma outra regra que diz: “na função de sujeito de um verbo, o pronome deve figurar no caso reto”. São duas regras para serem obedecidas. A qual delas o falante vai obedecer? À que veio primeiro, à que foi acionada em primeiro lugar. Uma vez ocupada a vaga, conforme a primeira regra, a segunda regra perde a chance de se impor. Estabelece-se uma hierarquia por ordem de chegada. Então o que temos é uma vaga para dois candidatos, ambos exercendo uma pressão para preencher a lacuna:

João trouxe um monte de livros para [] escolher.

A preposição *para*, por ter chegado primeiro, pôde empurrar para dentro do espaço vago o pronome *mim*, que ela rege. O infinitivo, coitadinho, ficou a ver navios.

Resultado: João trouxe um monte de livros para *mim* escolher.

(BAGNO, 2006:183)

Bagno (2006) atribui ao uso de *mim* como sujeito de infinitivo a ocorrência das duas hipóteses ao mesmo tempo. Nas palavras do autor: “o cruzamento sintático, tentando oferecer uma síntese das informações, e a exigência de obliquidade do pronome por parte da preposição, que chegou primeiro, podem agir ao mesmo tempo para produzir esse tipo de construção sintática” (p. 184). Conforme visto nas seções anteriores, essa noção de que a preposição rege o pronome oblíquo também é apresentada pela Gramática Gerativa.

O autor apresenta, então, uma terceira hipótese para o uso de *mim* como sujeito de infinitivo, denominada por ele “*deslocamentos possíveis*”:

É a hipótese da generalização da possibilidade de deslocamento... (...)

Existem situações em que o “para mim” aparece diante de um infinitivo, sem que isto constitua um “erro” do ponto de vista da norma-padrão. Observe...

(4) É muito difícil para mim fazer isso sozinho.

À primeira vista, parece que essa frase contém um “erro”, não é? Mas é fácil provar que ela não está desrespeitando nenhuma regra da norma-padrão. Basta a gente retirar o PARA MIM do lugar onde ele está e deslocá-lo ao longo do enunciado.

Vamos ver que ele se encaixa direitinho em outros lugares:

(4a) Para mim é muito difícil fazer isso sozinho.

(4b) É para mim muito difícil fazer isso sozinho.

(4c) É muito difícil fazer isso sozinho para mim.

O que acontece aqui é que o infinitivo *fazer* é o sujeito da oração *é muito difícil*. Mas para quem ouve a frase (4) enunciada num ritmo normal pode parecer que *mim* é que é o sujeito do infinitivo *fazer*... Aqui, o *para mim* tem o sentido de “na minha opinião”, “no que me diz respeito”. Agora vejam só o que acontece com outro enunciado que usa as mesmas palavras de (4):

(5) Isso é muito difícil para mim fazer sozinho.

Se tentarmos deslocar o PARA MIM como fizemos em (4), vamos obter o seguinte:

(5a) * Para mim isso é muito difícil fazer sozinho.

(5b) * Isso é para mim muito difícil fazer sozinho.

(5c) * Isso é muito difícil fazer sozinho para mim.

(...) Enunciados desse tipo simplesmente nunca são produzidos por nenhum falante de nenhuma variedade, nem as menos cultas. Porque em (5), é impossível separar o PARA MIM do verbo FAZER. Nesse enunciado o *para mim* nada tem a ver com “na minha opinião”. Os falantes cultos, no entanto, reconhecendo que enunciados do tipo (4) estão de acordo com a norma padrão generalizam essa possibilidade de ocorrência de PARA MIM + INFINITIVO e passam a aplicar essa regra em todos os enunciados aparentemente semelhantes. Afinal, a única diferença aparente entre (4) e (5) é o arranjo das palavras, a ordem que elas ocupam no enunciado.

(BAGNO, 2006: 184-185)

Bagno (2006) encerra esse seu raciocínio afirmando que os critérios de certo e errado não funcionam de forma rígida, como pretendem os tradicionalistas. Segundo o

autor, antes de produzir seus enunciados, o falante não verifica as possibilidades de deslocamento de *para mim* e o significado desse sintagma para depois avaliar se ele pode ou não vir antes do infinitivo. Mas, para o autor, se uma determinada construção cumpriu sua missão num determinado enunciado, não há razão para que não funcione novamente em outros enunciados semelhantes (BAGNO, 2006, p. 187). Dessa forma, Bagno explica a generalização da aplicação de *para mim + infinitivo* a partir do uso de “para mim” com sentido de “na minha opinião” diante de um infinitivo, uso que não desrespeita nenhuma regra do ponto de vista da gramática normativa.

Por fim, alinhado a uma perspectiva sociolinguística, o autor se diz favorável a um ensino crítico da norma-padrão, que mostre que a forma *para eu + infinitivo* não tem, linguisticamente, nada de mais bonito, lógico ou coerente que as variedades usadas pelos falantes menos cultos ou analfabetos, mas que goza de prestígio, uma vez que é utilizada por uma minoria capaz de influenciar nas decisões políticas, econômicas, educacionais e culturais do país.

Apesar de apresentar essas três explicações para o uso de *mim* com sujeito de orações infinitivas, o autor assume que, para explorar o uso real desta construção, é preciso ainda uma análise quantitativa sobre o tema em que se utilizem dados reais, colhidos em pesquisa de campo, analisados segundo uma metodologia criteriosa.

Um dos poucos estudos sociolinguísticos de natureza quantitativa sobre o tema de que se tem conhecimento até aqui é o de Figueiredo (2007), que investigou a variação entre as formas de primeira pessoa do singular como sujeito de orações infinitivas iniciadas por *para* na fala carioca. Segundo o autor, como a forma de prestígio (o pronome reto *eu*) não ocorre em registros menos formais, a alternativa que se apresenta ao falante é anular a presença do sujeito (*para Ø comprar*). Desse modo, em sua dissertação, Figueiredo analisa a variação entre o pronome *mim* e sua ausência na estrutura *para Primeira Pessoa do Singular Infinitivo*. O autor utilizou, para isso, duas amostras de fala do Projeto PEUL/UFRJ, Censo e Tendências, e estudou a variação em dois momentos da língua, analisando a mudança linguística que ocorre em um curto espaço de tempo: o período de vinte anos que separa os dois estágios da língua registrados na amostra.

As análises empreendidas no estudo de Figueiredo indicaram como fatores linguísticos relacionados à variação os seguintes: a função sintática da oração infinitiva,

o paralelismo sintático no contexto de ocorrência das variáveis, o tipo de texto e a modalidade de uso das formas, a correferência de sujeitos nas orações e a natureza semântica do verbo da oração principal. Como fatores sociais, a análise indicou idade e escolaridade em primeiro lugar e, com menor grau de relevância para a variação, o gênero do informante.

Em suma, Figueiredo (2007) comparou os dois momentos (1980 e 2000) e mostrou que os contextos linguísticos continuaram a exercer o mesmo efeito na distribuição das variantes. Demonstrou, também, que a mudança “ocorre em decorrência de pressões sociais contraditórias: a pressão do prestígio aberto, imposta cada vez mais pela instituição escolar, que estigmatiza *para + mim + infinitivo*, e a pressão do prestígio encoberto que tenta manter a forma estigmatizada” (FIGUEIREDO, 2007, p. 110). Seu trabalho evidencia ainda que a gramática normativa não retrata o uso real da língua, uma vez que os falantes cariocas não produzem a forma *eu* de modo estatisticamente relevante. Desse modo, Figueiredo (2007) sugere que a escola deveria considerar a língua falada, preparando o aluno para adequar o seu uso às diferentes situações sociais.

Por ser esse estudo de Figueiredo, conforme já mencionado anteriormente, o único estudo sociolinguístico conhecido sobre a variação em *para x + infinitivo*, os resultados da pesquisa aqui desenvolvida serão comparados aos do autor, a fim de verificar as diferenças entre as duas variedades estudadas. Assim, o estudo de Figueiredo será retomado e seus resultados serão mais detalhados ao longo desta dissertação.

Feita essa apresentação sobre diferentes abordagens sob as quais o fenômeno em estudo já fora tratado, passamos à exposição da fundamentação teórica que orienta o desenvolvimento da pesquisa: a sociolinguística variacionista.

2. A perspectiva sociolinguística

2.1 O Surgimento da Sociolinguística Variacionista

De acordo com Labov (2008), a orientação básica para a análise majoritariamente estrutural da língua, tal como realizada em algumas abordagens

linguísticas, a exemplo da abordagem gerativista, parte do ponto de vista expresso por Ferdinand de Saussure no início do século XX de que a língua seria um sistema independente, isto é, um conjunto de unidades que funcionam a partir de um conjunto de regras, constituindo, assim, uma estrutura. Naquela época, os linguistas não levavam em conta de modo nenhum a dimensão social da linguagem, mesmo Saussure afirmando que “*langue* é a parte social da linguagem” (1962, p. 321 apud LABOV, 2008 [1972]), e propunham que as explicações dos fatos linguísticos eram derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social.

Em se tratando da abordagem gerativista, Chomsky (1965 apud LABOV, 2008) fortaleceu a dicotomia saussuriana ao opor a competência, ou o conhecimento abstrato das regras da língua, ao desempenho, ou seleção e execução destas regras. Para Chomsky, a Linguística seria propriamente o estudo da competência, e o real objeto do estudo linguístico seria uma comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todos falassem do mesmo modo e aprendessem a língua instantaneamente. A Linguística, portanto, excluía o estudo do comportamento social ou o estudo da fala.

Apesar da orientação geral da área para o estudo da língua fora de seu contexto social, Labov propõe um modelo de pesquisa que concebe a língua em constante relação com a sociedade, iniciando uma nova vertente dos estudos linguísticos: a Sociolinguística Variacionista. Seu primeiro estudo, de 1963, analisa o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts. Essa comunidade, relativamente isolada da costa da Nova Inglaterra durante muito tempo, experimentou mudanças sociais e linguísticas decorrentes da invasão de veranistas do continente (LABOV, 2008). O fenômeno em foco era as duas maneiras distintas de se pronunciar a vogal-núcleo dos ditongos /au/, como em *house*, e /ay/, como em *right*. A variante local conservadora, não-padrão e estigmatizada era a pronúncia da vogal-núcleo como schwa: [əu]; [əy]. A variante inovadora e de prestígio, que se assemelhava à pronúncia do inglês-padrão, era a forma introduzida pelos veranistas invasores da ilha.

A pesquisa revelou que os falantes mais velhos estavam preservando mais a forma original não centralizada, e os mais jovens estavam utilizando cada vez mais a centralização. Além disso, a variante conservadora tornou-se *marca local*, isto é, os habitantes da ilha começaram a se ressentir da invasão dos veranistas, “assim, atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua

identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separada” (TARALLO, 2001, p. 14). Assim, com seu estudo, Labov (2008) demonstrou que é possível correlacionar padrões sociais com o padrão distribucional de uma variável linguística, além de revelar que a língua pode ser um fator de extrema importância para a identificação e configuração de grupos sociais.

A sociolinguística variacionista, portanto, tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social das comunidades de fala. A abordagem também é conhecida como Sociolinguística Quantitativa, uma vez que lida com o tratamento estatístico dos dados coletados. Os pressupostos teórico-metodológicos dessa teoria serão explanados nas próximas seções.

2.2 A Teoria da Variação e Mudança Linguística

É amplamente sabido, no campo da Linguística, que todas as línguas humanas vivas são constitutivamente heterogêneas e dinâmicas, pois é por meio delas que a humanidade acompanha as mudanças na sociedade (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968). Essa heterogeneidade, que é regular e sistemática, acarreta diferentes formas de se transmitir um mesmo conteúdo, ou seja, *variação linguística*, o que a torna, portanto, uma característica inerente às línguas naturais.

Dessa forma, a variação linguística é entendida como um fato universal, passível de ser analisada cientificamente e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas que configuram um fenômeno variável, denominadas “variantes”. Nesse estudo, *eu* e *mim* e *zero* são consideradas as variantes da variação “expressão do sujeito de 1ª pessoa do singular em orações com *para* + *verbo no infinitivo*”, já que são três formas de se expressar a mesma ideia em um mesmo contexto, sem que haja alteração ou perda de significado denotativo, como é possível constatar com os exemplos a seguir:

- 7) depois sai sempre um boatinho porque minhas cunhada elas... morria de ciúmes né? 6[Doc.: ah:: tá::] 6[que eu e minha sogra] se dava bem... então sempre sai alguma/ algum/ algum falaTÓrio né? 7[Doc.: é:: verdade] 7[algum falatório] sempre sai então eu falava –“ah deixa quieto o dia que dé(r) **pra mim (eu, Ø) voltá(r)** eu volto” (AC-104, L 71)

- 8) agora em julho... vai ter outra festa desta...[Doc.: uhum ((concordando))] e eles já tão me mandando convite... aí eu creio que num vai dá(r) **pra eu (mim, Ø) í(r)** (AC-124, L 62)
- 9) às vezes quando dá vontade eu corto tomate assim:: nem nem jogo sal nada corto um monte de pedacinho de tomate... e coloco num prato... pra **pra Ø (eu, mim) comê(r)** junto com o miojo... (AC-010, L 281)

De acordo com Tarallo (2001), as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão; conservadores vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Uma variante pode ser considerada estigmatizada quando utilizada por falantes desprestigiados socialmente na comunidade, seja por pertencerem a classes sociais menos prestigiadas, seja por possuírem baixo nível de escolaridade, ou ainda por questões raciais. Por outro lado, considera-se prestigiada a variante associada a falantes de *status* considerado superior; comumente, àqueles que possuem alto nível de escolaridade e/ou pertencem às classes sociais mais altas.

A depender de seu encaixamento social, entende-se, na perspectiva laboviana, que as variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período de tempo ou sofrer alterações profundas que podem levar ao desaparecimento de uma das formas. Neste caso, uma forma gradualmente substitui outra que vai deixando de ser usada, o que configura um fenômeno de mudança linguística (LABOV, 2008). É papel da Sociolinguística, desse modo, investigar o grau de estabilidade da variação, identificar os fatores (ou *variáveis*³) que favorecem ou desfavorecem os usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular.

Os fatores que podem condicionar positiva ou negativamente o uso de formas variantes são classificados em fatores de natureza linguística (ou internos à língua) ou social (externos à língua). Dentre os grupos de fatores linguísticos, encontram-se fatores fonéticos, morfossintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. No conjunto de fatores

³ Cabe destacar que o termo “variável” pode se referir a um fenômeno em variação ou a um grupo de fatores (MOLLICA, 2015).

sociais, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva).

Nas próximas subseções, discutiremos como são analisados alguns dos fatores linguísticos e sociais, uma vez que, conforme os princípios da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972), aspectos sociais característicos das diversas comunidades de falantes se refletem sistematicamente na estrutura linguística e motivam suas formas e estágios de evolução. Desse modo, ao se analisar determinado fenômeno linguístico, analisa-se também sua distribuição social, como meio de constatar a estratificação social das variáveis em estudo, que pode motivar ou refrear possíveis mudanças no sistema linguístico como um todo.

2.3 Fatores Linguísticos

Os primeiros trabalhos sobre variação linguística orientavam-se pela premissa básica de que as duas ou mais formas alternantes ocorreriam no mesmo contexto, com o mesmo significado em termos de valor de verdade. Dessa forma, os primeiros estudos realizados foram no campo da fonética e fonologia, como o estudo clássico de Labov (1966) sobre a realização dos ditongos [ay] e [aw] na Ilha de Martha's Vineyard, referido anteriormente, e o estudo sobre o [R] retroflexo em Nova Iorque, também de Labov (1972). Nesse tipo de pesquisa, era natural que, entre os fenômenos investigados, os de natureza fonológica prevalecessem, já que a exigência de um grande número de ocorrências para a análise era facilmente cumprida. A esse respeito, Paredes da Silva afirma que “verificar a influência do segmento fônico precedente ou subsequente, ou o papel da sílaba tônica na flutuação de pronúncia de um fonema já era investigação levada a cabo nas análises estruturalistas” (PAREDES DA SILVA, 2015, p. 67). A autora também relata que outros conceitos foram introduzidos pelos variacionistas, como o de saliência fônica, que se mostrou produtivo em muitos trabalhos, mas a novidade consistia em quantificar estatisticamente essas noções.

Com o passar do tempo, e com a evolução dos estudos sociolinguísticos, a teoria laboviana estendeu-se para outros níveis de análise. Ao saírem do campo da fonética/fonologia, porém, os pesquisadores se depararam com algumas dificuldades, pois a quantidade de dados necessária para uma análise quantitativa era muito grande, o que dificultava o tratamento de variantes morfológicas, sintáticas ou discursivas. É consenso, conforme aponta Paredes da Silva (2015), que há menos variação na sintaxe do que na fonologia; não somente no sentido de menos ocorrências de um mesmo fenômeno, mas também de menor variedade de fenômenos.

Além disso, as variantes sintáticas podem apresentar diferenças de significado e, com isto, fica prejudicado o postulado de que as formas alternantes não podem ter diferenças semânticas. Alguns variacionistas, como Lavandera (1978), afirmam inclusive que não haveria equivalência de significação entre as formas alternantes fora do ambiente fonético/fonológico pois, saindo do plano das unidades mínimas não significativas, encontramos necessariamente um significado associado a cada forma. Para Labov (1978), entretanto, o importante seria a manutenção do valor de verdade e do significado referencial, o que justificaria uma análise variacionista também dos fenômenos sintáticos.

Desde então, de acordo com Paredes da Silva (2015), análises variacionistas aplicadas a fenômenos sintáticos ou discursivos têm impulsionado a busca de soluções para os problemas apontados, e o crescente avanço de abordagens tem permitido refinar as variáveis de natureza discursiva, aumentando a atenção dos variacionistas para os fatores internos. Conforme a autora afirma, essa mudança de perspectiva se deveu também à constatação de que, em fenômenos não fonológicos, não se encontram com a mesma facilidade as correlações entre os fatores sociais e as variáveis investigadas. Dessa forma, Paredes da Silva aponta que se deve distinguir, para um fenômeno não fonológico, o peso das influências provenientes dos níveis sintático, semântico e discursivo-pragmático, antes de atribuí-las a possíveis diferenças sociais.

Dado que o fenômeno em estudo nesta pesquisa é de natureza sintática, investigamos detalhadamente as possibilidades de interferência de fatores linguísticos para a realização de uma das variantes. Por sua vez, a interferência de fatores sociais muitas vezes revela o preconceito linguístico atribuído a uma ou outra forma variante, conforme será explicado na seção seguinte deste capítulo.

2.4 Variação linguística e preconceito

Um ponto muito debatido na Sociolinguística é, como sabido, o preconceito linguístico, que surge quando os falantes de uma comunidade linguística, diante de duas expressões diferentes que teriam a princípio o mesmo significado (semântico), atribuem diferentes significados sociais a elas. Em outras palavras, se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística (LABOV, 2008, p. 290). Por esse motivo é que Camacho (2013) defende que o preconceito linguístico seja, na verdade, mais uma forma de expressão de preconceito social: “Como o preconceito racial, social ou sexual é reprimido pela lei, é a repressão a certos usos linguísticos que permite continuar a se exercer, de modo mais sutil e socialmente complexo, o preconceito social” (p. 71-72).

Camacho (2013) afirma também que a variedade linguística que se emprega é fator concorrente para a construção de identidade social, isto é, recusar a aprender a norma culta pode significar, para um membro de uma comunidade socialmente marginalizada, rejeitar os valores culturais próprios da classe mais alta que se acham implícitos na expressão verbal e, ao mesmo tempo, preservar sua própria identidade social. Para o autor, a atribuição de valores sociais a variáveis linguísticas é o próprio processo de criação, reprodução e veiculação da norma, através das instituições controladas pelo grupo mais privilegiado, uma das quais é o próprio sistema escolar, que tenta veicular uma cultura que está geralmente associada com as camadas sociais privilegiadas.

Nessa mesma linha, Mollica (2015) ressalta que nas escolas ainda predominam as práticas pedagógicas baseadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, tomando-se como referência o padrão culto da língua e reforçando a visão preconceituosa quanto às expressões mais informais. Segundo a autora, as línguas apresentam uma diversidade que se distribui em um *continuum*, de acordo com o qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático, pode vir a adquirir estilos e gêneros mais formais, o que torna injustificável o reforço a preconceitos linguísticos voltados a expressões informais no âmbito escolar; fato que a Sociolinguística há tempos denuncia e combate. Dessa forma, a escola, que deveria ser

um lugar que poderia minimizar o preconceito linguístico, mostrando e sistematizando a variação existente em todas as línguas naturais, ainda é um lugar de muita resistência a toda variedade e heterogeneidade que constituem as línguas.

A esse respeito, Bagno (2011) afirma que, além da escola, há outras *forças centrípetas* na sociedade, isto é, instituições sociais controladas por grupos que possuem mais privilégios na sociedade e que, de maneira explícita ou não, tentam impor algum controle sobre os destinos do idioma, refreando seu impulso de mudança, tais como:

- o peso, maior ou menor, da tradição literária (que elege alguns escritores como os “clássicos” do idioma, modelos a serem “imitados”);
- o trabalho dos gramáticos e dicionaristas, empenhados em descrever e prescrever a língua “certa”;
- a burocracia em geral, o sistema jurídico, o poder legislativo (com suas fórmulas estereotipadas e seu fraseado típico, em geral muito rebuscado e repleto de expressões obsoletas);
- todo o aparato estatal com sua multiplicidade de órgãos e serviços públicos;
- as instituições religiosas que, em geral, se apoiam em textos antigos, reverenciados, e que precisam ser mantidos no estado de máxima “pureza” original, para que não sejam “distorcidas” as verdades que foram reveladas aos fiéis pelas forças divinas (o índice de pessoa *vós*, por exemplo, só sobrevive, no PB de hoje, em alguns textos religiosos, como as traduções da Bíblia);
- as academias de língua, nos países em que elas existem e têm uma presença atuante na vida cultural da sociedade (como é o caso, por exemplo, da Real Academia de la Lengua Española, e como nem de longe é o caso da Academia Brasileira de Letras);
- e, mais recentemente na história da humanidade, os poderosíssimos meios de comunicação, que necessitam de uma linguagem mais ou menos uniformizada para exercer suas funções de formação (e sobretudo de conformação) da opinião pública (BAGNO, 2011, p. 125-126).

Para Bagno (2011), a presença da escrita é um elemento fundamental em todas as forças citadas, já que as sociedades em que a cultura escrita é supervalorizada são também aquelas que ostentam instituições com grande poder centrípeto sobre as forças de mudança da língua. Dessa forma, o autor conclui que, quanto menor for a presença e a influência da escrita institucionalizada, maior e mais rápida também será a atuação das forças centrífugas, socioculturais e sociocognitivas, que favorecem a mudança das línguas. As forças centrípetas, portanto, podem apenas conter ou atrasar por algum tempo a mudança linguística e, para as orações infinitivas introduzidas por *para*, a escola parece ser a maior força centrípeta refreadora do uso de *mim*.

Com base nos pressupostos teóricos apresentados nesta subseção, os dados da pesquisa aqui desenvolvida foram analisados conforme diversos fatores sociais e linguísticos, que podem representar diferentes forças centrípetas e centrífugas a guiar o funcionamento das construções *para mim/Ø/ eu + verbo no infinitivo* na variedade falada no noroeste do interior paulista. Desse modo, a seguir apresentam-se as informações relativas à metodologia empregada para a análise dos dados da pesquisa.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

1. O Banco de Dados Iboruna

Os dados analisados, representativos do português falado no interior paulista, foram extraídos do banco de dados IBORUNA (GONÇALVES, 2007), constituído no âmbito do projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP), por pesquisadores do IBILCE/UNESP, entre os anos de 2003 e 2007, sob apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Trata-se de *corpus* sociolinguisticamente controlado (LABOV, 1972), que reúne 163 amostras de fala divididas em dois tipos: Amostra Censo, contendo 152 registros de falas gravadas com autorização prévia, e Amostra de Interação Dialógica, compreendendo 11 registros de fala coletados secretamente em situações de interação verbal livre. Os informantes que cederam suas amostras de fala são provenientes das seguintes cidades do noroeste paulista: Bady Bassit (BAD), Cedral (CED), Guapiaguá (GUA), Ipiranga (IPI), Mirassol (MIR), Onda Verde (OND) e São José do Rio Preto (SJP).

Os informantes selecionados para a coleta de dados tinham perfis sociais pré-definidos pelo entrecruzamento das características sociais sexo/gênero, faixa etária, nível de escolaridade e renda familiar e contribuíram com cinco tipos de textos orais diferentes: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de descrição, relato de procedimento e relato de opinião. Os informantes contatados para constituir os perfis da Amostra Censo (AC) foram definidos a partir do cruzamento dos quatro grupos de fatores sociais, que resultou em 160 células. Foram excluídas oito células impossíveis de serem preenchidas (faixa etária de 7 a 15 anos vs. escolaridade Ensino Superior); com isso, obteve-se o total de 152 informantes (RUBIO, 2008; GONÇALVES, 2007).

Convém lembrar que as cidades selecionadas possuíam número de habitantes diferentes umas das outras, o que fez com que a quantidade de informantes requerida fosse proporcional a esse número (RUBIO, 2008). Dessa forma, o total de informantes da Amostra Censo provenientes de cada cidade foi: São José do Rio Preto, 122;

Mirassol, 16; Guapiaçu, 5; Bady Bassit, 4; Onda Verde, 2; Cedral, 2; e Ipiguá, 1. Para a distribuição proporcional dos 152 perfis sociais no espaço geográfico que o estudo abrangeu, foi aplicado o método aleatório simples (SILVA, 2003), de modo a garantir que todos os perfis sociais tivessem igual possibilidade de pertencer a qualquer uma das cidades.

A fim de se analisar quantitativamente a produção linguística de cada um desses 152 perfis sociais, foi usado o programa computacional Goldvarb, do qual se passa a tratar na seção seguinte.

2. O Programa Estatístico *Goldvarb*

Para a análise estatística que se empreende na pesquisa, o processamento dos dados foi feito eletronicamente, empregando-se o programa computacional Goldvarb X, desenvolvido na Universidade de Iorque, na Inglaterra, com a finalidade específica de promover o tratamento estatístico de fenômenos em variação. O Goldvarb X é um aplicativo independente, contido em um único arquivo .exe e não requer nenhum outro software especializado para executá-lo (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001).

A análise unidimensional oferecida pelo programa calcula a percentagem de aplicação de cada variante do fenômeno em estudo, para cada um dos fatores que compõem as variáveis linguísticas e sociais consideradas. A análise multivariada *one level* realiza apenas análises binomiais e, conforme explicam Guy e Zilles (2007), calcula os pesos relativos usando todos os fatores e grupos de fatores existentes no arquivo de análise, resultando em um peso relativo para cada um dos fatores, um *input* e um valor *log-likelihood* (logaritmo de verossimilhança). O *input* para cada regra é uma medida do uso geral do fenômeno, enquanto os pesos associados aos fatores contextuais são medidas do uso em tal contexto, relativo ao uso geral (GUY E ZILLES, 2007). O logaritmo de verossimilhança mede a qualidade da aproximação entre o modelo e os dados observados (com números mais próximos de zero sendo os melhores), cujo valor é útil para comparar diferentes análises dos dados (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001). De acordo com Guy e Zilles (2007), a análise multivariada

step up/step down calcula tudo isso, mas repete o processo sucessivamente para várias combinações de grupos de fatores. A função *step up* começa com um processo de testar os grupos individualmente, adicionando-os um a um. Em seguida, no *step down*, o processo é o inverso, retirando os grupos da análise um de cada vez (GUY E ZILLES, 2007; ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001). O final da análise mostra as melhores rodadas *step up* e *step down*, que fornecem o melhor ajuste do modelo para os dados. Segundo os autores, o melhor *step up* e o melhor *step down* idealmente contêm os mesmos grupos de fatores e pesos de fatores associados.

Tanto a análise *one level* quando a *step up/step down* do Goldvarb terão um conjunto de resultados com um valor de aplicação binário (ou seja, essa função não será executada se houver *knockouts* ou *singletons* no arquivo de resultados). Conforme Robinson, Lawrence & Tagliamonte (2001), um *knockout* (nocaute) ocorre quando todos os *tokens* são contabilizados por um ou outro dos valores de aplicação, e o *singleton* ocorre quando uma variável só se aplica a uma das variantes.

Por fim, o programa estatístico permite também o cruzamento entre grupos de fatores, o que pode revelar “interação” entre fatores, ou seja, áreas em que um fator em um grupo é o mesmo (ou próximo do mesmo) que um fator em outro grupo (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001).

3. Os dados que compuseram a Amostra

Para a coleta dos dados desta pesquisa, todo o banco de dados Iboruna foi consultado, isto é, todos os inquéritos que integram Amostra Censo e a Amostra de Interação. Dos 152 perfis sociais da Amostra Censo, 118 informantes produziram dados de *para eu/mim/zero* + verbo no infinitivo. O quadro a seguir ilustra a produção de cada informante, conforme o seguinte código:

- a. **Azul:** informantes que produziram apenas *zero* (43 informantes);
- b. **Rosa:** informantes que produziram apenas *mim* (17 informantes);
- c. **Verde:** informantes que produziram apenas *eu* (6 informantes);
- d. **Roxo:** informantes que produziram dados com *zero* e *mim* (35 informantes);
- e. **Amarelo:** informantes que produziram dados com *eu* e *zero* (14 informantes);

f. **Cinza:** informantes que produziram dados com as três variantes (3 informantes).

Renda/Gênero Faixa Etária/ Escolaridade		+ de 25 SM		De 11 a 24 SM		De 6 a 10 SM		Até 5 SM		Sub- total de Inf.	Total de Inf.
		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM		
7 a 15 anos	I EF	001	002	003	004	005	006	007	008	8	24
	II EF	009	010	011	012	013	014	015	016	8	
	E. M.	017	018	019	020	021	022	023	024	8	
16 a 25 anos	I EF	025	026	027	028	029	030	031	032	8	32
	II EF	033	034	035	036	037	038	039	040	8	
	E. M.	041	042	043	044	045	046	047	048	8	
	E. S.	049	050	051	052	053	054	055	056	8	
26 a 35 anos	I EF	057	058	059	060	061	062	063	064	8	32
	II EF	065	066	067	068	069	070	071	072	8	
	E. M.	073	074	075	076	077	078	079	080	8	
	E. S.	081	082	083	084	085	086	087	088	8	
36 a 55 anos	I EF	089	090	091	092	093	094	095	096	8	32
	II EF	097	098	099	100	101	102	103	104	8	
	E. M.	105	106	107	108	109	110	111	112	8	
	E. S.	113	114	115	116	117	118	119	120	8	
+ de 55 anos	I EF	121	122	123	124	125	126	127	128	8	32
	II EF	129	130	131	132	133	134	135	136	8	
	E. M.	137	138	139	140	141	142	143	144	8	
	E. S.	145	146	147	148	149	150	151	152	8	
Sub- total de Inf.	I EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	152
	II EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	E. M.	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	E. S.	4	4	4	4	4	4	4	4	32	
Total de Informantes		19	19	19	19	19	19	19	19		
		38		38		38		38			
		76				76					

Quadro 1 - Distribuição dos informantes da Amostra Censo por variáveis sociais e identificação do tipo de produção de cada informante em relação a *eu/mim/zero* + infinitivo.

Fonte: RUBIO (2008, p. 63). Adaptado.

As ocorrências de *para* + *infinitivo* com *zero pronominal*, isto é, sem preenchimento de pronome após o *para*, totalizaram 308 dados. A principal hipótese que estamos investigando para o maior número de ocorrências de *para* + *infinitivo* com *zero pronominal* é que essa construção seria considerada mais neutra pelos falantes, em relação tanto à forma padrão *eu* quanto à forma não padrão *mim*. Considerando essa última forma, optar por *zero* na posição pré-verbal na construção com *para*, nesse caso, seria uma forma de atenuar o possível estigma ligado à variante *para mim* + *infinitivo*.

Essa situação envolvendo as construções com *para + infinitivo* pode, inclusive, ser comparada ao emprego das formas de oração relativa, que tem a estratégia cortadora (como em (10b)), também com zero anafórico, como a forma menos estigmatizada em relação à relativa copiadora ((10c)), conforme os resultados amplamente conhecidos dos estudos de Tarallo (1983).

- 10) a. Aquela é a pessoa *com quem* eu conversei (relativa padrão)
b. Aquela é a pessoa *que* eu conversei (\emptyset) (relativa não padrão “cortadora”)
c. Aquela é a pessoa *que* eu conversei *com ela* (relativa não padrão “copiadora”)

O apagamento de uma forma pronominal tida como redundante seria, assim, estratégia menos marcada tanto para a variação envolvendo as formas de oração relativa, quanto para a variação das formas pronominais de sujeito nas orações com *para + infinitivo*.

Observamos, entretanto, que algumas sequências de elementos poderiam estar a caminho de se tornarem *construções*, ou seja, de serem interpretados como um só bloco de significado, em uma estrutura menos composicional, mais esquemática e mais formulaica na língua, conforme o conceito de construção da teoria da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995). De acordo com Bybee (2015), um fator que promove o surgimento dessas construções na língua é a criação de novos *chunks*, com mudanças fonéticas, semânticas e pragmáticas.

O conceito de *chunk*, tal como abordado por Bybee (2015), consiste em uma sequência de elementos que, por ser processada conjunta e frequentemente, tende a se cristalizar em uma estrutura. Os *chunks* tendem a ser usados mais e mais, e dessa frequência decorre a tendência de sofrer redução fonética e fusão. Como exemplo, Bybee apresenta o *chunk* “going to” nas construções de movimento-futuro do inglês, como em “*I am going to study*” (sujeito + *be* + *going to* + verbo).

Conforme a autora aponta, as partes invariantes dessa construção, *going to*, são as partes que mais mudam, e a sequência sofre redução vocálica e nasalização, podendo aparecer sob a forma *gonna*, em contextos mais informais.

Neste estudo, observamos que algumas sequências de elementos provavelmente estejam a caminho de se construcionalizar em *chunks*, uma vez que são usados

conjuntamente com muita frequência e que já apresentam indícios da redução fonética em *para*, pronunciado *pra* ou *pa*. Além disso, justamente por estarem a caminho da fixação e, portanto, exibirem invariância, essas construções admitem uma única forma, em geral o *zero pronominal*, não constituindo contexto propício à análise da variação com a forma *mim* ou *eu*. Abaixo, apresentam-se exemplos de casos que estamos considerando como possíveis construções:

a) *pegar pra x e parar para x*, construções indicativas de aspecto inceptivo e perfectivo, como nos exemplos a seguir:

- 11) eu tenho os meu quinze vinte das músicas que eu aprendo né?... quando eu pego uma música pra:... **quando eu pego um música pa Ø estudá(r)**... eu procuro estudá(r) ela do Inglês e puxá(r) ela já pro Português junto... sabe?... (AC-035, L 469)
- 12) aí você escolhe a sua tela várias medidas eu gosto das maiores... das telas maiores... que:: éh eu:... eu sô(u) muito ansiosa... então... às vezes... eu não consigo ficá(r) mais de dois dias numa tela... então eu pego telas grandes porque éh **quando eu pego pra Ø fazê(r)**... eu faço metade e no o(u)tro dia eu só de(i)xo pra terminá(r) então eu já fico imaginando como é que eu vô(u) terminá(330 r)... e se eu pego uma 6[tela] 6[Doc.: hum] pequena eu vô(u) fazê(r) tudo num dia só... (AC-086, L 329)
- 13) eu acho muito interessante tê(r) acompanhado... a evolução disso tudo... entende?... e às vezes... **eu paro pra Ø pensá(r)**... que... éh:... eu num sei se eu já vivi muito tempo... ou se o bairro cresceu muito rápido eu quero até acreditá(r) que Rio Preto cresceu muito rápido... (AC-150, L 332)
- 14) éh:: essa água né? até ela evaporá(r) evaporá(r) toda e até o arroz né? ficá(r) cozido... geralmente demora uns seis minutos mais ou menos **nunca parei pa Ø contá(r)**... mas você percebe que o arroz está bom a hora que você abre... (AC-088, L 511)

b) (*não*) *dar pra x*, construção indicativa de modalidade, como em (15) e (16):

- 15) eu já pego a arte... o desenho que a pessoa qué(r) pôr na camiseta... e faço no computador... no Corel Draw... geralmente eu escanei::o... **vejo o que dá pra Ø aproveitá(r)** assim mas... na grande maioria tem que... fazê(r) risquinho por risqui::nho... quadradinho por quadradinho ali... e aí separa por cor... (AC-053, L 275)
- 16) não tomaram lanche né? então ni::/ ninguém comentô(u) nada ele – “acha?... num sei... num sei se foi alguma coisa que eu comi em ca::as enfim nossa passei mal a noite inte(i)ra **num deu pra Ø fazê(r)** o (senhor) me desculpa... se senhor quisé(r) eu fico aí mas eu num tô legal não tô/ num saio do banhe(i)ro” (AC-057, L 151)

Analisando todas as ocorrências das possíveis construções listadas acima, constatou-se que as construções indicativas de aspecto inceptivo e perfectivo só ocorreram, no corpus analisado, com a variante *zero*; já a construção de modalidade com (*não*) *dar para x* aparece com as outras duas variantes possíveis (*mim* e *eu*), um indício de que as construções provavelmente se encontram em fases distintas de um processo construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) na variedade do português investigada. Por este motivo, a construção (*não*) *dar para x* foi mantida nos dados, já que ainda está em processo de construcionalização e possibilita variação entre as formas pronominais. As ocorrências das construções *pegar pra x* e *parar para x*, por outro lado, foram excluídas dos dados, por aparentemente estarem mais cristalizadas na variedade investigada e, entre os dados coletados, ocorrerem apenas com zero anafórico, sem variação com *mim* ou com *eu*.

Além disso, alguns dados de *mim* e *eu* também foram excluídos da amostra por não configurarem casos de variação entre as três formas variantes, como em (17), em que o sujeito nulo é impossível, pois se trata de um sujeito composto, ou como em (18) e (19), casos em que a variante *zero* mudaria o significado da oração, pois resultaria em outro sujeito para o verbo infinitivo: *todo mundo* (18) e *o pessoal* (19).

- 17) porque na minha casa tem um quarto maior... que é o que minha mãe dorme que **daría muito bem pra eu e minha irmã/ minha irmã:: dormirmos** mas só que a gente ia ficá(r) a gente ia ficá(r) com mais espaço só que a:: esse quarto maior tem pouca luminosidade e a gente... por causa da bronquite tem que tê(r) claridade essas coisa e tal então a gente dorme no menor... (AC-054, L 193)

- 18) eu cheguei a uma conclusão que num tinha mais jeito sabe?... foi onde:: eu peguei e falei pra ele falei – “olha P.... eu cheguei à conclusão... assim como/ como vocalista um po(u)co líder sabe? da banda” –... que pô eu vejo quase tudo em volta **todo mundo toca pra mim cantá(r)** pra pra dá(r) um significância pr’uma banda né? (AC-035, L 117)
- 19) eu vô(u) fazê(r) no no nós tamo(s) numa:: numa::... numa::... numa equipe lá da igreja a gente faz parte do::... d’um encontro da igreja e **o pessoal pediu pa mim fazê(r)**... um um deles lá sabe que eu que a ge/ aque eu faço esse tipo de arroz ele falô(u) ele falô(u)... – “eu quero que cê faz um arroz carrete(i)ro mas do teu jeito” (AC-137, L 313)

Após esse refinamento dos dados de *para x +* infinitivo, foi feita primeiramente uma rodada no Goldvarb com todos os dados de *mim*, *eu* e *zero*. Esses dados são representativos, portanto, da situação em que a variável “forma de expressão pronominal do sujeito de 1ª pessoa do singular nas orações *para +* verbo no infinitivo” comporta-se como ternária na variedade investigada. Entretanto, uma vez que, conforme se verificou a partir de análise mais detalhada das ocorrências coletadas, nem todos os dados eram originários de situações de variação, isto é, de usos alternativos de pelo menos duas das variantes por um mesmo informante, optou-se por separar os dados de acordo com o tipo de produção dos dados pelos informantes, a fim de averiguar, e ao mesmo tempo evitar, possíveis enviesamentos dos resultados obtidos.

Assim, em uma segunda rodada, foram considerados separadamente os dados dos informantes que produziram só *eu*, só *mim* ou só *zero*. O propósito com essa análise foi verificar possíveis peculiaridades no comportamento dos fatores, tanto linguísticos quanto sociais, envolvidos no uso categórico de uma das variantes. Em seguida, mais três rodadas foram produzidas, duas delas a partir dos dados representativos de um comportamento binário da variável analisada (*mim x zero* e *eu x zero*, e a terceira obtida com base nos dados relativos ao comportamento ternário da variável (*eu x mim x zero*). Por fim, foi realizada uma última rodada, considerando-se exclusivamente os dados de *eu/mim* em que o preenchimento de sujeito fosse necessário, a fim de investigar quais fatores de fato influenciam na escolha do falante por *mim* ou por *eu*, nas construções em que o preenchimento pronominal é esperado.

Feita a apresentação dos dados que compuseram a amostra e das diferentes combinações para as análises, passamos a tratar, na próxima seção, dos fatores potencialmente relevantes, que foram analisados para o estudo das construções *pVI*.

4. Fatores investigados

Nesta seção, apresentaremos os grupos de fatores linguísticos e sociais selecionados para a investigação empreendida com esta pesquisa, bem como as ocorrências exemplificativas de cada um deles. Ao todo, foram analisados oito fatores linguísticos e quatro fatores sociais.

4.1 Fatores Sociais

Conforme exposto, a variação linguística é, desde os primeiros estudos de Labov, reconhecidamente uma das características universais das línguas naturais, e essa variação é tida como regular e sistemática, uma vez que os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais.

Como citado no capítulo de fundamentação teórica desta dissertação, por se tratar de um fenômeno variável de natureza morfossintática, *para x + infinitivo* não ocorre tão frequentemente quanto variantes fonéticas/fonológicas. Por este motivo, do total de 152 informantes da Amostra Censo do Banco de Dados Iboruna, conforme também já mencionado, obtivemos ocorrências de *para x + infinitivo* na fala de 118 informantes.

Nas subseções a seguir, trataremos mais detidamente da relevância das variáveis sociais para a análise da variação linguística. Serão apresentados os grupos de fatores sociais analisados neste trabalho, as hipóteses para cada fator e a relação de informantes que produziram material para o preenchimento de cada célula.

i. Gênero

O estudo da variável social *gênero/sexo* remonta, de acordo com Paiva (2015), ao estudo pioneiro de Fischer (1958), intitulado “Influências sociais na escolha de variantes linguísticas”. Analisando a variação na pronúncia do sufixo inglês *-ing*, o autor verificou que a pronúncia velar era mais frequente entre mulheres. A diferença entre a pronúncia velar ou dental do sufixo correspondia a uma diferença de valorização social: forma prestigiada *versus* forma não prestigiada, respectivamente. Desse modo, Fischer (1958 apud PAIVA, 2015) constatou que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina.

Paiva (2015) aponta diversos estudos de orientação sociovariacionista que puderam corroborar a constatação de Fischer, como o de Labov (1966) sobre o inglês de Nova York, que revelou que a pronúncia retroflexa do [r] pós-vocálico, forma de prestígio, tende a ocorrer mais frequentemente na fala das mulheres, além de trabalhos de Wolfran (1969), Laberge (1977) e o de Paredes da Silva (1996). Entretanto, para Paiva, a análise da correlação entre *gênero/sexo* e a variação linguística deve, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade linguística. A autora afirma que o que se pode generalizar, por ora, é a maior sensibilidade feminina ao prestígio social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas. No entanto, é preciso considerar que o efeito da variável *gênero/sexo* isoladamente camufla outros aspectos e complexas interações que devem ser examinadas no estudo da variação e da mudança, como classe social, faixa etária e estilo de fala.

Paiva (2015) afirma ainda que, no âmbito dos estudos sociolinguísticos já realizados, há indicações de que o processo de escolarização atua de forma mais nítida sobre as mulheres do que sobre os homens, isto é, a mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola e, assim, mais predisposta à incorporação de modelos linguísticos. Para a autora, esse grau mais elevado de consciência feminina ao *status* social das formas linguísticas pode ser atribuída ao maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem. A autora conclui, a partir daí, que qualquer explicação acerca do

efeito da variável *gênero/sexo* requer cautela, vistas as peculiaridades na organização social de cada comunidade de falantes e as transformações sofridas por diversas sociedades no que se refere à definição dos papéis feminino e masculino.

Do total de 118 informantes da Amostra Censo que produziram *para mim/eu/zero* + infinitivo, obtivemos dados de 60 informantes do gênero masculino e 58 do gênero feminino. Uma vez que, no tocante ao fenômeno em estudo, o uso da variante *mim* é abolido pela norma padrão e estigmatizado socialmente na comunidade analisada, espera-se que as representantes do gênero feminino assumam uma postura mais conservadora e empreguem, com frequência menor do que os informantes do gênero masculino, o pronome *mim* diante de verbos no infinitivo.

ii. Grau de escolaridade

Quanto ao fator *grau de escolaridade*, em geral se admite que, em maior ou menor grau, a escola gera mudanças na fala e na escrita dos indivíduos que as frequentam e das comunidades falantes, atuando como preservadora de formas de prestígio face a tendências de mudança em curso nessas comunidades (VOTRE, 2015). Para uma análise criteriosa dos efeitos ou das correlações estabelecidas entre variação, continuidade e mudança linguística e a variável escolaridade, Votre (2015) defende a importância de se estabelecer algumas distinções no interior de categorias presentes na dinâmica social em que atua a escola.

De acordo com o autor, a primeira distinção focaliza o *status* econômico e o prestígio social dos usuários das formas da língua. O autor afirma que as formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão. A segunda distinção diz respeito ao estigma social; isto é, a forma estigmatizada, interpretada como inferior pelos membros da comunidade de falantes, é registrada como vício ou erro nas gramáticas escolares e nos manuais de ensino da língua.

A terceira distinção apresentada por Votre (2015) tem como foco os próprios fenômenos controlados pela escola, em oposição aos que não são objeto da sua atenção disciplinadora e gramaticizadora. O autor explica que, por um lado, a escola controla,

evita e pune o uso de formas com supressão e/ou troca de líquidas, como *framengo* e *pobrema*, e fenômenos sintáticos com resquícios dos casos latinos nos pronomes, como *dá para mim sair*, objeto desta pesquisa. Por outro lado, é conivente com formas redundantes, do tipo *há anos atrás*.

A quarta distinção, conforme Votre (2015), opõe fenômenos controlados por fatores gramaticais, incluídos no nível da oração e do período, contra fenômenos associados a fatores discursivos. De acordo com o autor, fenômenos controlados por fatores gramaticais recebem atenção quase exclusiva dos pesquisadores e professores de línguas, o que explicaria a pouca atenção destinada aos fatores discursivos ou funcionais associados aos fenômenos estudados.

Por fim, distinguem-se as modalidades falada e escrita. Segundo Votre (2015), os estudos do uso concentram-se nos fenômenos da fala, enquanto a escola privilegia o canal da escrita. Essas distinções se justificam na medida em que o ensino prescritivo e o descritivo interferem no domínio das formas de prestígio e no abandono parcial ou total das formas estigmatizadas.

Nesse sentido, Votre (2015) explica que, em projetos de pesquisa que privilegiam a língua falada, em situação de entrevista, aparecem como nítidas as interferências do grau de formalismo da gravação, como um efeito secundário e indireto da escolaridade. Desse modo, ainda que outros fatores interfiram, para o autor, o nível de escolaridade continua a desempenhar um papel crítico na configuração geral do domínio da língua padrão pelos informantes.

Analisamos todos os graus de escolaridade contidos no Banco de Dados Iboruna, que estão representados da seguinte forma:

- a) ciclo I do Ensino Fundamental;
- b) ciclo II do Ensino Fundamental;
- c) Ensino Médio;
- d) Ensino Superior;

Dentre os 118 informantes que produzem os dados da pesquisa, 26 informantes têm apenas o I ciclo do Ensino Fundamental; 32 têm até o II ciclo do Ensino Fundamental, 32 possuem Ensino Médio e 27 possuem Ensino Superior.

Como explicado, o fator grau de escolaridade mostra-se relevante para o estudo do fenômeno em questão pelo fato de a escola gerar mudanças na fala e na escrita das comunidades, geralmente atuando como preservadora de formas de prestígio face a tendências de mudança em curso (LABOV, 2008). No fenômeno em estudo, é considerada desprestigiada a forma não padrão *para mim* + infinitivo, e neutra a variante *zero* (para *Ø infinitivo*). Desse modo, a hipótese para este fator é a de que informantes que possuem Ensino Superior estejam restando o uso da forma não padrão com mais intensidade que informantes com graus mais baixos de escolaridade (Ensino Médio e Fundamental).

iii. Faixa etária

Na perspectiva laboviana, o fator social *faixa etária* é importante, de acordo com Naro (2015), por permitir inferências sobre o desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas. Por meio de análise de *tempo aparente*, é possível projetar o comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento. Conforme o autor esclarece, a escala em tempo aparente, obtida através do estudo de falantes de diferentes idades em um mesmo período, é chamada “gradação etária” e corresponde a uma escala de mudança em tempo real, sob a hipótese clássica de que um falante não muda sua língua após a puberdade. Assim, o estado atual da língua de um falante adulto refletiria o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade; ou seja, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje revelaria a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 30 anos hoje representaria a língua de apenas quinze anos atrás.

Para Paiva e Duarte (2015, p. 179), o estudo da mudança aparente, ainda que teoricamente sustentável, se depara com dificuldades “nem sempre contornáveis com os recursos heurísticos disponíveis”. A primeira dificuldade se refere à própria validade da hipótese clássica acerca da aquisição da linguagem, referida no parágrafo anterior, de que a aquisição se encerraria por volta do começo da puberdade e que, após esse momento, a língua do indivíduo se tornaria estável. A segunda dificuldade está no fato

de que, conforme as autoras, correlações sistemáticas com a variável idade não são, muitas vezes, índices conclusivos de uma mudança em progresso na língua:

A predominância de uma determinada variante linguística na fala de pessoas mais jovens coloca o pesquisador frente a duas possibilidades: a) trata-se da instalação gradual de uma nova variante na língua (mudança linguística propriamente); b) trata-se de uma diferenciação linguística etária que se repete a cada geração. Isto é, os falantes de uma língua alteram seu comportamento linguístico ao longo do seu percurso de vida, sem que se observem alterações no sistema. (PAIVA E DUARTE, 2015, p. 179)

Para as autoras, a maneira mais adequada de solucionar esses problemas é pela união das evidências obtidas por meio do estudo da mudança no tempo aparente com as evidências fornecidas pelos estudos em tempo real, a partir de pesquisas diacrônicas. Assim, surgindo evidências de mudança linguística no tempo aparente, é importante que o pesquisador a confirme, mensurando sua dimensão histórica em tempo real. O estudo em tempo real considera dados de períodos relativamente distantes e pode ser realizado por meio de comparações dos estudos atuais com estudos mais antigos, pela repetição de uma análise após um espaço de tempo ou até mesmo, a depender da natureza do fenômeno variável analisado, pela análise de registros escritos que representem a fala de diferentes camadas sociais.

A hipótese neste trabalho é a mesma que se faz presente nos estudos sociolinguísticos a esse respeito: a de que faixas etárias mais jovens evidenciem o uso de formas não padrão, e falantes de faixas mais elevadas tendam ao uso de formas padrão nos processos de variação (LABOV, 2008). Dessa forma, espera-se encontrar mais ocorrências da variante *mim* na fala de crianças e jovens em comparação à fala de informantes pertencentes à última faixa etária. Os informantes do Iboruna estão estratificados em cinco faixas etárias:

- a) 7 a 15 anos, a faixa etária mais jovem, que inclui crianças e adolescentes, contou com dados de 18 informantes;

- b) 16 a 25 anos, faixa etária que compreende adolescentes e jovens adultos, totalizou dados de 20 informantes;
- c) 26 a 35 anos, faixa de indivíduos adultos, contou com dados de 29 informantes;
- d) 36 a 55 anos, faixa que representa tanto indivíduos adultos quanto aqueles que estão prestes a deixar o mercado de trabalho; somou dados de 25 informantes;
- e) mais de 55 anos, faixa representativa de indivíduos que, de modo geral, deixaram o mercado de trabalho ou estão prestes a deixá-lo; totalizou dados de 26 informantes.

iv. Renda

Juntamente com a *escolaridade*, a variável *classe social* indica a natureza da variação linguística na comunidade investigada a partir da noção de prestígio. Nesse sentido, a distribuição equilibrada de uma forma não padrão na fala de informantes pertencentes tanto a níveis mais baixos quanto a mais altos da sociedade e com grau de instrução mínimo e elevado são caracterizadores de *variação estável*. Por outro lado, a frequência predominante de uma das variantes em análise por um dos grupos sociais é reveladora de um processo de mudança, em curso ou já instaurado na comunidade linguística. Assim, em razão do grau de prestígio social adquirido pela forma linguística, há indício de mudança em curso se o emprego de uma forma não padrão é mais frequente na fala de informantes com baixo grau de escolaridade e representantes de estratos econômicos mais baixos da sociedade. E há evidência de uma mudança instaurada se o emprego da forma não padrão se encontra fixado como padrão na fala de falantes com graus de escolaridade mais elevados e pertencentes a níveis socioeconômicos mais altos (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972).

A variável renda, no Iboruna, está dividida em cinco faixas, conforme a quantidade de salários mínimos que compõem a renda do informante. A seguir, encontram-se expostas essas faixas, com a indicação da quantidade de informantes que produziram dados para esta pesquisa em cada uma das faixas:

- a) até 5 salários mínimos: 29 informantes;
- b) 6 a 10 salários mínimos: 37 informantes;
- c) 11 a 24 salários mínimos: 28 informantes; e
- d) mais de 24 salários mínimos: 25 informantes.

Conforme discutido, a classe social, que está ligada à renda do informante, indica a natureza da variação linguística na comunidade investigada a partir da noção de prestígio. Dado que, para o fenômeno em estudo, *mim* é a variante desprestigiada, espera-se que essa forma seja encontrada menos frequentemente em dados de informantes pertencentes à níveis socioeconômicos mais altos do que em dados de informantes pertencentes à níveis socioeconômicos mais baixos.

4.2. Fatores Linguísticos

Nas subseções a seguir, apresentaremos os grupos de fatores linguísticos selecionados para a investigação empreendida com esta pesquisa, bem como as ocorrências exemplificativas de cada um deles.

v. Tipo de texto

De acordo com Weinreich, Labov & Herzog (1968), o tipo de texto que se emprega se mostra, algumas vezes, correlacionado ao uso de uma das formas variantes, atuando no processo de variação e contribuindo para a especialização de uma das formas nos casos de instauração de uma mudança linguística. Nas entrevistas do Iboruna, conforme mencionado anteriormente, a Amostra Censo é constituída por cinco tipos de textos diferentes: Narrativa de Experiência, Narrativa Recontada, Descrição de Local, Relato de Procedimento e Relato de Opinião. Usamos essa divisão do banco de dados para classificar cada um dos tipos de texto em que aparecem os dados analisados.

Também consideramos como um tipo diferente de texto os inquéritos que integram a Amostra de Interação do Iboruna, que consiste em diálogos gravados secretamente em situações de interação verbal livre e que, por isso, não possuem um

tipo de texto específico. A seguir, apresenta-se, primeiramente, a definição e um exemplo de ocorrência para cada tipo de texto da Amostra Censo:

- a) Narrativa de Experiência: o entrevistador pede para que o informante conte uma história pessoal, seja ela alegre ou triste:
- 20) aí eu entrei em desespero porque eu não sabia se eu tinha perdido o dentente se: se aquilo era normal BOM normal não ERA certo?... aí: eu peguei e fui... eu fui aonde: fui lá no: ambulatório do SESC **pra Ø vê(r)** se tinha algum jeito se o médico me dava remédio porque eu estava sentindo muita dor até... lá ele disse que não era nada sério que:... que eu podia ficar desocupado (AC-055, L 41)
- b) Narrativa Recontada: o entrevistador pede para que o informante conte uma história alegre ou triste ocorrida com outra pessoa:
- 21) aí diz que ele achô(u) ela bonita... aí o colega dela contô(u) pra ela aí ela ficô(u) toda empolgada falô(u) pro colega dela que achava ele bonito também... aí ele falô(u) assim – “ah mas eu não posso falar pra ele né? porque (ele falô(u) assim que) **num era pra mim contÁ(r)**” – aí ficô(u) nisso... (AC-016, L 111-112)
- c) Descrição de Local: o entrevistador pede para que o informante descreva um local, como escolas, casas, cidades, etc:
- 22) a gente toma uma cerveja faz churrasco conversa fiada... é: eu ponho por exemplo uma televisão quando é dia de jogo eu ponho ela lá fora que eu tenho um cabo de antena lá fora já propriamente **pra Ø pô(r)** a televisão lá pra que a gente possa... hum hum: gosto muito de futebol... (AC-099, L 292)
- d) Relato de Procedimento: o relato de procedimento é baseado em experiências culinárias ou outra atividade que exija procedimentos ordenados:
- 23) o: rapaz que eu pegava a droga ele: me ligava... e falava **pra mim í(r)** num ponto... que ele tava lá tal hora e eu ia... ele pegava me soltava... cinco gramas dez gramas vinte

gra::ma e eu catava... só num:: numa embalagem ela num era picado ((ruído de cadeira e passos)) e eu cata::va... (AC-031, L 150)

e) Relato de Opinião: o entrevistador pede para que o informante dê sua opinião sobre temáticas variadas, a depender da faixa etária do informante, como escola, família, religião, relacionamentos afetivos, esportes, problemas sociais, etc:

24) esses profissionais vão servi(r) a comunidade... também de uma forma... irresponsável... porque ele não teve... no início da carre(i)ra... é::... condições... e:: vai se torná(r) uma bola de neve... porque... eu num quero não gostaria de tê(r) o meu filho... numa universidade pública... que não tenha condições pra ele só **pra Ø dizê(r)** que ele tá numa universidade pública (AC-080, L 273)

f) Amostra de Interação: diálogos secretamente gravados em situações de interação verbal livre, sem orientação por parte do entrevistador acerca do tipo de texto a ser produzido:

25) Inf.4.: ah eu também preciso de trabalho **pra Ø ganhá(r)** um dinheirinho né? a moça tava falan(d)o ali diz que arrumô(u) tanta faxina e não qué::(r) e eu queren(d)o uma... por enquanto (AI-006, L 233)

Para esta variável, a hipótese é que o alto grau de envolvimento do falante com o conteúdo do texto que produz influencie a ocorrência da variante estigmatizada *mim* (LABOV, 2008). Desse modo, espera-se que a Narrativa de Experiência, tipo de texto em que o falante conta uma história com maior apelo emocional, favoreça o emprego da variante não padrão. Do mesmo modo, pode ser que os inquéritos da Amostra de Interação favoreçam a ocorrência da forma *mim*, em razão do maior envolvimento do falante na construção do diálogo de que participa nesse tipo de interação.

vi. Função sintática da oração infinitiva

Ao classificar a função sintática desempenhada pela oração infinitiva com *para* na qual ocorrem as formas pronominais em análise, encontramos orações adverbiais

finais, orações substantivas objetivas, subjetivas, completivas nominais e uma oração predicativa, além de casos de orações com valores modais, as quais foram analisadas separadamente. A seguir, apresentam-se exemplos de cada tipo de oração encontrada:

a) Orações substantivas subjetivas, em que a oração descreve um evento (dormir) avaliado na matriz da subjetiva (foi um sufoco):

26) ai meu tio pegô(u) foi lá pegô(u) uma cade(i)ra... me colocô(u) e:: e ele ia puxan(d)o meu/ minha perna e meu pai... ia::... empurran(d)o a cade(i)ra... depois **pa Ø dormí(r)** foi um **sufoco** por causa que:: eu sentia muita dor e mi/ nem eu nem meu irmão conseguia dormí(r) de noite... (AC-014, L 29-30)

b) Orações substantivas objetivas: a oração introduzida por *para* se coloca como argumento do verbo na oração principal.

27) ah ele brin::ca comi::go de jogui::nho... éh:: **ele dá joguinho pra mim levá(r)** **pra minha casa** pra mim fa/ **pra mim montá::(r)** e::... ele vai me ensiná(r) um jogui::nho no::vo... africa::no... (AC-007, L 202)

Convém esclarecer aqui que a classificação de orações como (27) enquanto objetivas serve para distinguir esses casos de *mim* (sujeito acusativo) dos casos em que o pronome aparece em orações de finalidade sem desempenhar também a função de objeto de um verbo principal. Assim, o que temos em casos como o de (27) é, na verdade, um oblíquo (*mim*) que funciona como objeto indireto do verbo *dar* e, ao mesmo tempo, como sujeito da oração infinitiva.

Bagno (2005) denomina esse fenômeno de “cruzamento sintático”, pois em todos os casos de orações como em (27), seria possível desdobrar o “pra mim” em “pra mim - pra eu”. A ocorrência acima ficaria, então, “ele dá joguinho pra mim, pra eu levar pra minha casa”. Entretanto, por uma questão de economia linguística, o que, nas palavras de Bagno, “chega primeiro”, no caso, o objeto indireto do verbo, “ganha a corrida” (BAGNO, 2005) e assume a dupla função de objeto indireto e sujeito da infinitiva.

- c) Orações adverbiais finais: a oração introduzida por *para* indica propósito ou finalidade do evento na oração principal.
- 28) eu que sô(u) explosiva... num levo desaforo pra casa por nada nesse mundo... **pedi a paciência a Deus pra mim suportÁ(r)**... aquilo... porque eu planejei:: uma coisa e... fui até o fim... (AC-110, L 64)
- d) Orações completivas nominais: a oração com *para* se coloca como complemento de um nome da oração principal.
- 29) os jovens tal... de sexta-fe(i)ra que eles costumam se reuní(r) numa avenida próxima à minha casa lá... mas tam(b)ém num é aquela badalaÇÃO::... cê entendeu?... coisa muito/ eu também nem fico final de semana lá né? bem porque chega sexta-fe(i)ra **me dá uma euforia pa Ø voltá(r) embora...** ((risos)) que eu venho correndo... nossa... (AC-100, L 251)
- e) Construções modais: há formação de uma construção, no sentido de Goldberg (1995) e de Croft (2003), entre a expressão no que seria a oração matriz e a preposição *para*, indicando diferentes significados modais para o evento que segue. A construção modal exemplificada em (30) expressa uma obrigação (modalidade deôntica); a construção modal exemplificada em (31) manifesta a incapacidade do falante de realizar o evento contido na infinitiva (modalidade dinâmica) e a construção modal em (32) expressa a avaliação do falante, em termos de probabilidade, sobre o evento contido na infinitiva (modalidade epistêmica).
- 30) bom o yakissoba eu aprendi na:: co/ Ana/ com a Ana Maria Braga uma vez... eu queria/ eu ia fazê(r) terapia mas a psicóloga telefonô::(u)... disse que **num era pra Ø í::(r)** aí eu fiquei eu liguei a T.V. fiquei assistindo a Ana Maria Braga ela ensinô(u) rapidinho assim nem precisei anotá(r) nada... (AC-087, L 283)

31) no grito que eu dei eu assustei ele... ele tam(b)ém num/ num sabia porque eu dei aquele grito [Doc.: e Inf.: ((risos))] e minha irmã fala... mas essa foi engraçada viu Natália?... quando eu lembro disso mas foi uma coisa... que **num dá pa pa mim esquecê(r)**... foi/ foi demais (AC-096, L 15)

32) e acabei entran(d)o em prime(i)ro lugar ainda... [Doc.: caramba] no::... no curso de verão... no::... no mestrado... então assim foi uma coisa::... quando eu contei pra minha mãe que tinha entrado em prime(i)ro nossa ficô(u) fe/... 6[(inint.)] 6[Doc.: no::ssa]... **num era pra Ø tê(r) entrado... num era pra::... Ø tê(r) feito a inscrição né?** foi no último minuto ali no último dia... então eu acho que foi uma coisa assim bem::... bem interessan::te (AC-053, L 50)

vii. Paralelismo sintático

A variável *paralelismo linguístico*, ou *paralelismo sintático*, diz respeito à ocorrência em cadeia de uma determinada construção e que pode conduzir a um mesmo tipo de estrutura linguística. No português do Brasil, Scherre (1988 apud FIAMENGUI, 2011) analisa o efeito da variável paralelismo formal em relação às marcas de concordância nominal. A autora conclui que a presença de duas ou três marcas formais precedentes favorece a presença de concordância no segmento seguinte. No mesmo sentido, a presença de pelo menos uma marca precedente não mediada por *zero* favorece a presença de marca no segmento seguinte, porém com percentual um pouco menor. Em contrapartida, a presença de um *zero* precedente, desde que já haja marca anterior, provoca o aparecimento de *zero* no segmento seguinte.

Paredes da Silva (1988) estudou o efeito do paralelismo na variação entre a presença e a ausência do sujeito e mostrou que o efeito é forte quando em contextos de sujeito nulo, sendo enfraquecido em contextos de presença pronominal. Assim, seguindo esses resultados de Paredes da Silva, para as construções em estudo a hipótese é a de que trechos com sentenças de sujeito nulo favoreçam a ocorrência de sujeito nulo em trechos adjacentes e de que trechos com o preenchimento de sujeito também favoreçam o uso de sujeito nulo, mesmo que em menor proporção. A variável foi analisada da seguinte maneira:

- a) Oração única: ocorrência *para mim/eu/zero* + infinitivo apenas uma vez em um trecho de 12 linhas anteriores ou posteriores⁴ à ocorrência;
- b) Oração inicial: a primeira oração em um trecho com orações que contenham *zero*, *mim* ou *eu* em até 12 linhas posteriores, como as primeiras orações em negrito dos exemplos (33) e (34) a seguir;
- c) Oração paralela: são aquelas orações que repetem a forma usada anteriormente, como a segunda oração em negrito do exemplo (33);
- d) Oração não paralela: orações que não repetem a variante usada anteriormente, como a segunda oração em negrito do exemplo (34).

33) eu sô(u) muito teimo::so assim eu num gosto que ninguém... fica me julgan(d)o e a mãe dela me julgava muito... né?... por eu usá::(r) brinco na época eu num tinha piercing só que eu usava brinco... né? andava com um pessoal... vamos dizê(r) assim (que num) gostava de... de brincá(r) nem... nada assim de... então a mãe dela ficava meio... então eu acho que foi mais **pra *mim* teimá(r)** com a mãe dela... que eu fui falá(r) com o pai dela **pra *mim* namorá(r)** a mãe dela num nem foi falá(r) comigo no dia (AC-047, L 117-118)

34) vim PRA casa... cheguei em casa... tirei o tamanco ((fala rindo))... porque se eu tivesse com a calça mais cumprida dava até **pa Ø disfarçá(r)** melhor né? eu tava com a calça curta... [Doc.: hum:]:... tirei o tamanco troquei tudo de ro(u)pa... voltei voltei LÁ perto do hospital Beneficência DE novo **pra *mim* fazê(r)** fisioterapia (AC-066, L 71-74)

viii. Correferência de sujeitos nas orações

A variável *correferência de sujeitos* procura determinar se a mudança de referente sujeito favorece ou não o preenchimento da posição de sujeito com uma das formas pronominais ou com *zero* na oração infinitiva com *para*. A hipótese que orienta a análise para este fator é a de que os informantes utilizem mais a variante *zero* em situações de correferência de sujeitos, já que o português permite, nesses contextos, o

⁴ Pensou-se, inicialmente, em considerar o turno do falante como limite para a análise do paralelismo; entretanto, a extensão dos turnos se mostrou muito variada entre os informantes, então o limite de 12 linhas foi o que, de maneira mais homogênea, permitiu caracterizar turnos relevantes para a análise do paralelismo, majoritariamente contínuos, com nenhuma ou pequenas interrupções dos entrevistadores.

apagamento do sujeito sem que se prejudique a compreensão da informação, como no exemplo (35).

35) aí enquanto isso eu vô(u) catan(d)o o pra::to... corto a às vezes quando dá vontade eu corto tomate assim:: nem nem jogo sal nada corto um monte de pedacinho de tomate... e **coloco num prato... pra pra Ø comê(r)** junto com o miojo... (AC-010, L 281)

O exemplo (35) acima ilustra um caso de correferência de sujeitos, uma vez que o informante já estava falando sobre si antes de pronunciar a oração infinitiva. A ocorrência em (36), por outro lado, é um caso de não correferência de sujeitos, uma vez que o falante estava contando a ação realizada por uma terceira pessoa (ele) em benefício do informante.

36) aí no dia dos namorados... eu disse po meu pai que eu queria dá(r) um presente pra ela... que eu ia pedí(r) ela em namoro... aí ele pegô(u) -- ele é farmacêutico... ele tem uma farmácia -- ele pegô(u) e **me deu um perfume importado pra mim dá(r) pra ela** (AC-021, L 17)

Para analisar a variável, foi necessária a exclusão de alguns dados da amostra, como em alguns casos de construções modais em que não é possível a identificação de um sujeito (cf. exemplos 30, 31 e 32) ou casos de orações sem sujeito, como exemplificado em (37):

37) lá de frente lá da casa dela... tem aonde lá as galinha vai botá(r)... as galinha da vizinha de::la... lá tem um pé de jabutica::ba na casa da minha avó... éh:: o que mais?... **tem po(u)quinha coisa pa Ø contá(r) de lá...** de(i)xa eu vê::(r)... (AC-007, L 76)

ix. Natureza semântica do verbo da oração principal

Para investigar possíveis efeitos do significado dos verbos para a escolha das formas pronominais nas orações com *para*, analisamos a natureza semântica do verbo da oração principal e os classificamos em:

a) **Existenciais**: consistem em verbos com o significado de que “algo existe para alguém”. Na amostra desta pesquisa, encontramos exemplos com os verbos *ter* (38) e *ser* com sentido de *existir*, como no exemplo (39):

38) Doc.: como que foi? cê gos::ta de desfilá::(r)? cê desfila por que assim? Inf.: ah porque eu gosto... minha mãe me pôs eu teve que í(r)... e eu achei lega::l... **tinha um monte de fantasia pa Ø vestí::(r)...** (AC-005, L 77)

39) aí eu subi a escadaria né? da da Estação da Luz... co/ com o endereço do do da minha tia no BOLso da camisa... e:: nem sabia onde que **era o ponto de ônibus... pra mim pegá(r)** o o/ o ônibus pa í(r) pa casa da minha tia... (AC-129, L 20)

b) **Transferenciais**: são verbos de três argumentos, como *dar* (*x* para *y*), *colocar* (*x* em *y*), *tirar* (*x* de *y*), *transformar* (*x* em *y*). Os exemplos a seguir são representativos dos verbos assim classificados:

40) aí no dia dos namorados... eu disse po meu pai que eu queria dá(r) um presente pra ela... que eu ia pedí(r) ela em namoro... aí ele pegô(u) -- ele é farmacêutico... ele tem uma farmácia -- ele pegô(u) e me **deu** um perfume importado **pra mim dá(r) pra ela** (AC-021, L 17)

41) aí enquanto isso eu vô(u) catan(d)o o pra::to... corto a às vezes quando dá vontade eu corto tomate assim:: nem nem joga25 sal nada corto um monte de pedacinho de tomate... e **coloco** num prato... pra **pra Ø comê(r)** junto com o miojo... (AC-010, L 281)

c) **Estativos**: representam verbos [*-dinâmicos*], tais como *sentar*, *ter* (posse de algo, como no exemplo (42) a seguir), *demorar* (um tempo), *faltar* (um tempo, como no exemplo (43)), entre outros.

42) cê num pode pegá(r) uma coisa muito pesada senão você num consegue se movimentá(r) né?... aí tinha um:: negócio lá que era deslocamento... e cê vai entendê(r) isso aí era uns negócio de:: ((latido de cachorro)) era:: vamo(s) supô(r) que você passasse no seu de::do... você teve um ponto... aí você perden(d)o um ponto você fazia uma conta lá só se eu **tivé(r)**

c'a ficha [=ter] lá **pra mim te mostrá(r)** né?... aí você podia pegá(r) a esqui::va... (AC-015, L 686)

43) fui andan(d)o fui anDAn(d)o e já pensan(d)o na PROva coRREN(d)o atraSAda **faltava** uns quinze vinte minuto **pra mim chegá(r)** lá na escola... cheguei perto desse menino... eu ia pum lado... ele ia tam(b)ém... eu desviava ia po o(u)tro... ele ia tam(b)ém (AC-074, L 32)

d) **Ação ou mudança de estado:** são verbos [+dinâmicos], como *resolver*, *casar* (44), *pagar* (*para mim fazer*) (45), entre outros.

44) aí a gente resolveu casá(r)... de impacto... c'uma diferença de vinte e oito anos de/ de:: diferença... meu marido/... meu ex-marido atualmente hoje tem cinqüenta e cinco e eu tô com vinte e sete na época eu devia tê::(r)... QUINze anos... era coisa de adolescente mesmo... MAS tudo bem **resolvemo(s) casá(r)**... tudo pra quê? **para mim tê(r) um filho...** porque eu queria porque queria tê(r) um filho... (AC-026, L 21)

45) tipo assim como se eu fosse a empregada dela [Doc.: aham ((concordando))] – “eu vô(u) te mandá(r) embora porque você de(i)xô(u) de fazê(r) isso” – tipo assim... aí era onde eu já num aceitava e falava pra ela – “eu num sô(u) sua empregada... eu sô(u) sua nora eu te ajudo porque eu quero mas **você não me paga pra mim limpá(r)**” – entendeu? (AC-036, L 128)

e) **Elocutivos:** verbos que denotam um ato de fala, como *chamar* (46), *falar* (47), *dizer*, *perguntar*, etc.

46) bom... eu moro no Marisa Cristina ali perto do:: da Vila Elmaz um condomínio novo... que saiu agora... nuns conjunto de casa... e/ e eu gosto muito dali porque::... eu acordo todo dia de manhã ali... vejo::/ saio na rua num tem ninguém às vezes... uns colega meu já acorda tam(b)ém já **chama eu pra mim jogá(r) bilhar::** (AC-031, L 96)

47) o:: rapaz que eu pegava a droga ele:: me ligava... e **falava pra mim í(r) num ponto...** que ele tava lá tal hora e eu ía... ele pegava me soltava... cinco gra::ma dez gra::ma vinte gra::ma e eu catava... só num:: numa embalagem ela num era picado ((ruído de cadeira e passos)) e eu cata::va... (AC-031, L 150)

f) Avaliativos e modais: os verbos classificados como avaliativos representam matrizes de orações subjetivas, como em *não foi fácil (para mim parar)*, mostrado em (48). Encontramos, também, um caso de avaliação modal com *ter que*, exemplificada em (49).

48) aí e e por intermédio tam(b)ém de de do meu serviço eu tinha muito apoio ((latido de cachorro)) no meu servi:ço... eu eu tive assim eu comecei a freqüentá(r) a associação aí eu achei que eu tinha que pará(r) de/ de/ de tomá(r)... mais **num foi fácil pa mim pará(r)**... mas graças a Deus eu consegui... (AC-135, L 10)

49) e queria também uma horta MInha... mas nesse caso **pra mim tê(r) uma horta minha eu teria que morá(r)**... **nessa chácara**... [Doc.: é] pra que eu pudesse EU cuidá(r)... eu num quero tê(r) uma horta onde eu pago alguém que cuide pra mim... porque aí eu compro a verdura sai muito mais barato... (AC-099, L 230)

Além desses tipos de verbos, também encontramos casos em que a oração infinitiva não possui verbo principal, porque o que seria o verbo, na verdade, forma com “*para + infinitivo*” uma construção com valor modal (cf. exemplos 30, 31 e 32), conforme apontado anteriormente. A ocorrência em (50) é outro exemplo desse tipo:

50) aí fomos vê(r) um lugar ali em Neves que tinha... chacarzinhas de dois mil metros... aí eu num já num queria um eu queria três... [Doc.: ah] eu queria três... e a pessoa vendia parcelado... **era pa Ø pagá(r) em quatro vezes**... eu lembro que era mais ou menos... era mais ou menos mil e duzentos reais... (AC-114, L 366)

x. Papel semântico do pronome sujeito

Ainda em relação a aspectos semânticos da construção, analisamos, como variável, o papel semântico desempenhado pelas formas pronominais e por *zero anafórico*, hipotetizando, para esse último, o papel semântico que o pronome teria, caso fosse preenchido.

Encontramos, entre os dados da pesquisa, cinco papéis semânticos para o sujeito: *Agente*, um papel que acumula a função de agente e também a de beneficiário, ao qual chamamos de *Ambíguo*, *Experienciador*, *Beneficiário* e um papel que parece acumular as funções de *Experienciador e Beneficiário*. Uma vez que tanto o papel semântico de experienciador quanto o de beneficiário não expressam agentividade, optamos por amalgamar os dados representativos desses dois papéis, a fim de facilitar a análise. Abaixo, seguem alguns exemplos de ocorrência dos papéis temáticos encontrados:

a) Agente

51) aí eu comentei lá em casa com a minha mã::e meu pa::i meu irmão e todos eles deram... incentivo pra *mim* fazê(r) né?... pra *mim* prestá(r) a prova... né?... só que aí:: tinha só um dia... **pra *mim* fazê(r) a... a inscrição** então... tive que corrê(r) atrás de::... histórico escolar:: fu/ éh:: foi bem corrido (AC-053, L 11)

b) Beneficiário e Experienciador

52) antes eu fiz o exame do estômago... eu fiz de:: de:: intesti::no coraçã::o... sangue urina né?... e:: colesterol que eu nunca tive disso... fiz bastante exames deu tudo... O.K. né? **pra *mim* podê(r) fazê(r) a cirurgia...** aí fiz essa cirurgia... (AC-152, L 14)

c) Experienciador:

53) eu entro no quar::to a prime(i)ra coisa que eu faço é:: ligá(r) o som né? eu ligo o som **pra Ø podê(r) tá relaxan::do tal...** eu dei::to e:: nesse tempo eu fico ouvin(d)o a mú::sica descansa::n(d)o fico refletin(d)o o que que eu fiz no dia... (AC-074, L 262)

d) Beneficiário:

54) Inf.1: e aí o cara do BANco... ligô(u) pra ela e falô(u) assim –“óh... o dinhe(i)ro (já) tá aqui comigo cê pode í(r) em qualquer agência do Itaú... que você recebe (esse dinhee(i)ro) ela falô(u) –“ah vô(u) pa Três Lagoas né?... **pa Ø recebê(r) esse dinhe(i)ro**”– isso é na terça... (AI-003, L 62)

e) Ambíguo (agente + beneficiário):

55) aí ele mandô(u) eu chamá(r) a minha tia mas eu perguntei o que aconteceu e ele não queRIA me falá(r)... aí eu chamei a minha tia... porque qualquer coisa ela IA me falá(r)... e aí eu fu/ aí eu tava fazen(d)o um miojo pra mim comê(r) que eu tava com muita fome eu tinha chegado da esco::la... (AC-008, L 53)

A hipótese para este fator é a de que a forma do pronome esteja correlacionada ao papel semântico desempenhado, principalmente no caso do papel ambíguo expresso sob a forma *mim*. Essa correlação é sugerida pelas explicações de Bagno (2006) de que a construção em estudo resulta do cruzamento das formas com função semântica de agente e beneficiário, conforme discutido anteriormente.

xi. Tipo de Construção

Analisamos os dados de *para mim/eu/zero* + verbo no infinitivo seguindo a proposta de Torrent (2005) de que as ocorrências do Dativo com Infinitivo do português poderiam ser agrupadas em cinco tipos diferentes: (a) aquelas com Verbos inerentemente transferenciais; (b) aquelas com Verbos que foram tornados transferenciais pelo esquema semântico da Construção; (c) aquelas com Construção Beneficial topicalizada; (d) aquelas com Construção Final topicalizada e, por fim, (e) as que se realizam com o modalizador *dá para*. Nesta pesquisa, amalgamamos os dois tipos de orações topicalizadas, por serem pouquíssimo frequentes e bastante parecidas em termos de forma e significado. Além disso, acrescentamos à análise as orações finais (não topicalizadas) e as orações modais (cf. exemplos 30 e 32), as quais já foram exemplificadas anteriormente, e as orações que classificamos como indicativas de um “evento alvo”. Os exemplos representativos de cada tipo de construção encontram-se a seguir.

a) Construção inerentemente transferencial: de acordo com Torrent (2005), são construções em que há um verbo transferencial cujo complemento oblíquo, regido pela preposição *para*, é o agente do verbo infinitivo da oração seguinte, como em:

56) ah ele brin::ca comi::go de jogui::nho... éh:: **ele dá joguinho pra mim levá(r) pa minha casa** pra mim fa/ pra mim montá::(r) e::... ele vai me ensiná(r) um jogui::nho no::vo... africa::no... (AC-007, L 202)

b) Construção tornada transferencial: casos em que o esquema semântico de um verbo não-transferencial se funde ao esquema da construção *para + infinitivo*, passando a possuir um complemento oblíquo que também é sujeito do verbo seguinte, mesmo que sua valência não preveja, a princípio, um complemento deste tipo (TORRENT, 2005):

57) aí ele mandô(u) eu chamá(r) a minha tia mas eu perguntei o que aconteceu e ele não queRIA me falá(r)... aí eu chamei a minha tia... porque qualquer coisa ela IA me falá(r)... e aí eu fu/ aí **eu tava fazen(d)o um miojo pra mim comê(r)** que eu tava com muita fome eu tinha chegado da esco::la... (AC-008, L 53)

c) Construção final/beneficial topicalizada: são casos em que o esquema sintático *para x infinitivo* aparece topicalizado e não está, necessariamente, ligado a um verbo transferencial ou a um verbo que foi tornado transferencial pelo esquema de papéis da construção:

58) teve uma que ele falô(u) que apostô(u) c'os colega dele né? [Doc.: ahm] que quem não fiCasse parece que ia::... ah sei lá parece que ia dá(r) cambalhota no meio da 12[ru::a] 12[Doc.: no::ssa] de noite assim 13[(inint.)] 13[Doc.: ahm] aí ele falô(u) e pela SORTE dele ele ficô(u) c'uma menina só eu era maior feia né? ele – “ah **pra mim num perdê(r) a aposta eu fui e fiquei**” – no::ssa... (AC-023, L 244)

d) Construção com o modalizador *dar para*: conforme Torrent (2005), são ocorrências em que o esquema construcional de caso se mescla a outra construção que indica possibilidade ou capacidade:

59) o Taboão da Serra:: num é bonito também né? mas... em termos de poluição::... dá de dez a zero naquele lugar lá... a cidade do centro de São Paulo... cê vê assim aquela nuvem cinZENta assim óh... onde eu dava dav/ onde que eu esTAVA né? **dava pra mim vê(r)** o estádio do Morumbi assim... ficava aceso toda noite assim né?... (AC-069, L 198)

e) Oração final: são as tradicionais orações adverbiais finais, que indicam finalidade ou propósito do evento na oração principal. Por razões de enfoque teórico, essas orações não se enquadram em nenhum dos casos de construção listados por Torrent (2005):

60) eu chegava bem nos meus amigo... aí quando os meus amigo olhô(u) na classe assim – “nossa T. já voltô(u)?”– falei assim –“já”– aí eu sem/ sempre tinha que levá(r) um:: travesse(i)ro **pra... Ø colocá(r) na cade(i)ra...** meu professor sempre falava assim –“T. qué(r) alguma coisa?”– –“não”–... – “qué(r) alguma coisa?”– –“não”–... (AC-014, L 41)

f) Orações evento-alvo: são as orações infinitivas que não expressam uma finalidade propriamente dita, mas o alvo do significado de um nome ou de um verbo, funcionando como oração completiva nominal (exemplo 61) ou como oração objetiva (exemplo 62):

61) lá foi um dia muito legal e muito cansativo... porque a gente brincô(u) muito gastô(u) muitas energia... aí no caminho de/ de casa... nós dormimos no carro e... e **chegan(d)o lá eu ainda tive:: disposição para Ø pousá(r) na chácara da minha tia** (AC-008, L 23)

62) ela nasceu choran(d)o normal... [Doc: ham] foi normal... só que:: aí... foram no quarto me avisá(r) já era umas oito e po(u)co da manhã... que ela havia falecido né?... **aí pedi pra Ø mudá(r) de quar::to...** que eu num queria ficá(r) onde tava um monte de bebê né?... [Doc: sei] fiquei mais três dias no hospital... depois eu saí do hospital:: (AC-070, L 41)

A hipótese, com a análise desse fator, é a de que a ocorrência das formas pronominais esteja correlacionada a tipos específicos de construção e a graus de fixação/cristalização das construções do português analisadas.

xii. Tempo verbal oração matriz

A análise do tempo verbal na oração que se associa à construção com *para* + *infinitivo* tem o propósito de verificar possíveis correlações entre o tempo verbal na oração principal e o uso de *mim*, *eu* ou *zero* na oração infinitiva com *para*. Encontramos, na análise, cinco tempos verbais distintos, usados, em sua maioria, no modo Indicativo. Os exemplos de cada tempo verbal presente na amostra seguem abaixo:

a) Presente:

63) ele liga agora lá dire::to lá perguntan(d)o – “ô E. (sobe) cê num qué(r) pegá(r) uma droga pra revendê(r) aí tal?” – aí eu falo – “não tô de bo::a já tô trabalhan(d)o... tô levan(d)o:: coisa séria tam(b)ém porque:: tal já tô casan(d)o” – tem vez que eu já jogo um migué nele... 2[Doc.: uhum] 2[falo] **que tem alguma coisa séria pra mim:: fazê(r)** já::... e descarto dele (AC-031, L 51-52)

b) Pretérito perfeito:

64) o que que aconteceu fui do lado de fora... peguei uma escada... **subi no sobrado pa Ø gritá(r)** pa tentá(r) acordá(r) pa ele abrí(r) a porta... pra minha sogra entrá(r) pa podê(r)... dormí(r) que ele ficô(u) tão:: desnorteado e atrapalhado que trancô(u) ela pra fora [Doc. e Inf.: ((risos))] ele tem problema um po(u)co de audição e com nervoso... num ouviu NAda (AC-115, L 151)

c) Pretérito imperfeito:

65) eu ficava até chateado quando alguém num conseguia:: [Doc.: uhum] jogá(r)... e::... e entrava... já saía já perdia ponto e saía né?... e às vezes eu::... ficava muito tempo o(o)tro... tava pra ví(r) depois de mim eu tinha que errá(r) pra ele jogá(r) também né? então às vezes **eu até errava por conta pra Ø podê(r)**... [Doc.: ((risos))] dá(r) o lugar pro o(o)tro... (AC-123, L 68)

d) Futuro do pretérito:

66) esses profissionais vão servi(r) a comunidade... também de uma forma... irresponsável... porque ele não teve... no início da carre(i)ra... é::... condições... e:: vai se torná(r) uma bola de neve... porque... eu num quero não **gostaria** de tê(r) o meu filho... numa universidade pública... que não tenha condições pra ele só **pra Ø dizê(r)** que ele tá numa universidade pública (AC-080, L 273)

e) Futuro simples:

67) aí eu vô(u) cadastrá(r) o pedido eu entro na página de pedidos já com o cliente cadastrado... acesso o código do cliente coloco lá::... e vô(u) cadastran(d)o certinho... então **eu vô(u) colocá(r)** todas as condições... do pedido... prazo... desconto... o frete se é FIT ou FOB a transportadora **pra mim despachá(r)...** a cobrança se é bancária ou é em carteira ou cheque po motorista alguma coisa assim... (AC-117, L 375)

Para melhor processamento dos dados no programa estatístico e, assim, para a obtenção de melhores resultados, decidimos por amalgamar o futuro simples e o futuro do pretérito, já que são pouco frequentes na amostra e por ambos retratarem situações hipotéticas (*irrealis*).

Muitos dos fatores investigados nesta pesquisa foram também discutidos por Figueiredo (2007) entre *mim* e *zero* como sujeitos de orações infinitivas iniciadas por *para* na fala carioca, tais como os fatores sociais *gênero*, *escolaridade* e *faixa etária* e os fatores linguísticos *correferência de sujeitos*, *natureza semântica do verbo da principal*, *tipo de texto*, *paralelismo linguístico* e *função sintática da infinitiva*. Entre as variáveis não analisadas por Figueiredo, tem-se a variável social *renda* e as variáveis linguísticas *papel semântico do pronome sujeito*, *tipo de construção* e *tempo verbal da oração principal*.

No capítulo seguinte, são apresentados os resultados da análise dos dados. A **primeira seção** contém os resultados gerais da análise ternária, a qual abrange todas as ocorrências das variantes *eu*, *mim* e *zero*. A **segunda seção** apresenta os resultados das diferentes combinações entre as variantes efetivamente produzidas, e a **terceira seção**

apresenta os resultados de *mim* e *eu* em casos de preenchimento de sujeito obrigatório em orações infinitivas introduzidas por *para*.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Conforme exposto no capítulo de Metodologia desta dissertação, a primeira seção deste capítulo apresenta os resultados de todos os dados de primeira pessoa em orações *pVI*, ou seja, dados com as variantes *eu*, *mim* e *zero* (com referência à primeira pessoa do singular). Esta análise ternária tem a finalidade de observar como as formas em estudo se distribuem na variedade de São José do Rio Preto e região.

Na segunda parte deste capítulo, serão apresentados os resultados de análises mais detalhadas do comportamento das formas, considerando-se separadamente combinações binárias das variantes. A opção por esse modo de análise se justifica pelo propósito de investigar, em um primeiro momento, sob um olhar mais panorâmico, o modo como a variação se configura na comunidade analisada para, em um segundo momento, sob um olhar mais detido, investigar como efetivamente as variantes se combinam na fala de grupo específicos de informantes. No banco de dados investigados, esses grupos se caracterizam pela produção de uma única forma das variantes (*eu*, *mim* ou *zero*), de duas dessas formas (*eu* e *zero*, ou *mim* e *zero*), ou ainda pelo uso concomitante das três variantes analisadas (*eu*, *mim* ou *zero*).

Esse modo de organização das análises – acredita-se – propicia uma descrição mais aprofundada e um conhecimento mais detalhado do fenômeno investigado, o qual, conforme apontado anteriormente, por ser um fenômeno de natureza sintática, não conta com um número elevado de dados, seja quanto ao total coletado, seja em relação a algumas das células analisadas, conforme se poderá observar ao longo da apresentação dos resultados nas seções seguintes.

1. Resultados da análise ternária

As subseções a seguir apresentam os resultados da análise ternária das orações com *para x + verbo no infinitivo* com a finalidade de observar como as formas *eu*, *mim* e *zero* se distribuem na variedade do interior paulista em comparação com sua distribuição em outra variedade em que o fenômeno fora investigado: a variedade

carioca. Para essa comparação, deve-se ter em mente, entretanto, que Figueiredo não considerou as variáveis como ternárias, restringindo as análises às formas *mim* e *zero*. Essa diferença implica, portanto, que as conclusões obtidas com base nos resultados aqui expostos, quanto ao comportamento do fenômeno nas duas variedades, devam ser vistas com cautela.

Uma primeira observação a ser feita em relação aos dados gerais é o grande desequilíbrio que se nota entre o total de ocorrências das três formas pronominais em análise: a forma *zero*, mais frequente entre todas elas, totaliza 308 ocorrências e é seguida do pronome *mim*, que aparece em 82 ocorrências. Com um total bem mais reduzido aparece o pronome *eu*, que ocorre em apenas 28 dados ao longo de todo o *corpus* investigado.

Esse fato, já de antemão, aponta para uma situação clara de mudança na variedade investigada, já que as circunstâncias contextuais que envolvem os inquiridos do Iboruna a princípio não favorecem a ocorrência de formas não padrão (no caso, *mim*) em detrimento de formas tidas como padrão (*eu*). Em outras palavras, os tipos de texto analisados não se apresentam marcados quanto ao grau de formalidade a ser empregado a ponto de inibir a ocorrência de formas mais diretamente associadas ao padrão culto do português. O que se pode dizer, portanto, é que o baixo número de ocorrências da forma *eu* indica, para a variedade investigada, uma mudança já bastante avançada de uma situação de variação ternária entre as formas pronominais *eu*, *mim* e *zero* para um caso de variação binária, entre *mim* e *zero* nas construções com *pVI*.

Resultado muito semelhante a esse foi obtido por Figueiredo (2007) em relação ao português do Rio de Janeiro, em que a baixa ocorrência do pronome *eu* (4%) nas amostras inviabilizou sua inclusão na análise quantitativa, razão pela qual, diferentemente do que se faz nesta pesquisa, Figueiredo (2007) analisou apenas a variação binária, entre *mim* e *zero*, conforme mencionado anteriormente.

1.1. Sexo/gênero

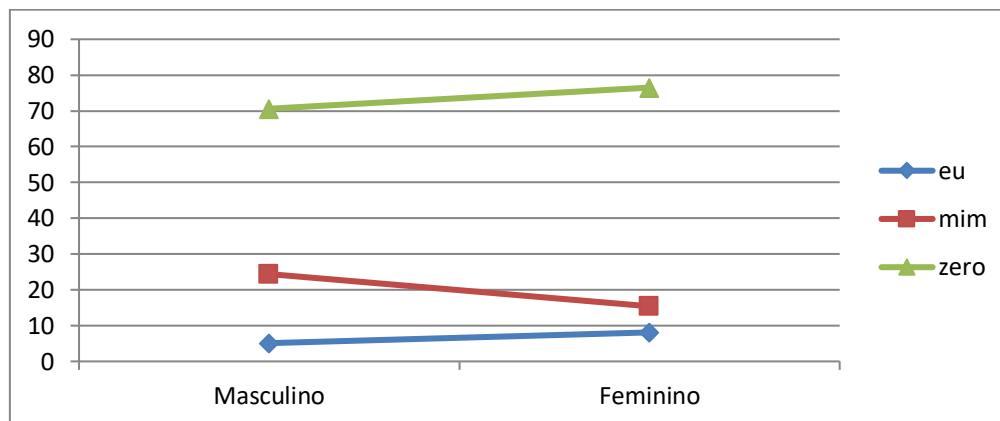
Como já verificado em diversos trabalhos e discutido anteriormente na fundamentação teórica desta dissertação, em comparação aos homens, as mulheres são

mais sensíveis ao significado social das variantes linguísticas. Dado que, no fenômeno em questão, o uso da variante *mim* é abolido pela norma padrão e estigmatizado socialmente, espera-se que as representantes do sexo feminino assumam uma postura mais conservadora e empreguem com frequência menor do que os informantes do sexo masculino o pronome *mim* diante de verbos no infinitivo. Vejamos os resultados para o grupo de fator social *sexo/gênero*:⁵

Tabela 1 - Ocorrência de *eu*, *mim* e *zero* em relação à variável *sexo/gênero do informante*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
Masculino	N	10	48	139	197
	%	5.1	24.4	70.6	47
Feminino	N	18	34	169	221
	%	8.1	15.4	76.5	53
Total	N	28	82	308	418
	%	6.7	19.6	73.7	100

Gráfico 1 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* por sexo/gênero do informante



Observando a tabela e o gráfico expostos, percebe-se que a variante *eu*, mais prestigiada, é de fato mais recorrente entre falantes do sexo feminino (8.1%) que entre falantes do sexo masculino (5%). A variante *mim*, por sua vez, ocorre em 24.4% dos casos entre os falantes homens e apenas em 15.4% dos casos entre as falantes mulheres. A variante *zero* apresenta maior percentual na fala de informantes de ambos os sexos,

⁵ Convém mencionar que, por limitações do programa estatístico utilizado, os resultados da análise da variação ternária se mostram apenas em termos percentuais, diferentemente dos resultados das análises binárias que se apresentam também em termos de pesos relativos.

com 70.6% de dados para o sexo masculino e 76.5% para o sexo feminino, revelando uso equilibrado entre os dois gêneros.

A variante *eu*, analisada separadamente, totaliza 65% de uso por informantes do sexo feminino, enquanto a variante não padrão *mim* foi utilizada em apenas 41% dos dados por mulheres; diferença significativa quando pensamos no significado social das duas variantes e nas expectativas que recaem sobre as mulheres no tocante ao maior uso de formas socialmente prestigiadas (Fischer, 1958 apud PAIVA, 2015).

No estudo de Figueiredo (2007), que investigou a variação *mim/zero* nas construções com *para* na variedade carioca, o fator gênero/sexo dos informantes foi analisado em conjunto com o grau de escolaridade. Ao cruzar as duas variáveis, Figueiredo (2007) observou que, no primário (equivalente ao Ensino Fundamental I), há diferença marcante entre os homens, que marcam peso relativo de .20 para a ocorrência de *mim* em comparação a *zero*, e entre as mulheres, com peso relativo de .67 para a ocorrência de *mim*, “o que tenderia a ser atribuído à pressão da norma, que se exerce preferentemente sobre os homens” (p. 106). Os resultados de Figueiredo distanciam-se dos obtidos neste estudo, pois, verificando-se a distribuição dos dados de *mim* e *zero* na análise ternária quanto ao fator *gênero/sexo* independentemente do fator grau de escolaridade, podemos constatar que a pressão da norma não se exerce preferencialmente sobre os homens, e sim sobre as mulheres, já que são elas que usam com menor frequência a variante não padrão.

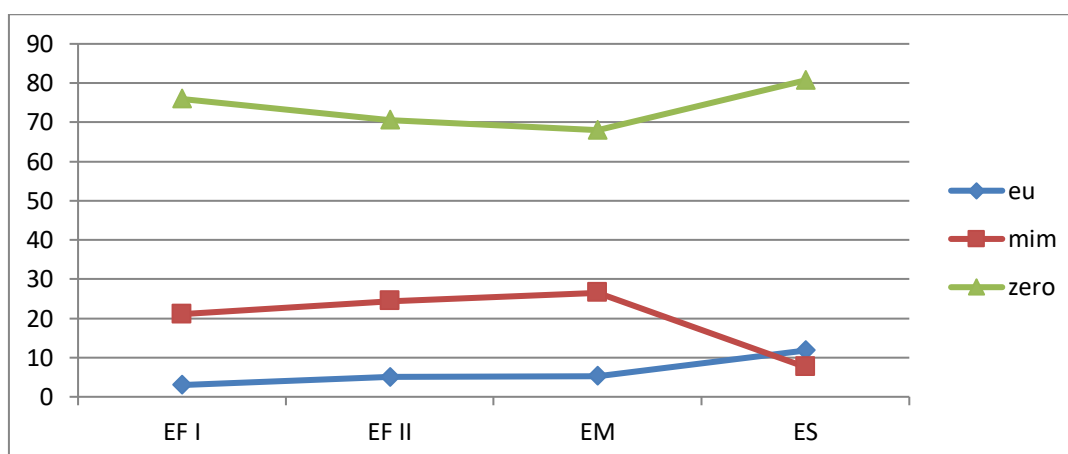
1.2. Grau de Escolaridade

Conforme apontado anteriormente, o fator *grau de escolaridade* mostra-se relevante para o estudo do fenômeno em questão pelo fato de a escola gerar mudanças na fala e na escrita das comunidades, geralmente atuando como preservadora de formas de prestígio perante tendências de mudança em curso. Assim, o que se espera em relação ao comportamento dos dados quanto a este fator é que os falantes com maior nível de escolaridade usem mais a variante padrão *eu* do que a variante não padrão *mim* como sujeito de orações infinitivas introduzidas por *para*. A tabela a seguir apresenta os resultados para a variável social *grau de escolaridade*.

Tabela 2 - Ocorrência de *eu*, *mim* e *zero* em relação à variável *escolaridade*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
I ciclo EF	N	2	14	51	67
	%	3	20.9	76	16
II ciclo EF	N	6	29	84	119
	%	5	24.4	70.6	28.5
Ensino Médio	N	6	30	77	113
	%	5.3	26.5	68.1	27
Ensino Superior	N	14	9	96	119
	%	11.8	7.6	80.7	28.5
Total	N	28	82	308	418
	%	6.7	19.6	73.7	100

Gráfico 2 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* por grau de escolaridade



Observando os resultados da variável escolaridade para o fenômeno *para x + verbo no infinitivo*, é possível concluir que a variante *zero* é a mais frequente em todos os níveis de escolaridade e que a variante *mim* está mais presente na fala de indivíduos com menor escolarização (21% para I ciclo do EF, 24.4% para II ciclo do EF e 26.5% para o Ensino Médio). Na fala de informantes com Ensino Superior podemos verificar o controle e a força da escolarização, já que é apenas neste nível de escolaridade que a variante prestigiada (*eu*, 11.8%) é mais empregada que a variante estigmatizada (*mim*, 7.6%). É interessante ressaltar, também, que 50% do total de dados de *para eu + infinitivo* é produzido por informantes com Ensino Superior, fato que revela uma forte

correlação entre o uso da forma tida como padrão (com *eu*) e o maior tempo de contato com os padrões normativos da língua veiculados pelo ensino formal.

Constata-se, portanto, que essa mudança no uso das formas *mim* e *eu* ocorre apenas no Ensino Superior; nos demais graus de escolaridade não há diferenças percentuais significativas no uso das formas, prevalecendo a variante não padrão *mim*. Assim, não se observa, como se podia esperar, um aumento gradual no uso da forma padrão conforme o avanço dos indivíduos pelos níveis escolares.

No tocante aos dados do Ensino Médio, uma explicação para esse comportamento das variantes pode estar no fator *faixa etária* dos informantes. A idade em que, geralmente, os indivíduos se encontram no Ensino Médio (14 a 18 anos) é propensa à busca por aceitação e identificação social para com a comunidade de que o falante faz parte, ou para com indivíduos de mesma faixa etária. Vejamos, na tabela abaixo, os resultados do cruzamento entre *faixa etária* e *escolaridade* sobre a ocorrência de *mim*.

Tabela 3 – Cruzamento *faixa etária/escolaridade*: variante *mim*

Escolaridade/Idade	EF I	EF II	EM	ES	Total
7 a 15	04/11 = 36%	04/25 = 16%	07/10 = 70%	----	15/46 = 33%
16 a 25	04/07 = 57%	06/16 = 38%	07/24 = 29%	04/22 = 18%	21/69 = 30%
26 a 35	03/20 = 15%	09/25 = 36%	08/32 = 25%	00/35 = 0%	20/112 = 18%
36 a 55	01/05 = 20%	04/23 = 17%	07/28 = 25%	04/37 = 11%	16/93 = 17%
+55	02/24 = 08%	06/30 = 20%	01/19 = 05%	01/25 = 04%	10/98 = 10%
Total	14/67 = 21%	29/119 = 24%	30/113 = 27%	09/119 = 08%	82/418 = 20%

Observando os dados da tabela, confirma-se a hipótese de que falantes do Ensino Médio, entre as faixas etárias de 7 a 15 anos, que abrange parte dos informantes do Ensino Médio, e de 16 a 25 anos, usam com maior frequência (70% e 29%, respectivamente) a variante *mim* do que os informantes das demais faixas etárias que estudaram até o Ensino Médio. Conforme explica Camacho (2013), dado que a variedade linguística que se emprega é fator concorrente para a construção de identidade social, a recusa em aprender a norma culta, veiculada pela escola, pode significar para um membro de uma comunidade socialmente marginalizada rejeitar os valores culturais

próprios da classe mais alta que se acham implícitos na expressão verbal; assim, ao optar por formas rejeitadas pela escola, o indivíduo preserva sua própria identidade social.

Figueiredo (2007) não apresenta resultados para a análise do fator *escolaridade* separadamente, apenas resultados desse fator em cruzamento com *faixa etária*. A maior diferença que se verifica quanto à escolaridade é a de que, de modo geral, os informantes da amostra do ano 2000 de Figueiredo com colegial (Ensino Médio) desfavorecem fortemente a variante *mim* em comparação aos informantes com outros níveis de escolaridade, enquanto para a variedade do noroeste paulista, comparados a informantes de outros níveis de escolaridade, os informantes com Ensino Médio favorecem a variante *mim*. O estudo de Figueiredo não abarcou informantes com Ensino Superior, escolaridade que nesta pesquisa revelou desfavorecer fortemente o uso da forma não padrão.

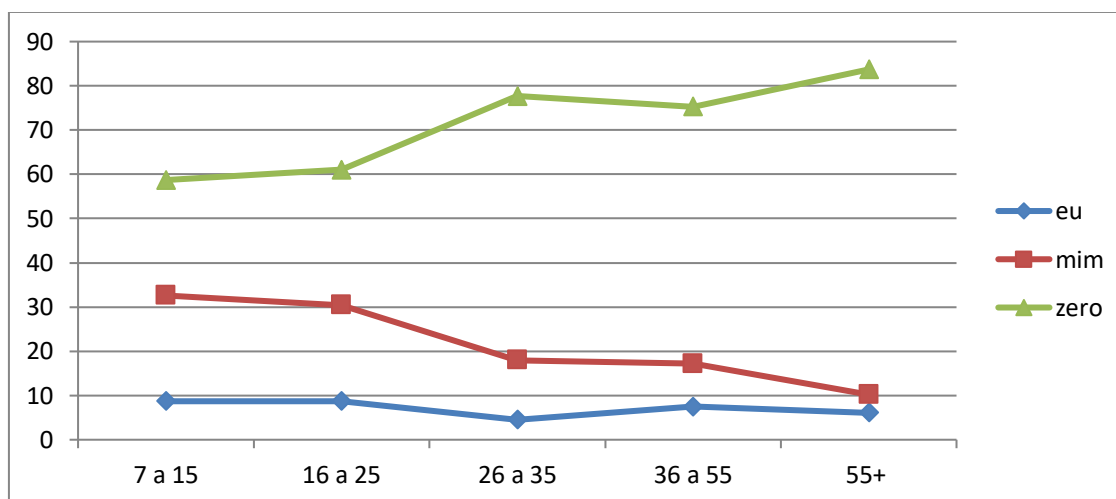
1.3. Faixa Etária

Para o fator social faixa etária, conforme discutido no capítulo de fundamentação teórica desta pesquisa, a hipótese nos estudos sociolinguísticos é a de que faixas etárias mais jovens evidenciem o uso de formas inovadoras (ou socialmente estigmatizadas), e falantes de faixas mais elevadas tendam ao uso de formas conservadoras (ou socialmente prestigiadas) nos processos de variação (LABOV, 1972). Assim, grandes contrastes verificados entre os informantes mais jovens e de maior idade indicam mudança em direção a uma das variantes. Na tabela a seguir, apresentam-se os resultados da pesquisa para o grupo de fator *faixa etária*.

Tabela 4 - Ocorrência de *mim*, *eu* e *zero* em relação à variável *faixa etária*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
7 a 15 anos	N	4	15	27	46
	%	8.7	32.6	58.7	11
16 a 25 anos	N	6	21	42	69
	%	8.7	30.4	61	16.5
26 a 35 anos	N	5	20	87	112
	%	5.5	18	77.7	26.8
36 a 55 anos	N	7	16	70	93
	%	7.5	17.2	75.3	22.2
Mais de 55 anos	N	6	10	82	98
	%	6.1	10.2	83.7	23.4
Total	N	28	82	308	418
	%	6.7	19.6	73.7	100

Gráfico 3 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* por *faixa etária*



As análises mostram que, na variedade investigada, a variação entre o uso de *zero* e *mim* é mais equilibrada entre os informantes das duas faixas mais jovens: os informantes de 7 a 15 anos produzem *mim* em 32,6% dos casos e *zero* em 58,7% dos casos, enquanto os informantes de 16 a 25 anos produzem 30,4% de *mim* e 61% de *zero*.

Nas demais faixas etárias, o uso da forma *mim* diminui significativamente e avança os dados de preenchimento nulo. As porcentagens mostram o que poderia representar o início da substituição de *mim* por *zero* a partir da faixa etária de 26 a 35 anos, fato que pode estar relacionado à entrada dos indivíduos no mercado de trabalho, pois à medida que vão sendo inseridos no mercado de trabalho, os falantes se tornam

mais sensíveis aos significados sociais das variantes que usam (LABOV, 2008; CAMACHO, 2013) e, para não serem alvos de preconceito, podem estar optando por uma forma mais neutra (*zero*).

Na faixa etária de indivíduos com mais de 55 anos, podemos notar uma diminuição ainda maior do uso da variante não padrão *mim*, um comportamento que indicia uma mudança em direção ao uso de *zero* pronominal na variedade investigada.

O uso da variante de prestígio *eu*, por seu turno, permanece equilibrado por todas as faixas etárias, e não chega a atingir 10% dos dados. Condizente com o comportamento de mudança, possivelmente em direção ao predomínio de *zero*, a frequência de *eu* diminui na última faixa etária (6.1%), revelando-se menor do que nas duas primeiras faixas (8.7%).

Na análise de Figueiredo (2007) para a variável carioca, os dados de *mim* são mais escassos entre a fala de informantes pertencentes à primeira faixa etária do que entre informantes mais velhos, o que não ocorre nos resultados desta pesquisa. Entretanto, o autor comenta que os resultados da primeira faixa etária não são confiáveis em razão da baixa quantidade de dados, e acaba por não levantar hipóteses que justificariam essa diferença entre os resultados.

1.4. Renda

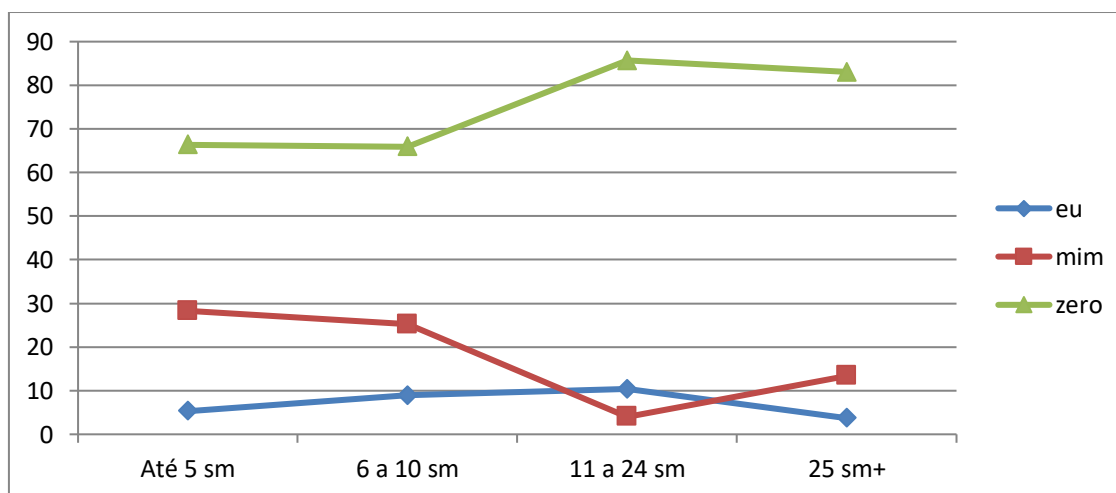
Como apresentado na seção de fundamentação teórica deste estudo, a variável renda indica a natureza da variação linguística na comunidade investigada a partir da noção de prestígio. Dessa forma, é possível que a variante desprestigiada *mim* seja encontrada menos frequentemente em dados de informantes pertencentes a níveis socioeconômicos mais altos.

Ressalte-se que, para esta análise, não foi possível incluir os dados da Amostra de Interação Dialógica, já que, no Iboruna, esta amostra não traz a informação do nível de renda do informante. Os resultados para essa variável estão expostos a seguir:

Tabela 5 - Ocorrência de *mim*, *eu* e *zero* em relação à variável *renda*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	Total
Até 5 SM	N	6	32	75	113
	%	5.3	28.3	66.4	28.6
6 a 10 SM	N	11	31	81	123
	%	8.9	25.2	65.9	31.1
11 a 24 SM	N	8	3	66	77
	%	10.4	3.9	85.7	19.5
Mais de 25 SM	N	3	11	68	82
	%	3.7	13.4	82.9	20.8
Total	N	28	77	290	395
	%	7.1	19.5	73.4	100

Gráfico 4 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* por *renda do informante*



Os resultados mostram que todos os níveis socioeconômicos usam com maior frequência a variante *zero*, considerada neutra em termos de prestígio/estigma. Entretanto, informantes com renda a partir de 11 salários mínimos usam um pouco mais essa variante do que os informantes dos níveis socioeconômicos inferiores. Comparando a renda de 11 a 24 salários mínimos com as inferiores, nota-se que o uso de *eu* permanece regular (entre 5 e 10%), e o uso de *mim* cai, passando de 26% em média a 4% das ocorrências dos falantes pertencentes a essa classe. Essas estatísticas mostram que informantes com maior renda preferem substituir a forma *mim*, quando possível, pelo pronome nulo, justamente por esse ser menos marcado socialmente.

O comportamento geral dos informantes permite hipotetizar que, quanto menor a renda, maior o uso da variante não padrão *mim*. Entretanto, nos dados dos informantes

cuja renda é maior que 24 salários mínimos, o uso da variante *mim* foi mais alto (13.4%) do que o uso por falantes com 11 a 24 salários mínimos. Cruzando os fatores renda e grau de escolaridade, constatamos que a maior parte desses dados (14 de 16) foi produzida por falantes cuja escolaridade era Ensino Fundamental II (07 ocorrências) e Ensino Médio (07 ocorrências), revelando então a interferência da escolaridade neste fator. A tabela a seguir apresenta a distribuição dos dados da variante *mim* em relação à renda e escolaridade:

Tabela 6 – Cruzamento renda/escolaridade: variante *mim*

	Até 5 SM	6 a 10 SM	11 a 24 SM	Mais de 25 SM	Total
EF I	09/20 = 45%	04/14 = 29%	0/13 = 0%	0/09 = 0%	13/56 = 23%
EF II	10/17 = 59%	07/28 = 25%	03/32 = 09%	05/36 = 14%	25/113 = 22%
EM	09/35 = 26%	17/41 = 41%	0/15 = 0%	04/21 = 19%	30/112 = 27%
ES	04/41 = 10%	03/40 = 08%	0/17 = 0%	02/16 = 12%	09/114 = 08%
Total	32/113 = 28%	31/123 = 25%	03/77 = 04%	11/82 = 13%	77/395 = 19%

Analisando os dados da tabela 6, podemos verificar a atuação da renda e da escolaridade em conjunto na fala dos informantes, uma vez que informantes com Ensino Superior e baixa renda tendem a usar com mais frequência a variante não padrão (média de 9%) do que estudantes com Ensino Superior e alta renda (frequência média de 6%). Além disso, informantes com baixo nível de escolaridade e baixa renda usam a variante não padrão com maior frequência (45%) do que informantes com baixa escolarização e alta renda (0%). Conclui-se, portanto, que a renda também é uma variável correlacionada ao uso das variantes nas construções *pVI*, já que, como demonstrado, falantes com o mesmo nível de escolaridade mostram variação em sua fala a depender do contexto socioeconômico em que estão inseridos, comprovando a hipótese de que as classes socioeconômicas menos favorecidas tendem ao uso da variante estigmatizada.

Convém salientar que, conforme já mencionado, esse fator não foi analisado por Figueiredo (2007) para a variedade carioca.

Nas seções a seguir, serão apresentados os resultados das formas *eu*, *mim* e *zero* para os fatores linguísticos investigados. O primeiro fator a ser apresentado é o *tipo de texto*, por se tratar de um fator discursivo. Logo após, os fatores linguísticos são apresentados por ordem de relevância, a saber: *papel semântico do pronome*,

correferência de sujeitos, função sintática da infinitiva, tipo de construção, natureza semântica do verbo principal, paralelismo linguístico e tempo verbal da oração principal.

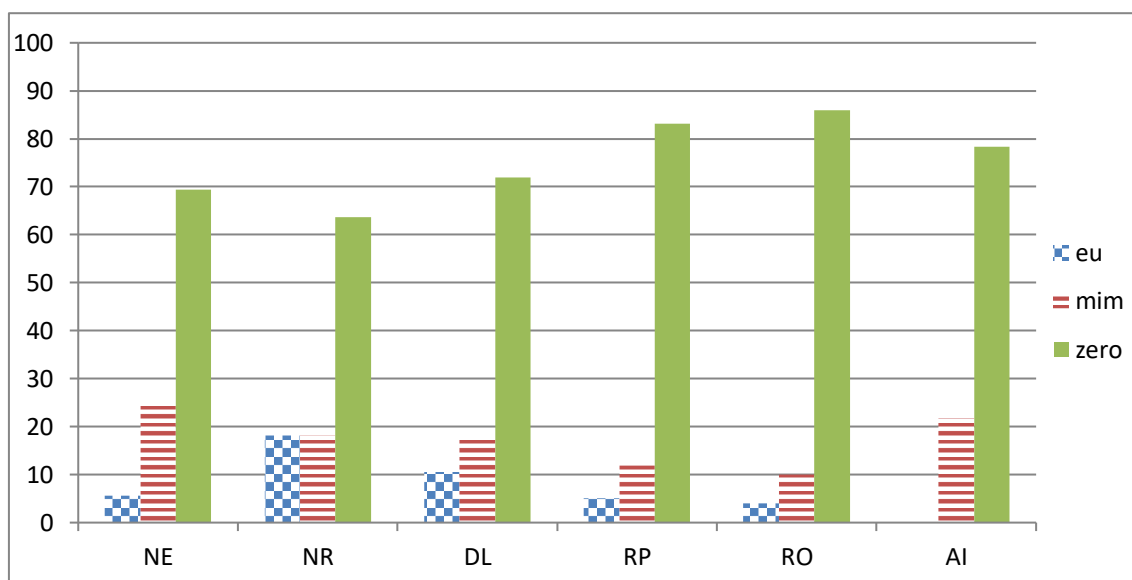
1.5. Tipo de texto

Analisando a variável *tipo de texto*, verifica-se que o tipo de texto mais propício para a ocorrência do pronome de primeira pessoa do singular, seja ele *eu*, *mim* ou *zero*, é a narrativa de experiência (196 ocorrências), a qual, conforme já indicava Labov (2008 [1972]), corresponde ao tipo de texto em que o falante mais fala de si próprio, no caso desta pesquisa, possibilitando mais ocorrências que envolvem formas de primeira pessoa. Os percentuais de distribuição dos dados encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 7 - Ocorrência de *mim*, *eu* e *zero* em relação à variável *tipo de texto*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
Narrativa de Experiência	N	11	49	136	196
	%	5.6	25	69.4	46.9
Narrativa Recontada	N	6	6	21	33
	%	18.2	18.2	63.6	7.9
Descrição de Local	N	6	10	41	57
	%	10.5	17.5	71.9	13.6
Relato de Procedimento	N	3	7	49	59
	%	5.1	11.9	83.1	14.1
Relato de Opinião	N	2	5	43	50
	%	4	10	86	12
Amostra de Interação	N	0	5	18	23
	%	0	21.7	78.3	5.5
Total	N	28	82	308	418
	%	6.7	19.6	73.7	100

Gráfico 5 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* por tipo de texto



Observa-se ainda que, em todos os tipos textuais, a porcentagem dos casos de *mim* prevaleceu sobre os casos de *eu*, como reflexo do maior número total de dados, e a maior porcentagem dos casos de *mim* se deu em narrativas de experiência (25%), narrativas recontadas (18.2%) e na amostra de interação (21.7%). Esse resultado está de acordo com a hipótese clássica de Labov de que, ao produzir narrativas de experiência, o falante tende a se envolver mais com o conteúdo relatado e a policiar menos seu modo de falar, atentando-se menos quanto ao grau de estigma das variantes *e*, consequentemente, favorecendo variantes não padrão. É interessante lembrar que a Amostra de Interação consiste em registros de fala coletados secretamente em situações de interação verbal livre; sendo assim, essa amostra se aproxima mais do uso real das variantes, uma vez que o paradoxo do observador⁶ é eliminado. No estudo de Figueiredo (2007) sobre a variação entre *mim* e *zero*, o tipo de texto que mais favoreceu o emprego da variante *mim* também foi o de Relato de Experiência.

Dessa forma, conclui-se que situações em que o falante policia menos sua forma de falar, seja por não saber que está sendo observado, seja por seu envolvimento com o tema, favorecem o emprego de *mim* e, consequentemente, desfavorecem a forma reta do

⁶ O paradoxo do observador, segundo Labov (2008 [1972]), consiste no fato de que a pesquisa linguística visa descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; entretanto, para que se obtenham tais dados, é preciso haver uma observação sistemática, residindo aí o paradoxo enfrentado pelo pesquisador.

pronome. A variante *zero*, por seu turno, é favorecida por contextos em que o falante não se envolve muito com o assunto, como em relatos de procedimento (83% de *zero*) ou relatos de opinião (86%).

1.6. Papel semântico do pronome sujeito

Avaliamos o papel semântico dos casos de *mim*, de *eu* e de *zero anafórico*, hipotetizando, para esse último, qual seria o papel semântico do pronome caso a posição de sujeito fosse preenchida. Foram identificados os papéis de Agente, um papel que acumula a função de agente e a de beneficiário, ao qual chamamos de Ambíguo, Experienciador, Beneficiário e um papel que parece acumular as funções de Experienciador e Beneficiário. Para viabilizar a análise quantitativa, os dados representativos de experienciador e beneficiário foram amalgamados, já que ambos são não agentivos. Cada um dos papéis encontrados, já exemplificados anteriormente, encontram-se ilustrados mais uma vez a seguir, por questão de conveniência.

1) Agente

68) eu posso te ensiná(r) a fazê(r) pudim de leite condensado... bom essa receita é muito fácil eu aprendi c'a avó do meu marido... e:: eu sô(u) assim muito difícil pa aprendê(r) a fazê(r) as coisas **eu preciso tá c'a receita grudada nos olhos pra Ø fazê(r) certo...** (AC-036, L 267)

2) Beneficiário e/ou Experienciador:

a) Beneficiário e Experienciador:

69) antes eu fiz o exame do estômago... eu fiz de:: de:: intesti::no coraçã::o... sangue urina né?... e:: colesterol que eu nunca tive disso... fiz bastante exames deu tudo... O.K. né? **pra mim podê(r) fazê(r) a cirurgia...** aí fiz essa cirurgia... (AC-152, L 14)

b) experienciador:

70) tem mulheres que amadurecem com a gravidez eu acho que naquele certo tempo ali eu num amadureci não... **demorô(u) um po(u)co pra mim podê(r) amadurecê(r)** DEPO::IS né?... ele foi crescer::(d)o aí eu fui:: né? entenden(d)o né? (AC-038, L 61)

c) beneficiário:

71) Inf.1: e aí o cara do BANco... ligô(u) pra ela e falô(u) assim –“ôh... o dinhe(i)ro (já) tá aqui comigo cê pode í(r) em qualquer agência do Itaú... que você recebe (esse dinhee(i)ro) ela falô(u) –“**ah vô(u) pa Três Lagoas né?... pa Ø recebê(r) esse dinhe(i)ro**”– isso é na terça... (AI-003, L 62)

3) Ambíguo (agente + beneficiário):

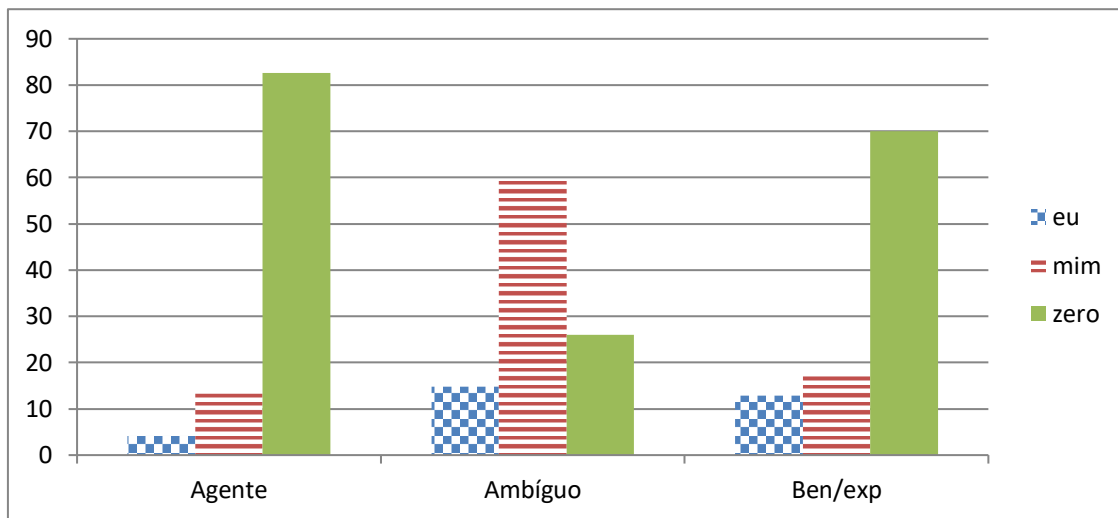
72) o:: rapaz que eu pegava a droga ele:: me ligava... e **falava pra mim í(r) num ponto...** que ele tava lá tal hora e eu ía... ele pegava me soltava... cinco gra::ma dez gra::ma vinte gra::ma e eu catava... (AC-031, L 150)

A tabela a seguir apresenta os resultados dos papéis semânticos de *eu*, *mim* e *zero*:

Tabela 8 - Ocorrência de *mim*, *eu* e *zero* em relação à variável *papel semântico do pronome sujeito*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
Agente	N	13	42	261	316
	%	4.1	13.3	82.6	75.8
Ambíguo	N	8	32	14	54
	%	14.8	59.3	25.9	12.9
Beneficiário e/ou experienciador	N	6	8	33	47
	%	12.8	17	70.2	11.3
Total	N	27	82	308	417
	%	6.5	19.7	73.9	100

Gráfico 6 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* por papel semântico do pronome sujeito



Analisando os resultados verticalmente, observa-se que o total de ocorrências de *mim* ambíguo, em que o pronome acumula a função de agente e de beneficiário, perfaz 39% dos dados de *mim*. Por outro lado, o total de casos em que o pronome atua semanticamente apenas como *beneficiário e/ou experienciador* (13 ocorrências) perfaz 10% dos dados de *mim*. Esses percentuais permitem a constatação de que o pronome *mim* está sendo mais usado na variedade investigada com função semântica ambígua do que como beneficiário, ou seja, nas estruturas com *para + infinitivo*, o pronome oblíquo *mim* está perdendo a ideia de beneficiário e passando a expressar agentividade, sendo, inclusive, interpretado exclusivamente como agente em 51% dos dados. Essa constatação também pode ser relacionada ao que afirma Carvalho (2008) sobre o processo de simplificação do sistema pronominal brasileiro, isto é, ao fato de o emprego do pronome oblíquo *mim* ser generalizado a outros papéis semânticos e funções sintáticas que não a inicialmente prevista por sua forma casual.

Considerando a variante *zero* separadamente, observamos que em 85% dos casos, o sujeito (e o pronome, caso fosse preenchido) teria papel de agente. Entretanto, o papel de agente seria, na gramática normativa, atribuído ao pronome reto *eu*, que, como comprovamos, é bem menos utilizado nas construções de *para x + infinitivo* que o pronome oblíquo *mim*. Essa é mais uma evidência de que o *zero*, alternativa menos marcada e estigmatizada, também está variando com o *mim* e servindo à substituição da forma padrão *eu*. Além disso, o *zero* também é usado para substituir pronome não

agente, já que tem 70% dos dados interpretados como beneficiário ou experienciador ocorreram com essa variante.

Convém esclarecer que os casos em que o pronome reto *eu* foi interpretado como beneficiário e/ou experienciador são, em sua maioria, apenas experienciadores, como nos exemplos abaixo:

- 73) ele procura sempre sê(r) mais certinho não que eu num seja certinha mas... se eu tivé(r) que pará(r) e conversá(r) com alguém na rua eu vô(u) pará(r) e ele já não ele já evita então **ele num me dá muitos motivos... pra eu tê(r) ciúmes dele** mas... TEM ciúmes né? é sempre bom tê(r) um po(u)co de ciúmes pra mostrá(r) que GOSTa (AC-046, L 142)
- 74) quando eu cheguei no na casa do dos meus pais... a minha mãe já estava me esperando na:: na varanda... e:: já **veio falando que num era pra eu me preocupá::(r)** que tava tudo bem:: que que ele já tinha sido medica::do eu falei –“mas como precisa medicá(r) que que aconteceu?”–... (AC-118, L 189)

Assim, esse resultado também evidencia uma tendência à generalização do uso de *zero* na variedade analisada, especialmente, nesse caso, na função de experienciador de evento.

Salienta-se, por fim, que esse fator não foi analisado no estudo Figueiredo (2007), impossibilitando a comparação entre as variedades do interior paulista e a carioca a esse respeito.

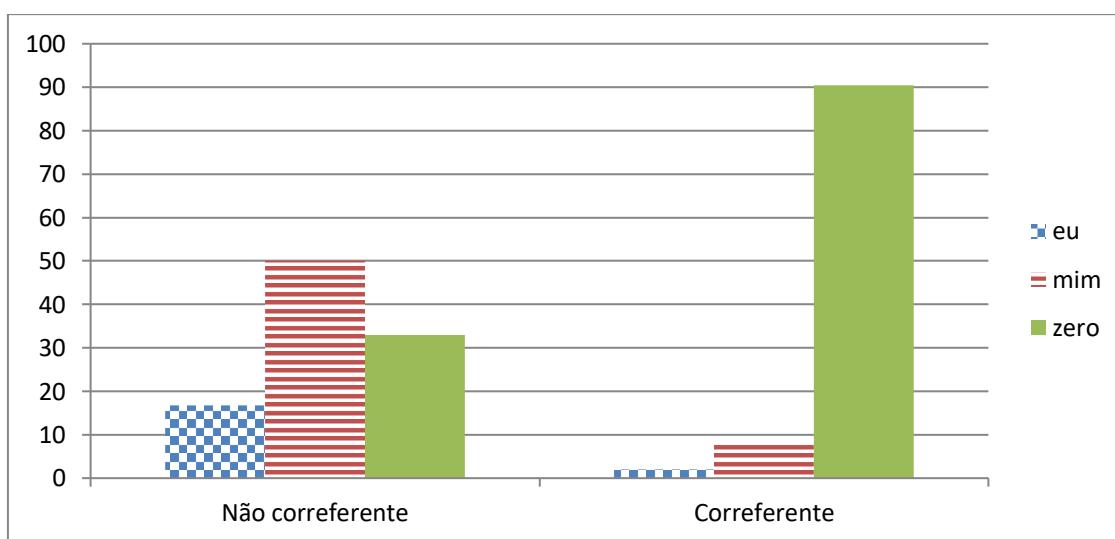
1.7. Correferência de sujeitos

A análise da variável *correferência de sujeitos* tornou necessário excluir alguns dados da amostra, como casos de construções modais em que não é possível a identificação de um sujeito, conforme exemplificado no capítulo de Metodologia desta dissertação. Desse modo, foram analisadas, quanto a este fator, 359 ocorrências (18 com *eu*, 61 com *mim* e 280 com *zero*), sendo 80 casos de não correferência de sujeitos e 279 casos de sujeitos correferentes, distribuídos conforme demonstram os percentuais na tabela a seguir.

Tabela 9 - Ocorrência de *mim*, *eu* e *zero* em relação à variável *correferência de sujeitos*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
Sujeito não correferente	N	13	40	27	80
	%	16.2	50	33.8	22.3
Sujeito correferente	N	5	21	253	279
	%	1.8	7.5	90.7	77.7
Total	N	18	61	280	359
	%	5.0	17	78	100

Gráfico 7 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* e *correferência de sujeitos*



As porcentagens mostram que a variante *mim* é usada com frequência de 50% em orações com sujeitos distintos e 7.5% em orações com sujeitos idênticos, e a variante *eu* é usada com frequência de 16.2% em contextos de não correferência de sujeitos e apenas 1.8% em contextos de correferência de sujeitos. Em outras palavras, as variantes *mim* e *eu* são mais usadas nas situações em que o falante precisa explicitar o sujeito a fim de não causar ambiguidade em sua fala. Com *zero*, como era de se esperar, tem-se o comportamento oposto: a maioria dos casos (90.7%) é de ocorrências com sujeito correferente. Esse contexto, evidentemente, impulsiona o falante a não preencher o sujeito porque a referência de primeira pessoa do singular pode ser recuperada.

Nos dados de não correferência de sujeitos, grande parte da ocorrência da variante *zero* deve-se ao fato de a referência de primeira pessoa já ter sido feita de algum modo anteriormente. Nos exemplos abaixo, tem-se, por exemplo, o complemento

oblíquo *me* anteposto ao verbo da oração principal, o que torna a repetição da primeira pessoa na oração infinitiva desnecessária:

75) eu acho que sim porque tipo até até quando quebra computador aqui na:.... aqui PERto na vizinhança aqui meu vizinho vive me chaman(d)o pra Ø ajudá(r) ele com o computador... (AC-010, L 399)

76) eu nunca tive o gostinho... de almoçar junto c' o gerente da empresa nunca tive essa oportunidade... nesse dia na maior da boa vontade ele me convidô(u) pra Ø ir no restaurante que se encontrava perto... uma churrascaria por sinal... né?... (AC-103, L 111)

A presença do complemento oblíquo anteposto ao verbo da oração principal não impede, porém, a repetição do preenchimento após a preposição *para* na oração infinitiva, como é possível observar nos dados abaixo, supostamente por razões pragmáticas de ênfase da referência à primeira pessoa:

77) tipo assim como se eu fosse a empregada dela [Doc.: aham ((concordando))] – “eu vô(u) te mandá(r) embora porque você de(i)xô(u) de fazê(r) isso” – tipo assim... aí era onde eu já num aceitava e falava pra ela – “eu num sô(u) sua empregada... eu sô(u) sua nora eu te ajudo porque eu quero mas você não me paga pra mim limpá(r)” – entendeu? (AC-036, L 128)

78) aí eu lem/ aí ela falô(u) – “não mãe”– lá na co/ aí a I./ aí el/ ela:: conversô(u) com a I. tudo direitinho que ah tinha morrido tal... que todo mundo mo::rre... aí ela falô(u) assim – “então tá bom mãe então a senhora me leva eu pra mim vê(r) ela a última vez?”– (AC-130, L 263)

79) NÓS ficamos lá:: e eu tentei encontrá(r) alguma coisinha pra mim né? de::... presente... que a minha cunhada tinha me dado dinhe(i)ro pra eu comprá(r)... (AC-013, L 12)

Conclui-se, portanto, que a ocorrência das variantes *mim* e *eu* são favorecidas em casos de não correferência de sujeitos, e que casos de correferência de sujeitos são contextos linguísticos altamente favorecedores da variante *zero*, já que nesses casos a repetição do pronome não é necessária para que o ouvinte compreenda a referência de 1ª pessoa. No estudo sobre a alternância entre *mim* e *zero* em orações infinitivas

introduzidas por *para* na variedade carioca, Figueiredo também atestou que sujeitos diferentes favorecem *mim* e sujeitos idênticos favorecem *zero*.

1.8. Função sintática da oração infinitiva

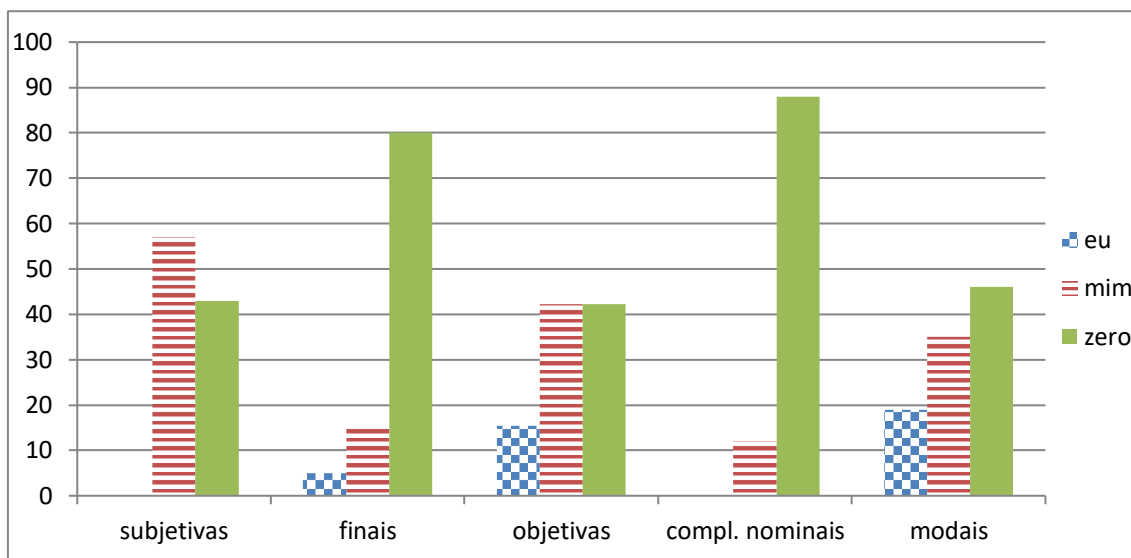
Na classificação da função sintática desempenhada pela oração infinitiva com *para* na qual ocorrem as formas pronominais em análise, encontramos orações adverbiais finais, orações substantivas objetivas, subjetivas e completivas nominais, além de um caso específico de orações modais (epistêmicas ou deônticas) e com o modalizador “dá para”, as quais foram analisadas separadamente. Não encontramos dados de orações subjetivas ou orações completivas nominais com *para eu + infinitivo*, o que supomos que se deva ao baixo número de dados com a forma *eu*.

A tabela a seguir apresenta os resultados de *para x + infinitivo* para o fator função sintática da infinitiva:

Tabela 10 - Ocorrência de *mim*, *eu* e *zero* em relação à variável *função sintática da oração infinitiva*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
Orações subjetivas	N	0	4	3	7
	%	0	57.1	42.9	1.7
Orações finais	N	15	47	250	312
	%	4.8	15.1	80.1	74.6
Orações objetivas	N	4	11	11	26
	%	15.4	42.3	42.3	6.2
Orações completivas nominais	N	0	3	22	25
	%	0	12	88	6
Orações modais	N	9	17	22	48
	%	18.8	35.4	45.8	11.5
Total	N	28	82	308	418
	%	6.7	19.6	73.7	100

Gráfico 8 - Frequência de *eu*, *mim* e zero e função sintática da oração infinitiva



As orações adverbiais finais, exemplificadas abaixo, são as mais frequentes nos dados. Totalizam 312 ocorrências, sendo 47 delas de orações com *mim* (15%).

80) NÓS ficamos lá:: e eu tentei encontrá(r) alguma coisinha pra mim né? de::... presente... que a minha cunhada **tinha me dado dinhe(i)ro pra eu comprá(r)...** (AC-013, L 12)

81) aí no dia dos namorados... eu disse po meu pai que eu queria dá(r) um presente pra ela... que eu ia pedí(r) ela em namoro... aí ele pegô(u) -- ele é farmacêutico... ele tem uma farmácia -- ele pegô(u) e **me deu um perfume importado pra mim dá(r) pra ela** (AC-021, L 17)

As orações objetivas totalizaram 26 dados, 11 deles (42.3%) em orações com *mim*. As orações objetivas são casos de orações com verbos bitransitivos, como “dar” e “pedir”, como nos exemplos abaixo:

82) e falô(u) que:: ia furá(r) o olho da minha irmã vai ven(d)o minha irmã era pequena ela colocô(u) em cima da mesa... falô(u) que ia furá(r) o olho da minha irmã... de repente ela jogô(u) a faca longe::... falô(u) que num sabia o que tinha acontecido com e::la... [Doc.: hum::] né?... aí **pedia pra eu num contá(r) pra minha mãe::...** coisas assim... [Doc.: uhum ((concordando))] minha irmã ficô(u) choran(d)o... (AC-070, L 180)

83) ah ele brin::ca comi::go de jogui::nho... éh:: **ele dá joguinho pra mim levá(r)** pa minha casa pra mim fa/ pra mim montá::(r) e::... ele vai me ensiná(r) um jogui::nho no::vo... africa::no... (AC-007, L 202)

84) fui no hospital que na/ naquele dia só tinha... a minha esposa... então a atenção toda era voltada pra pra nós... pro casal e pra ela né?... e assim que ela nasceu até **o médico me convidô(u) pa Ø entrá(r) na sala** mas eu sô(u) meio... medroso pra essas coisas (AC-145, L 26)

Quanto às orações subjetivas, foram encontrados 7 dados, 4 com a variável *mim*, um deles exemplificado abaixo, em que se entende que a oração com *para* ocupa o lugar de argumento externo da expressão *dar trabalho* (*x deu trabalho*), ainda que apareça em posposição.

85) Inf.2: aí as polícia nem fez ocorrência falô(u) pra mim assim –“óh a senhora vai lá na casa do advogado e vê se tira ele e eu aconselho a senhora a num ficá(r) na casa”– aí eu fui pa casa da minha mãe **deu trabalho pra mim tirá(r) ele de lá...** aí a tutelar conseguiu tirá(r)... porque a menina minha tava operada... (AI-009, L 42)

As orações completivas nominais apareceram 25 vezes na amostra, 3 com a variável *mim*, como no exemplo abaixo:

86) aí eu comentei lá em casa com a minha mã::e meu pa::i meu irmão e **todos eles deram... incentivo pra mim fazê(r) né?...** pra mim prestá(r) a prova... né?... só que aí:: tinha só um dia... pra mim fazê(r) a... a inscrição então... tive que corrê(r) atrás de::... histórico escolar:: fu/ éh:: foi bem corrido (AC-053, L 10)

Por fim, as construções modais, que já foram exemplificadas no capítulo de Metodologia desta pesquisa, totalizaram 48 dados, 17 deles com a variável *mim* (35.4%). Esses resultados mostram que o contexto morfossintático mais produtivo da oração infinitiva introduzida por *para*, como de certo modo era esperado, é o contexto de oração final, que corresponde a quase 75% da amostra. O uso do pronome de

primeira pessoa diante da preposição, conforme mostram esses resultados, entretanto, não se limita ao contexto das orações de finalidade na variedade investigada.

Em relação às variantes *mim*, *eu* e *zero*, observando-se os resultados com cada função sintática expostos na tabela, conclui-se que as orações subjetivas, objetivas e modais parecem favorecer o pronome oblíquo, já que foram os contextos com maior porcentagem de ocorrência da variante não padrão. As orações finais e completivas nominais parecem favorecer o sujeito nulo, já que o mesmo ocorreu 80% e 88% nesses contextos, respectivamente. Nenhum contexto de função sintática se mostrou relevante para a ocorrência da variante *eu* em orações infinitivas com *para*, possivelmente em razão de seu uso mais escasso na variedade estudada.

O estudo de Figueiredo entre *mim* e *zero* confirmam os resultados desta pesquisa: na variedade carioca, as orações subjetivas e objetivas também se mostram favorecedoras do pronome *mim*, e as orações finais e completivas proporcionam mais usos de *zero*.

1.9. Tipo de construção

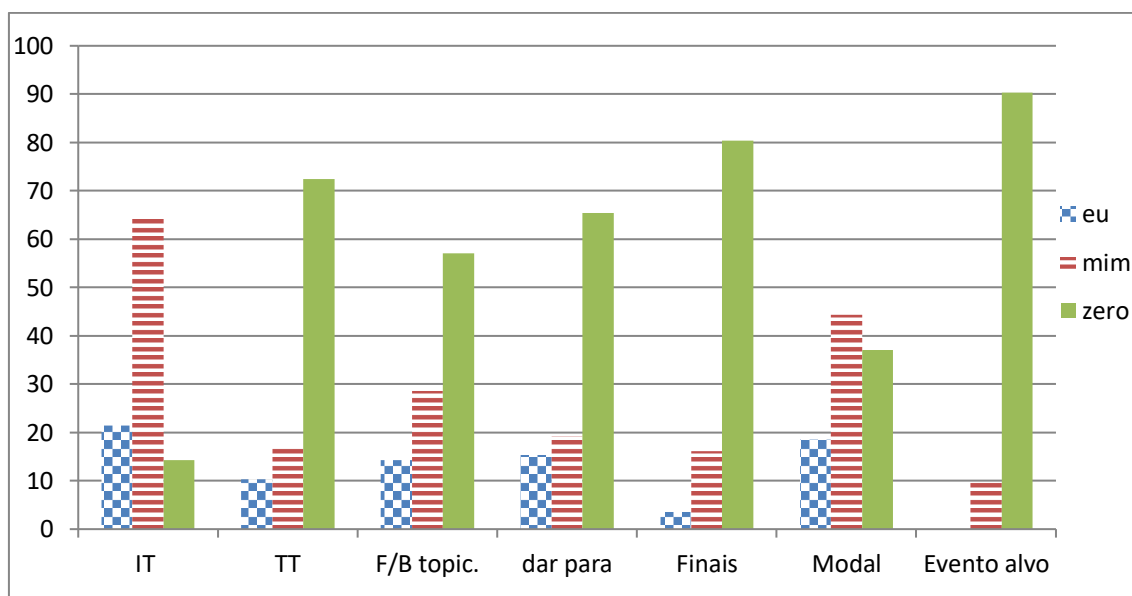
Com a variável “tipo de construção”, investigam-se os dados de *para mim/eu/zero + verbo no infinitivo* seguindo-se a proposta de Torrent (2005) de que as ocorrências do Dativo com Infinitivo podem ser agrupadas em cinco tipos diferentes: (a) aquelas com Verbos inerentemente transferenciais; (b) aquelas com Verbos que foram tornados transferenciais pelo esquema semântico da Construção; (c) aquelas com Construção Beneficial topicalizada; (d) aquelas com Construção Final topicalizada e, por fim, (e) as que se realizam com o modalizador *dar para*. Esse não foi um dos fatores analisados por Figueiredo (2007).

Os resultados da coleta de dados estão dispostos na tabela abaixo.

Tabela 11 - Ocorrência de *mim*, *eu* e *zero* em relação à variável *tipo de construção*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
Inerentemente	N	3	9	2	14
Transferenciais	%	21.4	64.3	14.3	3.3
Tornados	N	6	10	42	58
Transferenciais	%	10.3	17.2	72.4	13.9
Final/beneficial	N	1	2	4	7
Topicalizada	%	14.3	28.6	57.1	1.7
Modal <i>dar para</i>	N	4	5	17	26
	%	15.4	19.2	65.4	6.2
Finais	N	9	41	205	255
	%	3.5	16.1	80.4	61
Modal e Avaliativa	N	5	12	10	27
	%	18.5	44.4	37	6.5
Evento Alvo	N	0	3	28	31
	%	0	9.7	90.3	7.4
Total	N	28	82	308	418
	%	6.7	19.6	73.7	100

Gráfico 9 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* por *tipo de construção*



A partir desses resultados, observa-se que, de todos os fatores, as orações finais são as mais recorrentes no corpus – 61% do total de dados, sendo empregada em 80.4% desses casos com a variante *mim*.

Dentre as construções propostas por Torrent (2005), entre as quais não estão as orações finais, a construção inerentemente transferencial é a que mais parece favorecer

usos de sujeito de primeira pessoa nesta pesquisa, totalizando 14 dados (9 com *mim* e 3 com *eu*). A baixa ocorrência de *zero* nesses contextos se deve ao fato de que essas construções equivalem a orações com verbos bitransitivos, que requerem um complemento (na maior parte das ocorrências, o oblíquo).

As orações que expressam um evento alvo de orações completivas e objetivas favoreceram o sujeito nulo (90%), e as construções com *dar para* revelaram que se trata de construções menos construcionalizadas na língua, uma vez que os falantes usam com frequência parecida, na pesquisa, os pronomes *mim* e *eu* (15.4 e 19.2%) e também produzem bastante o pronome nulo (65.4%). O pronome oblíquo *mim* teve grande incidência entre as orações modais e avaliativas (44.4%), sendo esse então um contexto em que os falantes costumam realçar a expressão de primeira pessoa. Essa construção, portanto, tende a refrear a substituição por *zero* em um processo de mudança linguística, já que se caracteriza como mais construcionalizada, isto é, está mais fixada na língua com o uso do pronome *mim*.

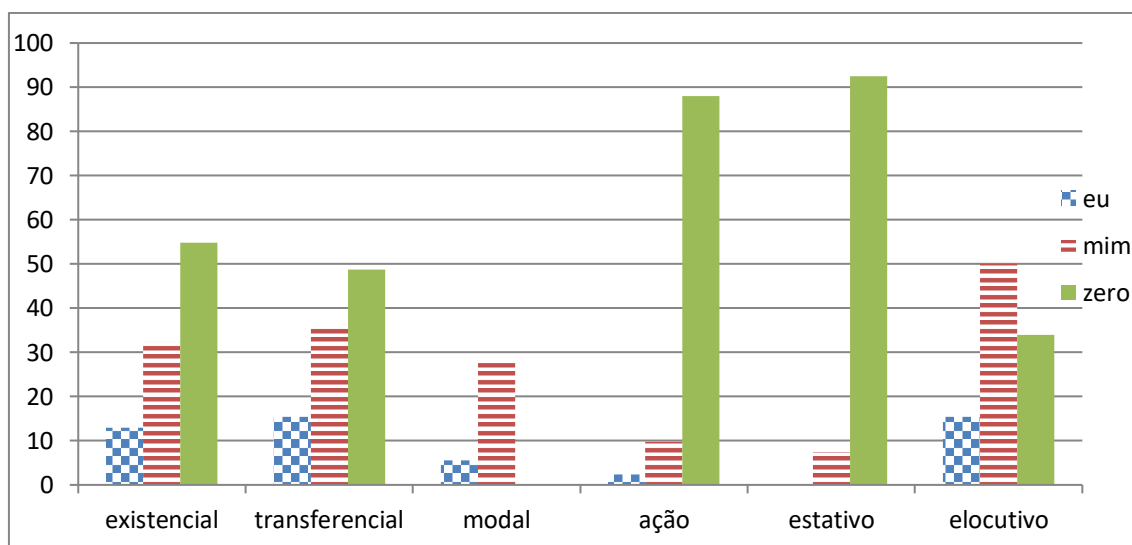
1.10. Natureza semântica do verbo principal

Como já exposto anteriormente, analisamos também o efeito da natureza semântica do verbo da oração principal para o emprego de *para mim/eu* seguido por infinitivo. Encontramos nos dados verbos dos seguintes tipos, conforme já definidos e exemplificados no capítulo de Metodologia: verbos existenciais, transferenciais, avaliativos, verbos de ação ou mudança de estado, verbos estativos e verbos elocutivos. A seguir, apresentam-se os resultados da distribuição dos dados para essa variável.

Tabela 12 - Ocorrência de *mim*, *eu* e *zero* em relação à variável *natureza semântica do verbo principal*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
Existencial	N	4	10	17	31
	%	12.9	32.3	54.8	8.4
Transferencial	N	6	14	19	39
	%	15.4	35.9	48.7	10.6
Avaliativo e Modal	N	1	5	12	18
	%	5.6	27.8	66.7	4.9
Ação ou mudança de estado	N	4	17	154	175
	%	2.3	9.7	88	47.4
Estativo	N	0	6	74	80
	%	0	7.5	92.5	21.7
Elocutivo	N	4	13	9	26
	%	15.4	50	34	7.0
Total	N	19	65	285	369
	%	5.1	17.6	77.2	100

Gráfico 10 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* por *natureza semântica do verbo principal*



Analisando os dados acima, constata-se que os verbos que mais propiciam o emprego do pronome de primeira pessoa diante de infinitivo são os verbos de elocução (17 de 26 ocorrências) e transferenciais (20 de 39 ocorrências). Nesses verbos, o pronome de primeira pessoa é interpretado como o destinatário da elocução ou da transferência, fato que explica a baixa ocorrência do pronome nulo \emptyset . Por outro lado, o sujeito nulo parece ser favorecido por verbos de ação ou mudança de estado e verbos estativos, já que esses contextos somaram 88% e 92.5% de *zero*, respectivamente.

Figueiredo (2007) analisou a natureza semântica do verbo da principal com base na abordagem funcionalista de Halliday (1994) e evidenciou que processos materiais (isto é, com dois participantes e de mais alta agentividade) tendem a favorecer a variante *mim*, enquanto os relacionais e os processos de movimento (com um único participante e menos agentivos) tendem a desfavorecer o uso de *mim*. Para o autor, estes resultados parecem indicar que a maior transitividade do verbo favoreceria a interpretação de *mim* como sujeito da infinitiva – o que também se confirma para a variedade investigada neste estudo. A diferença na proposta de classificação dos tipos semânticos dos verbos desta pesquisa se deu em razão de ela permitir uma análise mais detalhada dos tipos verbais e por abranger um maior número de casos, com foco mais no significado e em sua interferência na ocorrência dos pronomes, do que na estrutura valencial dos verbos.

Averigua-se, desse modo, que a tendência geral de ocorrência das três variantes é ao uso generalizado de *zero*, com exceção dos verbos de elocução e transferenciais que, por sua própria natureza semântica, favorecem a explicitação de um beneficiário, marcado pela forma *mim*. É possível hipotetizar que, em uma trajetória de mudança, esses sejam os últimos contextos de substituição do pronome por *zero*, ou que pode mesmo ocorrer de *mim* resistir nesses casos, constituindo construções mais fixadas, no sentido de Goldberg (1995), somando-se aos casos de construção formadas com o pronome *mim* descritos anteriormente (seção 1.9).

1.11. Paralelismo linguístico

Como explanado no capítulo de Metodologia deste trabalho, no tocante ao fator *paralelismo linguístico*, a hipótese para as construções em estudo é a de que o efeito do paralelismo seja forte em trechos com sentenças com sujeito nulo, sendo enfraquecido em trechos com preenchimento de sujeito.

Do total de 418 dados, obtiveram-se 215 ocorrências de orações únicas (com *mim* ou *zero* apenas uma vez em um trecho de 12 linhas anteriores ou posteriores à ocorrência). As orações iniciais (a primeira em um trecho com orações com *zero* ou *mim* posteriores) totalizaram 81 ocorrências. Foram obtidas 95 ocorrências de orações

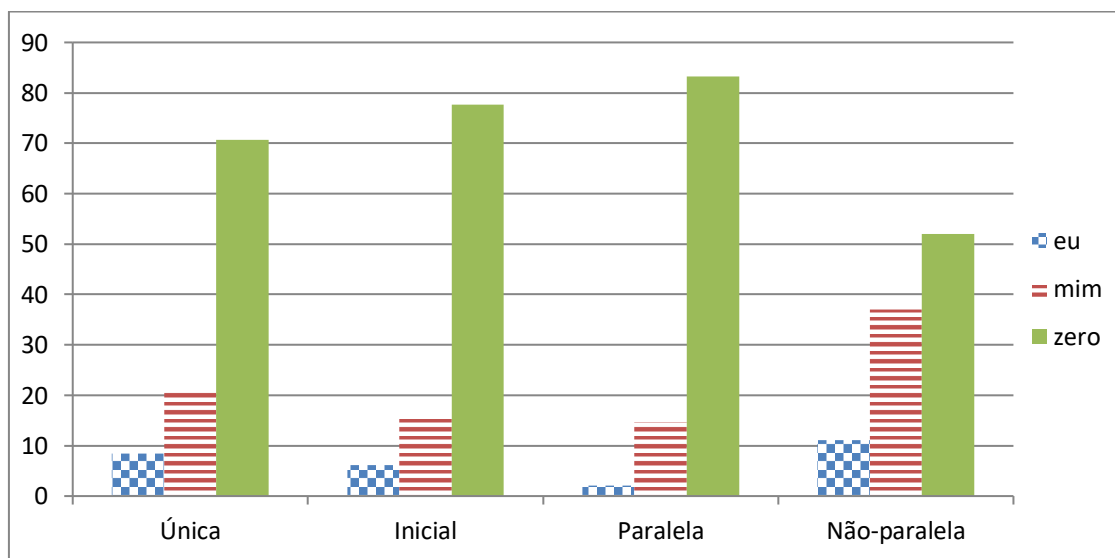
paralelas (aquelas que repetem a forma usada anteriormente). Por fim, as orações não paralelas (que não repetem a variável usada anteriormente) totalizaram 27 ocorrências.

Os resultados para a variável *paralelismo linguístico* estão expostos na tabela a seguir.

Tabela 13 - Ocorrência de *mim*, *eu* e *zero* em relação à variável *paralelismo linguístico*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
Oração única	N	18	45	152	215
	%	8.4	20.9	70.7	51.4
Oração inicial	N	5	13	63	81
	%	6.2	16.0	77.8	19.4
Oração paralela	N	2	14	79	95
	%	2.1	14.7	83.2	22.7
Oração não-paralela	N	3	10	14	27
	%	11.1	37.0	51.9	6.5
Total	N	28	82	308	418
	%	6.7	19.6	73.7	100

Gráfico 11 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* por *paralelismo linguístico*



Observando a tabela e o gráfico, pode-se constatar que as orações não paralelas favorecem o preenchimento da posição de sujeito com *eu* e *mim* e diminuem a ocorrência do sujeito nulo, já que nas orações únicas, iniciais e paralelas, a ocorrência de *zero* foi, respectivamente, de 70.7%, 77.8% e 83.2% e, nas orações não paralelas, a ocorrência de *zero* caiu para 52% dos casos. Dessa forma, constata-se que as orações

paralelas constituem um contexto mais propício à ocorrência de sujeito nulo, e esse condicionamento parece operar com menor força na ocorrência das variantes *mim* e *eu*.

Conforme apontado anteriormente, Paredes da Silva (1988) atestou que o efeito do paralelismo linguístico é mais forte em contextos de sujeitos nulos do que em contextos com presença pronominal. Destarte, os resultados da análise das orações *pVI* vão ao encontro daqueles obtidos pela autora, já que revelaram a maior ocorrência de *zero* em orações paralelas e menor ocorrência de paralelismo em orações com *mim* e *eu*.

Para a variedade carioca, o estudo de Figueiredo sobre a alternância entre *mim* e *zero* revelou que o pronome *mim* favorece o paralelismo linguístico, mas novamente seus dados de orações paralelas foram muito escassos (2 com *mim* e 3 com *zero*), o que inviabiliza qualquer explicação acerca das diferenças entre as variedades investigadas quanto a este fator.

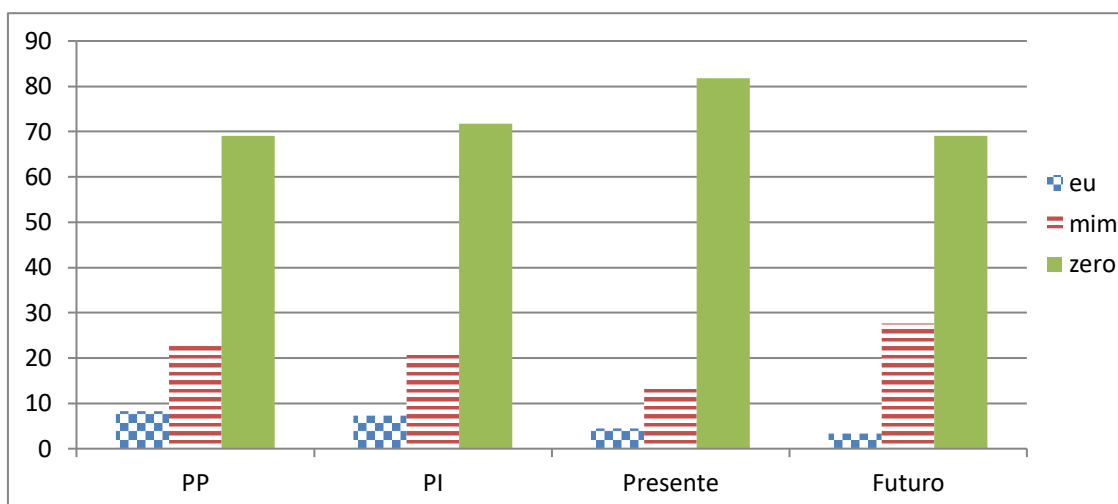
1.12. Tempo verbal da oração principal

Com a análise do tempo do verbo da oração matriz, espera-se verificar se o tempo empregado na oração principal pode ou não influenciar o emprego de *mim*, *eu* ou *zero* na oração infinitiva com *para*. Os resultados para esse grupo de fatores são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 14 - Ocorrência de *mim*, *eu* e *zero* em relação à variável *tempo verbal da oração principal*

		<i>eu</i>	<i>mim</i>	<i>zero</i>	total
Pretérito Perfeito	N	12	33	100	145
	%	8.3	22.8	69	34.9
Pretérito Imperfeito	N	8	23	79	110
	%	7.3	20.9	71.8	26.4
Presente	N	6	18	108	132
	%	4.5	13.6	81.8	31.7
Futuro	N	1	8	20	29
	%	3.4	27.6	69	7.0
Total	N	27	82	307	416
	%	6.5	19.7	73.8	100

Gráfico 12 - Frequência de *eu*, *mim* e *zero* por tempo verbal da oração principal



Os tempos verbais mais recorrentes na amostra, como se pode observar, são o pretérito perfeito, em primeiro lugar com 145 dados. Esse resultado se deve, provavelmente, ao fato de que, durante as entrevistas do Iboruna, o entrevistador pede para que o informante conte histórias, na forma de narrativas de experiência ou narrativas recontadas, o que proporciona o emprego de verbos no passado.

Este fator não foi selecionado como relevante na pesquisa de Figueiredo (2007). Do mesmo modo, nesta pesquisa, o tempo verbal da oração principal também não aparenta ser relevante para o condicionamento do emprego de uma das variantes, uma vez que as porcentagens de uso de *eu*, *mim* e *zero* se mantiveram regulares em todos os tempos verbais.

2. Resultados das formas em combinações produzidas por grupos de informantes

Nas subseções a seguir, serão descritos resultados de dados que representam as diferentes combinações entre as formas variantes e que foram produzidos por informantes considerados individualmente, isto é, dados de informantes, que em seus inquéritos, produziram dados de orações *para x + verbo no infinitivo* com *x* sendo:

- a) apenas *eu*
- b) apenas *mim*

- c) apenas *zero*
- d) *eu* e *zero*
- e) *mim* e *zero*
- f) *eu*, *mim* e *zero*

Não houve, no *cópus*, nenhum informante que utilizasse apenas as variantes *eu* e *mim*, certamente em razão da diferença de padrão entre as formas que se revela marcante na comunidade investigada.

Essa análise é importante uma vez que os resultados anteriores mostram desequilíbrio e ocorrência tímida da variante padrão *eu*, o que leva a pressupor que não haja configuração de variação entre as três formas, mas entre duas formas, uma delas sendo necessariamente *zero*, a forma mais produtiva. Isso já se confirma, de antemão, pela inexistência, no *cópus*, de informantes que produzam dados representativos de variação entre *eu* e *mim*, apenas, conforme já mencionado. Ao invés disso, encontram-se informantes que produzem exclusivamente *eu* ou *mim*, ou então, informantes que variam entre as três formas concomitantemente.

Apresentam-se a seguir, na **subseção 2.1**, os resultados dos dados de informantes que produziram exclusivamente as formas *eu*, *mim* ou *zero*, sem variação entre elas. A **subseção 2.2** expõe os resultados das análises dos dados de informantes que apresentaram variação entre as formas *eu* e *zero* em construções *para x + infinitivo*, e a **subseção 2.3** apresenta os resultados dos dados de informantes que utilizaram as formas *mim* e *zero*. Os resultados dos dados de informantes que fizeram uso das três formas possíveis não serão apresentados, uma vez que confirmam os resultados obtidos com a análise ternária discutidos anteriormente.

2.1. Dados exclusivamente de “eu”, de “mim” e de “zero”

No banco de dados Iboruna, foram encontrados 6 informantes que fizeram uso apenas da **variante *eu*** e que produziram, no total, 8 dados. No quadro a seguir, os informantes são caracterizados conforme sexo, escolaridade, idade e renda. Analisando o quadro, constata-se que os informantes que utilizam *para eu + verbo no infinitivo* e

não variam com *mim* ou *zero* são, em sua maioria, mulheres e pessoas com alta renda.

Informante	Qtde	Sexo	Escolaridade	Idade	Renda
04	1 dado	feminino	I ciclo EF	8 anos	11 a 24 SM
13	1 dado	masculino	II ciclo EF	11 anos	6 a 10 SM
42	1 dado	feminino	EM	17 anos	Mais de 25 SM
44	1 dado	feminino	EM	18 anos	11 a 24 SM
147	3 dados	masculino	ES	Mais de 55 anos	11 a 24 SM
150	1 dado	feminino	ES	57 anos	6 a 10 SM

Quadro 2 – Informantes que produziram apenas *para eu* + infinitivo

Identificamos 17 informantes que utilizaram apenas a **variante *mim***, o que somou 23 dados. Em sua maioria, esses informantes são do sexo masculino (67%), possuem renda baixa e escolaridade até Ensino Médio (33% com I ciclo do Ensino Fundamental, 41.7% com II ciclo do Ensino Fundamental e 25% com Ensino Médio). Também é interessante observar que nenhum informante com Ensino Superior produziu apenas dados de *para mim* + *infinitivo*, o que reforça o argumento de que a escolarização refreia o uso da variante estigmatizada.

A idade dos falantes revela que apenas *mim* ocorre mais na fala de pessoas de até 35 anos. A partir dessa faixa etária, apenas 4 informantes utilizaram a variante estigmatizada com exclusividade, e todos são caracterizados com renda inferior a 5 salários mínimos.

O quadro a seguir contém as informações sobre as características sociais de cada informante que produziu apenas dados de *para mim* + *infinitivo* e a quantidade de dados produzida por cada um.

Informante	Qtde	Sexo	Escolaridade	Idade	Renda
05	1	masculino	I ciclo EF	9 anos	6 a 10 SM
06	3	feminino	I ciclo EF	10 anos	6 a 10 SM
07	2	masculino	I ciclo EF	10 anos	Até 5 SM
09	1	masculino	II ciclo EF	12 anos	Mais de 25 SM
21	1	masculino	EM	15 anos	6 a 10 SM
23	1	masculino	EM	16 anos	Até 5 SM
29	1	masculino	I ciclo EF	17 anos	6 a 10 SM
37	3	masculino	II ciclo EF	15 anos	6 a 10 SM
38	1	feminino	II ciclo EF	20 anos	6 a 10 SM
45	2	masculino	EM	19 anos	6 a 10 SM
61	1	masculino	I ciclo EF	31 anos	6 a 10 SM
69	1	masculino	II ciclo EF	27 anos	6 a 10 SM
78	1	feminino	EM	31 anos	6 a 10 SM
96	1	feminino	I ciclo EF	36 a 55 anos	Até 5 SM
104	1	feminino	II ciclo EF	36 a 55 anos	Até 5 SM
112	1	feminino	EM	36 a 55 anos	Até 5 SM
135	2	masculino	II ciclo EF	Mais de 55 anos	Até 5 SM

Quadro 3 - Informantes que produziram apenas *para mim* + infinitivo

Os informantes que utilizaram apenas a **variante zero** produziram 97 dados entre 44 informantes distintos. Do total de dados de *zero*, 41% deles foram produzidos por informantes do gênero masculino e 59% por informantes do gênero feminino, o que sugere a preferência feminina por uma variante mais neutra.

No tocante ao fator escolaridade, o uso exclusivo da variante *zero* se manteve neutro, com 23.7% dos dados produzidos por informantes com o ciclo I do Ensino Fundamental, 26.8% do ciclo II do Ensino fundamental, 29% do Ensino Médio e 20.6% do Ensino Superior.

Quanto ao fator faixa etária, informantes de 7 a 25 anos somaram 20.6% dos dados, de 26 a 35 produziram 32% dos dados, de 36 a 55 totalizaram 16.5% dos dados e os informantes com mais de 55 anos produziram 30% dos dados de *zero* dentre os informantes que não usaram outra variante.

A renda dos informantes não parece influenciar muito quanto ao uso da variante *zero*, considerada neutra. Do total de dados, 46.4% foram produzidos por informantes cuja renda é de até 10 salários mínimos, e 53.6% por informantes com renda maior que 10 salários mínimos.

Os resultados das três variantes usadas com exclusividade pelos informantes confirmam aqueles obtidos com a análise ternária, quando observados os dados em conjunto, uma vez que o perfil social dos informantes permite ratificar o que se observou a partir da combinação das três formas, isto é, que o grau de escolaridade e a renda exercem importante influência sobre o uso de *mim* e de *eu*. Esse é um aspecto importante dessa análise, porque não há dados representativos da variação entre *eu* e *mim* que permitissem ratificar os fatores determinantes da escolha por uma das formas.

As subseções a seguir contêm os resultados para as análises que englobaram apenas dados de informantes que variassem entre duas das formas de *para x + infinitivo*, sendo que foram encontradas apenas duas das três combinações possíveis: *eu x zero* e *mim x zero*.

2.2. Resultados dos dados de *eu x zero*

Analisando os resultados da rodada no Goldvarb para os dados de *eu* e *zero* diante de orações infinitivas introduzidas por *para*, constata-se que a forma *eu*, apesar de ser a ensinada na escola como correta, aparece apenas 22 vezes nessa amostra, totalizando 25% das ocorrências; ao passo que a alternativa neutra *zero* aparece 66 vezes (75%). Para a rodada *eu x zero* de informantes que usaram ambas as formas, o programa estatístico calculou o valor de 0.250 como *input*. De acordo com Naro (2015), o *input* corresponde à média geral de aplicação da regra, ajustada de acordo com o modelo, medindo, em princípio, a tendência de presença da variante sob estudo, abstraindo o efeito dos fatores. Assim, em outras palavras, 25% representa o nível geral de uso da variante *eu* por informantes que utilizam apenas *eu* ou *zero* na variedade investigada.

2.2.1. Fatores Sociais

Analisando os dados de *eu* e *zero* conforme o **gênero** dos informantes que variam entre essas formas, pode-se constatar que a variante prestigiada realmente é um pouco mais frequente entre mulheres (26.6%) do que entre homens (20.8%). Os pesos relativos mostram que o gênero masculino desfavorece o emprego da variante *eu* (.44).

Tabela 15 – Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *gênero*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Masculino	05/24 = 20.8%	.44
Feminino	17/64 = 26.6%	.52

Os resultados para a variável **escolaridade** de falantes que produzem *eu* e *zero* revelaram que a explicitação do pronome é mais frequente entre falantes com Ensino Fundamental (36.3%) que entre falantes com Ensino Médio (23%) e Ensino Superior (24.4%). Os pesos relativos para a ocorrência de *eu* por falantes com Ensino Médio e Ensino Superior se mantiveram neutros (.47 e .48, respectivamente), enquanto para falantes com apenas Ensino Fundamental o peso relativo foi de .62, o que pode significar que as pessoas com baixa escolaridade que só usam as formas reta e nula em orações infinitivas com *para* tenham certa preferência por explicitar o pronome.

Tabela 16 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *grau de escolaridade*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Ensino Fundamental	04/011 = 36.3%	.62
Ensino Médio	03/13 = 23%	.47
Ensino Superior	15/64 = 24.4%	.48

Os resultados para a análise do emprego de *eu* e *zero* distribuído por **faixas etárias** mostraram que a variante *eu* é mais usada entre os falantes de 16 a 25 anos

(33.3%) e de 36 a 55 anos (32%). Os informantes com mais de 55 anos produziram apenas três dados com *eu* (16.7%), e não houve nenhum falante de 7 a 15 anos que variasse entre as duas formas investigadas. Os pesos relativos para as faixas etárias sugerem que os informantes mais idosos tenham preferência pelo pronome nulo (.38 para a ocorrência de *eu*), tornando assim sua fala mais neutra e menos marcada.

Tabela 17 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *faixa etária*

Fatores	Frequência	Peso relativo
16 a 25 anos	05/15 = 33.3%	.60
26 a 35 anos	06/30 = 20%	.43
36 a 55 anos	08/25 = 32%	.59
Mais de 55 anos	03/18 = 16.7%	.38

Analisando a distribuição dos dados conforme a **renda dos informantes**, é possível observar que a variante prestigiada *eu*, quando em variação com *zero*, não é muito frequente na fala de nenhuma classe econômica específica. Nessa análise, não foram encontrados informantes com mais de 25 salários mínimos que variassem entre as formas *eu* e *zero*. Os percentuais e pesos relativos não mostram, então, correlação direta entre o nível socioeconômico do informante, aqui medido pela renda declarada na coleta das entrevistas, e a variante que ele emprega.

Tabela 18 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *renda*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Até 5 SM	05/26 = 19.2%	.42
6 a 10 SM	14/50 = 28%	.54
11 a 24 SM	03/12 = 25%	.50

2.2.2. Fatores Linguísticos

Observando os resultados para a variável **tipo de texto**, nota-se que a narrativa de experiência, assim como na análise ternária, também representa o tipo de texto que mais propicia o aparecimento do sujeito de primeira pessoa no contexto analisado (33 ocorrências). A narrativa recontada, por outro lado, é o tipo de texto em que menos aparece o sujeito de primeira pessoa (*eu* ou *zero*), com apenas 11 ocorrências. Contudo, em termos percentuais, a narrativa recontada foi o tipo de texto com maior percentagem de ocorrência da variante *eu* (54.5%), sendo seguida pela Descrição de Local (38.5%). Os pesos relativos e frequências de ocorrência de *eu* estão apresentados na tabela abaixo.

Tabela 19 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *tipo de texto*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Narrativa de Experiência	07/33 = 21.2%	.47
Narrativa Recontada	06/11 = 54.5%	.80
Descrição de Local	05/13 = 38.5%	.67
Relato de Procedimento	02/15 = 16.9	.34
Relato de Opinião	02/16 = 12.5%	.32

Provavelmente, a alta porcentagem da variante de prestígio em narrativas recontadas ocorre pelo fato de que, nesse tipo de texto, temos mais casos de não correferência de sujeitos; isto é, nele o falante conta a história de outra pessoa e, por este motivo, há predominância de sujeitos de terceira pessoa no decorrer da narrativa, o que poderia influenciar positivamente no preenchimento do sujeito de primeira pessoa quando o falante altera o foco do discurso para si, a fim de evitar ambiguidade. Por exemplo, no trecho a seguir, o informante conta uma experiência vivenciada por outra pessoa, e quando se insere no discurso, precisa preencher o pronome a fim de esclarecer o referente sujeito:

87) ela num teve coragem de ficá(r) ali com o R.... e o R. estranhô(u) porque ninguém tinha falado pra ele como 10[que tava o rosto dele né? tal] 10[Doc.: que tava preto ((risos)) no rosto] só que aí aquela/ no dia seguinte a tarde ele foi... pra minha mãe... **pra pra eu podê(r) ví(r) trabalhá(r)...** e chegô(u) lá num teve jeito:: (AC-118, L 241)

O tipo de texto *Descrição de Local* somou 13 ocorrências, o que é significativo quando se considera que a descrição de um local é uma tarefa mais objetiva e, a princípio, não propícia a ocorrência de marcas de primeira pessoa. Observando os dados, contudo, percebe-se que, muitas vezes, o informante acaba se envolvendo com a narrativa do local descrito e mostrando seus sentimentos em relação a ele, como no exemplo a seguir (com a variante *mim*), em que o entrevistador pede para que o informante descreva um lugar de que ele goste, caracterizando-o fisicamente. O informante começa a descrever o sítio em que o tio trabalha, citando os animais, a paisagem, a casa e as atividades que por lá pratica. Por fim, o informante se envolve com a descrição e acaba dando sua opinião, dizendo que, por ser um local muito afastado, não sabe se gostaria de morar lá.

88) [é:] um lugar... modo de dizê(r) bo-ni-to é... mas... cê fica afastado eu **se fosse pra mim morá(r) eu num sei se eu conseguiria** HOje... morá(r) num lugar desses eu GOSTo demais eu acho que porque a gente fica foi o que eu falei dentro de uma cidade grande (AC-071, L 190)

Assim, o envolvimento do falante com o tema da descrição contribui para o emprego de marcas de primeira pessoa que observamos no referido tipo de texto, que totaliza 38.5% de ocorrências de *eu*. Os pesos relativos obtidos confirmam que a narrativa recontada favorece a ocorrência da variante *eu* (.80), e os pesos relativos do relato de opinião (.32) e de procedimento (.34) indicam que esses tipos de textos desfavorecem o emprego da variante padrão.

No tocante aos **papéis semânticos do pronome sujeito**, exemplificados anteriormente, destaca-se que não houve nenhuma ocorrência de sujeito nulo que desempenhasse função ambígua entre os falantes que só variam entre *eu* e *zero*. Ao invés disso, houve 6 ocorrências de *eu* com essa dupla função; casos que tiveram que

ser retirados da análise para que se pudesse calcular os pesos relativos. Os pesos relativos mostram que a variante padrão é favorecida quando é interpretada como beneficiária ou experienciadora de uma ação (peso relativo .82) e desfavorecida quando interpretada como agente (.38). Esse resultado reforça o argumento de que o pronome nulo vem substituindo o pronome reto com função de agente em orações infinitivas introduzidas por *para*.

Tabela 20 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *papel semântico do pronome sujeito*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Agente	07/63 = 11%	.38
Beneficiário e/ou experienciador	09/19 = 47.4%	.82

A função de beneficiário, por outro lado, poderia ser indicada por *mim*, mas é expressa por *eu* nesses dados possivelmente em razão do maior conhecimento da norma escolar por parte desses informantes, já que falantes que utilizam a variante não padrão são aqueles que, conforme revelam os perfis dos falantes que só utilizam a variante *mim* (Quadro 3), não frequentaram o Ensino Superior.

A análise do fator **correferência de sujeitos** contou com 75 dados de informantes que variam entre as formas *eu* e *zero*, sendo 13 dados com *eu* e 62 de *zero*. Dentre os casos de sujeito não correferente, 56% foram enunciados com a variante padrão, número significativo tendo em vista o baixo número de *eu* nessa amostra. A tabela abaixo expõe os pesos relativos para cada fator.

Tabela 21 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *correferência de sujeitos*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Sujeito não correferente	09/16 = 56.2%	.90
Sujeito correferente	04/59 = 6.8%	.35

Para o contexto de sujeitos não correferentes, tem-se o peso relativo .90, ou seja, esse contexto favorece o emprego do pronome reto, uma vez que é uma circunstância em que o informante precisa explicitar o sujeito da ação a fim de evitar ambiguidade, como no exemplo (89) a seguir, em que o sujeito nulo dificultaria a interpretação do

sujeito da oração. Para sujeitos correferentes, o peso relativo é de .35, desfavorecendo então o uso do pronome, que se torna desnecessário por não causar ambiguidade, conforme se pode averiguar a partir do exemplo (90).

89) eu fui acordá(r) eu acho que umas QUATro horas depois no::... no postinho toman(d)o glico::se... ((risos)) c'a minha mãe e c'o meu pai do lado pra::... **falando pra eu í(r) embora** e:: ((risos))... que provavelmente eu ia ficá(r) de castigo e eu tava ferrado com eles ((risos)) (AC-055, L 30)

90) fui vê(r) a escola que eles tinham [Doc.: uhum ((concordando))] designa::do... conheci as pessoas que iam sê(r) contrata::das tal... sei que **eu** fiquei uma semana lá sozinha... preparando o ambiente pra minha equipe chegá(r)... e ligan(d)o toda noite **pra sabê(r)** da minha mãe que a minha mãe ainda estava hospitalizada... (AC-118, L 94)

A **função sintática da infinitiva**, no conjunto de dados analisados aqui descritos, distribui-se do seguinte modo: 69 dados de orações adverbiais finais, 10 dados de orações modais e 9 dados de orações substantivas. As orações substantivas consistem, nessa amostra, em 1 orações subjetiva e 4 completivas nominais, as quais só foram utilizadas com a variante *zero*, e em orações objetivas, que somaram 3 dados com *eu* e 1 dado com *zero*. Assim, nota-se que as orações objetivas parecem ser o contexto que mais favorece o preenchimento com o pronome reto. As orações completivas nominais e subjetivas, por outro lado, parecem desfavorecer essa ocorrência.

A fim de eliminar os nocautes para calcular os pesos relativos das orações finais e modais, os três tipos de orações substantivas foram amalgamados. Os pesos relativos, dispostos na tabela a seguir, mostram que as orações modais favorecem o emprego da variante *eu*, com peso relativo de .93, e que as orações finais desfavorecem essa variante (peso relativo .39).

Tabela 22 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *função sintática da infinitiva*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Finais	11/69 = 16%	.39
Modais	08/10 = 80%	.93
Substantivas	03/09 = 33.3%	.62

Convém destacar que as orações substantivas só apresentam um peso relativo mediano (.62) para a ocorrência de *eu* por conta das orações objetivas, já que as 3 ocorrências da forma padrão são dessas orações. Levando isso em consideração, percebe-se que o resultado se aproxima do resultado da análise ternária, o qual revelou grande ocorrência dos pronomes em orações objetivas e baixa ocorrência em orações subjetivas e completivas.

Além das objetivas, as modais também caracterizam contexto favorecedor de *eu*, enquanto as orações finais favorecem o *zero* – o que igualmente se observa na análise ternária. As orações objetivas, como em (91), e modais (92) podem constituir casos de maior fixação da construção, e podem supostamente ser adquiridas pelo falante com o pronome (em vez de *zero*), em um só bloco de significado:

91) e falô(u) que:: ia furá(r) o olho da minha irmã vai ven(d)o minha irmã era pequena ela colocô(u) em cima da mesa... falô(u) que ia furá(r) o olho da minha irmã... de repente ela jogô(u) a faca longe::... falô(u) que num sabia o que tinha acontecido com e::la... [Doc.: hum::] né?... **aí pedia pra eu num contá(r) pra minha mãe::...** coisas assim... [Doc.: uhum ((concordando))] minha irmã ficô(u) choran(d)o... (AC-070, L 180)

92) tinham me ligado aqui que meu filho não estava na minha casa... o R. que na época tinha ham:: seis anos... que ele estava na casa da minha mãe que minha irmã tinha ido buscá-lo então que **era pra eu í(r) almoçá(r) lá com ele** na hora do almoço que meu marido num estava em Rio Preto... (AC-118, L 185)

Percebe-se, portanto, que a tendência geral de distribuição dos dados quanto a esse fator que se verificou na análise ternária se aplica do mesmo modo aos informantes que variam apenas entre as formas *eu* e *zero*.

A análise do **tipo de construção** dos dados de falantes que variam entre *eu* x

zero anafórico gerou nocaute de verbos inerentemente transferenciais e orações de evento alvo. As orações inerentemente transferenciais, típicas de verbos bitransitivos, apareceram 3 vezes na amostra e foram enunciadas apenas com a variante *eu*, o que revela ser esse o tipo de construção que mais favorece o preenchimento do pronome. A oração abaixo exemplifica um caso de construção inerentemente transferencial:

93) NÓS ficamos lá:: e eu tentei encontrá(r) alguma coisinha pra mim né? de::... presente... que a minha cunhada tinha me **dado dinhe(i)ro pra eu comprá(r)**... (AC-013, L 12)

As orações de evento alvo totalizaram 5 dados, todos eles com *zero*, mostrando-se então contexto favorecedor dessa variante, como em (94):

94) foi feita uma dança chamada ranche(i)rinha... que é uma dança típica e:: também uma dança muito antiga e bem facinha pra eles **já que eu num tinha tempo pa ensaiá(r)**... (AC-088, L 24)

Para o cálculo dos pesos relativos, esses dois tipos de construção foram desconsiderados na análise. Os pesos relativos, apresentados na Tabela 23, indicam que as construções finais representam o contexto mais favorecedor de *zero* com peso relativo de .30, enquanto as construções com verbos tornados transferenciais, com *dar para*, e modais/avaliativas, exemplificadas em (95), (96) e (97) a seguir, são as construções que mais favorecem o emprego da variante padrão:

95) eu fui acordá(r) eu acho que umas QUATro horas depois no::... no postinho toman(d)o glico::se... ((risos)) c'a minha mãe e c'o meu pai do lado pra::... **falando pra eu í(r) embora** e:: ((risos))... que provavelmente eu ia ficá(r) de castigo e eu tava ferrado com eles ((risos)) (AC-055, L 30)

96) aí você faz na tua medi::da... éh:: do teu JEItó que você GOSTa no teu comprimen::to então a ro(u)pa fica certinha... então é uma coisa que eu amo muito costurá(r) é uma pena que ultimamente **num tem dado pra eu... fazê(r) nada...** certo? (AC-102, L 292)

97) porque aconteceram muitas... coisas na casa e eu num gostava da casa e tam(b)ém não

gosto... [Doc.: ham] **se fosse pra eu morá(r) lá** ganhasse da minha mãe eu num queria...
 [Doc.: sei] eu não gosto da casa (AC-070, L 163)

Tabela 23 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *tipo de construção*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Tornados Transferenciais	06/15 = 40%	.72
Final/beneficial Topicalizada	01/04 = 25%	.57
Modal <i>dar para</i>	04/06 = 66.7%	.88
Finais	05/50 = 10%	.30
Modal e avaliativo	04/06 = 66.7%	.88

Comparando esses resultados com os obtidos anteriormente, nota-se que a análise ternária também mostrou que a construção modal e avaliativa é mais fixada na língua já com o pronome, assim como as tornadas transferenciais. As construções inerentemente transferenciais estão em um grau maior de fixação, pois só foi usada com o pronome *eu*. Essas construções configuram, assim, contextos refreadores do pronome nulo em orações *pVI*.

Cabe ressaltar ainda que, na análise ternária, a construção modal com *dar para* mostrou variação entre as três formas. Nessa análise binária, a construção modal parece favorecer o preenchimento do pronome *eu* por falantes que têm essa forma em sua gramática, talvez por resquícios da transitividade do verbo *dar*, bitransitivo e frequentemente preenchido com uma das formas pronominais.

Conforme explicado anteriormente, entre as variáveis linguísticas, analisou-se também o efeito da **natureza semântica do verbo da oração principal** sobre o emprego de *para mim* ou *zero* seguido por verbo no infinitivo. Classificamos os verbos encontrados em verbos *existenciais*, *transferenciais*, *avaliativos/modais*, de *ação/mudança de estado*, *estativos* e *elocutivos*. Os resultados para este fator estão exibidos a seguir.

Tabela 24 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a natureza semântica do verbo principal

Fatores	Frequência	Peso relativo
Existencial	02/08 = 25%	.64
Transferencial	01/06 = 16.7%	.52
Avaliativo e Modal	01/04 = 25%	.47
Ação ou mudança de estado	05/35 = 14.3%	.47
Estativo	01/16 = 06%	.25
Elocutivo	04/07 = 57%	.87

Apesar do baixo número total de dados em algumas células, os resultados mostram que os verbos elocutivos, como em (98), são os que mais favorecem o emprego da variante padrão, com peso relativo de .87, seguidos pelos verbos existenciais (99), com peso relativo de .64.

98) eu fui acordá(r) eu acho que umas QUATro horas depois no::... no postinho toman(d)o glico::se... ((risos)) c'a minha mãe e c'o meu pai do lado pra::... **falando pra eu í(r) embora** e:: ((risos))... que provavelmente eu ia ficá(r) de castigo e eu tava ferrado com eles ((risos)) (AC-055, L 30)

99) então eu abandonei os estudo e vim pra... pra:: pra cá... **tive uma oferta do Salesiano em São Paulo pra eu í(r) pra lá** eles me davam... uma secretaria e tudo mas eu tinha que abandoná(r) a família... (AC-151, L 319)

A análise ternária apresentada precedentemente também mostrou que os verbos elocutivos favorecem o preenchimento de sujeito. Portanto, na fala de informantes que usam apenas as formas *eu* e *zero*, a tendência é mesmo a de preencher o pronome, o que mostra maior grau de fixação da construção. Já os verbos transferenciais, nessa análise, não desfavorecem o *zero* como ocorria na análise ternária, o que leva à conclusão de que, entre os verbos prototipicamente bitransitivos, os de elocução estão em maior grau de construcionalização com preenchimento do pronome em construções *pVI* do que verbos transferenciais.

O verbo que mais desfavorece o emprego de *eu*, nessa análise, são os verbos

estativos, que revelou peso relativo .25 e está exemplificado a seguir.

100) mas passô(u)... final do ano todos me deram um abraço todos me deram beijos... e hoje depois de:... de dois meses aí de férias **eu tô prontinha pra começá(r)** [TUdo de novo] [Doc.: é? pronta] se Deus quisé(r) semana que vem... (AC-086, L 995)

Analisando os resultados, têm-se os verbos estativos como o contexto mais favorecedor da variante *zero*. Como na análise ternária esses verbos também se mostraram favorecedores do pronome nulo, esse parece ser o contexto de fato favorecedor da ocorrência de *zero*. Os pesos relativos dos outros verbos mostraram-se neutros quanto ao condicionamento a uma das variantes.

No tocante à variável **paralelismo linguístico**, observa-se que, do total de 88 dados de informantes que variaram entre as formas *eu* e *zero*, a amostra somou 50 ocorrências de orações únicas, 16 ocorrências de orações iniciais, 15 ocorrências de orações paralelas e 7 ocorrências de orações não paralelas. As orações únicas estão exemplificadas novamente em (101), e as orações iniciais, não paralelas e paralelas estão destacadas, nessa ordem, no exemplo (102):

101) eu tava lá fora do barzinho esperan(d)o um colega meu... aí ele passô(u)... aí chegô(u) passô(u) de carro o de N. e o G. aí eu fui lá conversá(r) com eles... aí o G. falô(u) que o de N. tava a fim de mim... só que aí eu já ia saí(r) pra lá **eu num ia né?... ficá(r) lá pra ficá(r) com e::le...** mesmo porque eu não tava nem a fim... (AC-046, L 43)

102) e eu num num me toquei né? no que podia tê(r) acontecido... quando eu cheguei na minha mãe ao meio dia e po(u)co **pra almoçá(r)**... tinham me ligado aqui que meu filho não estava na minha casa... o R. que na época tinha ham:: seis anos... que ele estava na casa da minha mãe que minha irmã tinha ido buscá-lo então que era **pra eu í(r) almoçá(r)** lá com ele na hora do almoço que meu marido num estava em Rio Preto... que **era pra eu í(r) almoçá(r)** com ele lá... e num me falaram nada... (AC-118, L 182, 185 e 186)

Tabela 25 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *paralelismo linguístico*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Oração única	13/50 = 26%	.52
Oração inicial	04/16 = 25%	.50
Oração paralela	02/15 = 13.3%	.32
Oração não paralela	03/07 = 43%	.70

Apesar do baixo número de ocorrências relativas ao pronome *eu*, os resultados confirmam a hipótese, também ratificada na análise ternária, de que trechos com sujeito na forma de um pronome reto favoreceriam o sujeito nulo em trechos adjacentes, uma vez que o peso relativo para a ocorrência de *eu* em orações paralelas é de .32.

Em relação ao **tempo verbal da oração principal**, a análise dos pesos relativos de cada fator mostrou que os informantes tendem a utilizar menos a variante padrão nos tempos de presente, que somou peso relativo .35 para a ocorrência de *eu*. O pretérito imperfeito obteve peso relativo de .62 para ocorrência de *eu*, o que indica que esse tempo pode favorecer esse emprego.

Tabela 26 - Frequência e peso relativo da variante *eu* em relação a *tempo verbal*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Pretérito Perfeito	08/30 = 26.7%	.53
Pretérito Imperfeito	08/23 = 34.8%	.62
Presente	04/27 = 14.8%	.35
Futuro	02/07 = 28.6%	.55

As ocorrências dos tempos verbais *presente* e *pretérito imperfeito* com zero e com *eu* estão exemplificadas abaixo, respectivamente.

103) usei sombra queimada que também é essa parte que eu **misturo** junto com o marrom **pra podê(r) dá(r) esse tom mais escuro...** e e:: [Doc.: é belíssimo] e vai in(d)o vai in(d)o¹⁹[montando a gente] ¹⁹[Doc.: é muito bom] vai passando o pincel e vai DANdo um tom diferente... (AC-086, L 436)

104) e falô(u) que:: ia furá(r) o olho da minha irmã vai ven(d)o minha irmã era pequena ela

colocô(u) em cima da mesa... falô(u) que ia furá(r) o olho da minha irmã... de repente ela jogô(u) a faca longe::... falô(u) que num sabia o que tinha acontecido com e::la... [Doc.: hum::] né?... aí **pedia pra eu num contá(r) pra minha mãe::...** coisas assim... [Doc.: uhum ((concordando))] minha irmã ficô(u) choran(d)o... (AC-070, L 180)

2.2.3. Síntese da análise de dados de *eu x zero*

Foram discutidos nesta seção os resultados das análises dos dados de informantes que apresentaram variação entre as formas *eu* e *zero* em construções *para x + infinitivo*. Os fatores selecionados como significativos para o fenômeno pelo Goldvarb, nessa rodada, foram os seguintes: *papel semântico do pronome sujeito*, *correferência de sujeitos* e *função sintática da infinitiva*.

O *papel semântico do pronome sujeito* foi o primeiro fator selecionado pelo programa e sua análise permitiu concluir que, para falantes que utilizam apenas *eu* e *zero*, o pronome nulo serve como forma de substituir o pronome reto quando o sujeito possui função de agente da ação, mas não quando possui função ambígua (agente e beneficiário da ação). A *correferência de sujeitos* foi selecionada em seguida como significativa para a variação, e os resultados mostraram que o pronome reto é favorecido por sujeitos não correferentes, isto é, contextos em que o informante precisa explicitar o sujeito da ação a fim de evitar ambiguidade. O último fator selecionado como significativo para essa análise foi a *função sintática da infinitiva* e indica que as estruturas que favorecem o uso de *eu* são as orações objetivas e as orações modais (que podem ser epistêmicas ou deônticas), que parecem estar mais construcionalizadas na língua com o uso do pronome.

Os dados sociais, apesar de não terem sido escolhidos pelo programa como relevantes, revelam em termos de peso relativo que *eu* é forma mais marcada socialmente do que *zero*, uma vez que a variante tida como padrão é mais utilizada por falantes com maior escolaridade e/ou renda. Assim, não há indícios de variação estável entre as formas *eu* e *zero*, mas encaixamento social indicativo de mudança em curso, uma vez que variante *eu* ainda é usada em alguns contextos, como os de construções transferenciais, e por poucos informantes – que geralmente são mais privilegiados

socialmente, seja em termos de alta escolaridade ou alta renda.

2.3. Resultados dos dados de *mim* x *zero*

Os dados de informantes que variam entre as formas *mim/zero* + *infinitivo* totalizaram 180 ocorrências, compreendendo apenas informantes da Amostra Censo. A variante não padrão *mim* totaliza 59 ocorrências nessa amostra, representando 32.8% dos dados, e a variante *zero*, 121 ocorrências (67.2%). A rodada no Goldvarb teve um input de 0.328, isto é, 32.8% é a probabilidade geral de ocorrência de *mim* como sujeito de orações infinitivas introduzidas por *para* na variedade investigada, conforme a amostra analisada. Em comparação à rodada *eu* x *zero*, analisada anteriormente, observou-se input de 0.250 e, em comparação à variedade carioca, Figueiredo (2007) obteve um input médio de 0.120. Apesar de Figueiredo não informar se seus dados de *mim* x *zero* são dados gerais ou dados de informantes que mostraram variação entre as duas formas, é possível observar que a variação entre as formas *mim* e *zero* é maior na variedade investigada nesta pesquisa.

2.3.1. Fatores sociais

Na tabela abaixo, encontram-se os resultados percentuais obtidos para a distribuição dos dados de *para mim/zero* + *infinitivo* entre informantes dos **gêneros** masculino e feminino que utilizaram as duas formas. A variante *mim* é usada em 35.4% dos casos por falantes do gênero masculino e em 29.6% dos dados por falantes do gênero feminino. A pequena diferença em termos de peso relativo indica que a variável gênero não interfere muito na escolha, por *mim* ou por *zero*, de falantes que produziram dados somente dessas variantes.

Tabela 27 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação a *gênero/sexo*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Masculino	35/99 = 35.4%	.52
Feminino	24/81 = 29.6%	.46

Como já citado anteriormente, Figueiredo analisou a variável *gênero* apenas em cruzamento com a variável *escolaridade* e constatou que, no primário, os homens desfavorecem a ocorrência de *mim*, com peso relativo de .20, e as mulheres favorecem essa forma, com peso relativo de .67 para a ocorrência de *mim*. Esse resultado de Figueiredo para a variedade carioca é oposto ao resultado para a variedade estudada neste trabalho, em que a pressão da norma escolar se mostra mais forte entre as mulheres, conforme os resultados na tabela a seguir.

Tabela 28 - Cruzamento *gênero/escolaridade*: variante *mim*

	Masculino		Feminino		Total
I EF	09/22 = 41%	.59	03/09 = 33%	.51	12/31 = 39%
II EF	8/22 = 36%	.55	06/32 = 19%	.33	14/54 = 26%
EM	13/39 = 33%	.49	11/20 = 55%	.70	24/59 = 41%
ES	05/16 = 31%	.49	04/20 = 20%	.34	9/36 = 25%
Total	35/99 = 35%		24/81 = 30%		59/180 = 33%

No Ensino Fundamental I, que corresponde ao *primário* do estudo de Figueiredo, o peso relativo para uso de *mim* entre informantes do gênero masculino foi de .59, e para informantes do gênero feminino, .51, indicando então a maior pressão da norma escolar sobre as mulheres. Em todos os níveis de escolaridade, a pressão da norma se mostrou mais forte em informantes do gênero feminino, com exceção do Ensino Médio, em que o peso relativo para o uso de *mim* por mulheres subiu para .70, favorecendo então o preenchimento com a variante estigmatizada.

Pode-se hipotetizar aqui que a diferença entre as variedades seria explicada pelo contexto sociocultural de um grande centro urbano, como o Rio de Janeiro, em contraste com cidades de pequeno e médio porte de interior de estado, como são as cidades abrangidas pelo Iboruna. As capitais mais urbanizadas são alvo de altos investimentos econômicos e possuem grandes multinacionais; assim, é comum que os homens se

envolvam em trabalhos mais empresariais, contextos em que o padrão culto é um valor associado à imagem de sucesso.

Nas cidades do interior de São Paulo analisadas, grande parte das atividades econômicas são de comércio local, alguns de base rural, além de acontecer entre conterrâneos, uma situação em que o falante pode não se sentir tão pressionado a usar a norma padrão, principalmente quando se considera que, em cidades pequenas, é comum que os homens consigam entrar no mercado de trabalho facilmente por meio de indicação de familiares ou de outros profissionais do ramo. A mulher, entretanto, tem maior dificuldade de entrar nesse mercado de trabalho, e sua posição na sociedade, conforme afirma Paiva (2015), é de modo geral menos assegurada do que a do homem; assim, o uso da norma padrão seria um importante valor para a imagem de bom profissional atribuída às mulheres, o que se confirma nos resultados desta pesquisa.

O alto percentual de ocorrência da variante *mim* por mulheres com escolaridade até o Ensino Médio configura um resultado que destoa dos demais e, por isso, merece atenção. A observação desses dados permitiu verificar que, das 11 ocorrências de *mim*, 7 são casos de construções modais – que, como será exposto adiante, são contextos altamente favorecedores do preenchimento com *mim* em orações com *pVI*.

A análise da variável **grau de escolaridade** isolada mostra que a variante *mim* continua sendo mais usada entre os informantes que possuem até o Ensino Médio (40.7%), que também usam mais *zero*, porém, esses alternam bastante com *mim*, de acordo com as porcentagens de ocorrência. Assim, a variante *zero*, em oposição a *mim*, é mais usada por todos os níveis de escolaridade. Os falantes que possuem Ensino Superior, entretanto, discrepam bastante dos níveis de escolaridade anteriores, uma vez que usam a variante estigmatizada em apenas 25% dos casos. Com esse resultado, podemos observar o efeito da variável *escolaridade* sobre o fenômeno em estudo, já que ele é objeto de ensino escolar e que seu uso, principalmente por pessoas que cursam ou cursaram Ensino Superior, pode muitas vezes ser evitado porque percebido com preconceito.

Os pesos relativos para a aplicação da variável *grau de escolaridade*, apresentados na tabela a seguir, apontam que o Ensino Superior (.41) e o II ciclo do Ensino Fundamental (.42) desfavorecem a ocorrência da variante *mim*, enquanto

informantes com o I ciclo do Ensino Fundamental (.56) e Ensino Médio (.58) tendem moderadamente ao uso dessa variante, em comparação a *zero*.

Tabela 29 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação à *escolaridade*

Fatores	Frequência	Peso relativo
I ciclo EF	12/31 = 38.7%	.56
II ciclo EF	14/54 = 25.9%	.42
Ensino Médio	24/59 = 40.7%	.58
Ensino Superior	9/36 = 25%	.41

Figueiredo (2007) cruzou a variável *escolaridade* com a idade dos informantes e concluiu que os mais velhos parecem mais pressionados pela norma escolar: quanto maior a escolaridade, menor a taxa de *mim*. Em todos os casos, a forma estigmatizada é desfavorecida e, entre as crianças, independentemente do nível escolar, a tendência é favorecer o *mim*.

Nos resultados desta pesquisa, dos informantes que variam entre as formas *zero* e *mim*, a faixa etária que mais parece pressionada pela norma escolar é intermediária de 26 a 35 anos, única faixa em que não houve registro do uso de *mim* por informantes com escolaridade máxima, conforme se verifica na tabela a seguir. A explicação para esse resultado possivelmente também esteja na pressão exercida sobre essa faixa etária pela necessidade de adentrar o mercado de trabalho e de, conseqüentemente, apresentar-se com uma boa imagem, que passa pelo uso de padrões formais da língua, como um modo a enfrentar a concorrência envolvida.

Tabela 30 – Análise *mim* x *zero*: frequência de *mim* em cruzamento *idade/escolaridade*

Escolari- dade/Idade	EF I	EF II	EM	ES	Total
7 a 15	04/08 = 50%	02/03 = 67%	06/09 = 67%	----	12/20 = 60%
16 a 25	04/07 = 57%	01/9 = 11%	04/09 = 44%	04/11 = 36%	13/36 = 36%
26 a 35	02/10 = 20%	04/12 = 33%	07/24 = 29%	----	13/46 = 28%
36 a 55	----	04/17 = 24%	06/13 = 46%	04/20 = 20%	14/50 = 28%
+55	02/06 = 33%	03/13 = 23%	01/04 = 25%	01/05 = 20%	07/28 = 25%
Total	12/31 = 39%	14/54 = 26%	24/59 = 41%	9/36 = 25%	59/180 = 33%

Passemos, agora, a discutir os resultados obtidos considerando-se separadamente a **faixa etária** dos informantes. Na rodada com os dados de *mim* e de *zero anafórico*, o uso de *mim* se revela mais presente nas faixas mais jovens (60% para a faixa de 7 a 15 anos e 36% para a faixa de 16 a 25 anos). A partir da faixa de 26 a 35 anos, o uso da variante estigmatizada cai para aproximadamente 28%. A tabela a seguir contém os percentuais e pesos relativos para a ocorrência de *mim* em cada faixa etária.

Tabela 31 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação à faixa etária

Fatores	Frequência	Peso relativo
7 a 15 anos	12/20 = 60%	.75
16 a 25 anos	13/36 = 36.1%	.54
26 a 35 anos	13/46 = 28.3%	.45
36 a 55 anos	14/50 = 28%	.44
Mais de 55 anos	07/28 = 25%	.41

Observa-se, assim, que os resultados dos pesos relativos da variável faixa etária para a ocorrência de *mim* indiciam uma mudança em progresso em direção à variante *mim*, já que as faixas etárias mais jovens utilizam em maior escala a variante não padrão, enquanto os falantes das faixas mais elevadas desfavorecem o uso dessa variante.

Para comparação aos resultados da variedade carioca, nos baseamos somente na sincronia 80(C), referente a 1980, pois a análise em tempo real em Figueiredo (2007) para a gradação etária não é proveitosa, uma vez que a faixa etária de crianças produziu poucos dados, polarizando os resultados. Assim, considerando-se a sincronia 80(C), os resultados da variedade carioca para grupos etários apontaram mudanças através do estudo do tempo aparente, já que mostrou que as crianças usam mais a variante não padrão e os mais velhos tendem a evitá-la. Percebe-se, portanto, que os resultados da variável faixa etária nas duas variedades se aproximam; mais um indício de mudança em curso, nessas duas variedades do PB, em direção à variante *mim*.

Em relação aos resultados para a variável **renda do informante**, é possível observar que a variante *mim* é bastante recorrente na fala dos informantes cuja renda é

de até 5 salários mínimos (38%) e de 6 a 10 salários mínimos (41.5%). Na terceira faixa de renda, de 11 a 24 salários mínimos, nota-se uma queda no uso de *mim* como sujeito de orações infinitivas, que passa a ser empregado somente em 14% dos casos. Os informantes com renda maior que 24 salários mínimos empregam o pronome *mim* como sujeito de infinitivas com uma frequência um pouco maior, 23.3% dos casos. Ressalte que, conforme já mencionado, este fator social não foi analisado no estudo de Figueiredo (2007) para a variedade carioca.

A tabela a seguir apresenta os pesos relativos da variável renda e indica que falantes com renda de até 10 salários mínimos favorecem levemente o emprego de *mim* (.60) em comparação à *zero*; e falantes com renda maior que 11 salários mínimos desfavorecem o emprego de *mim*.

Tabela 32 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação à *renda*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Até 5 SM	24/63 = 38.1%	.56
6 a 10 SM	22/53 = 41.5%	.60
11 a 24 SM	3/21 = 14.3%	.26
Mais de 24 SM	10/43 = 23.3%	.39

2.3.2. Fatores linguísticos

Como explanado anteriormente, o tipo de texto produzido pelos informantes pode correlacionar-se ao uso de uma das formas variantes. Na tabela a seguir, estão apresentados os resultados para o grupo de fatores **tipo de texto**. As frequências e pesos relativos indicam que a variante *mim* é um pouco mais utilizada em Narrativas de Experiência (.52) e Recontadas (.50), mas os resultados para essa amostra se mostraram regulares, ou seja, o tipo de texto produzido parece pouco influenciar na fala de informantes que variam entre as formas *mim* e *zero*.

Tabela 33 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação a *tipo de texto*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Narrativa de Experiência	34/97 = 35.1%	.52
Narrativa Recontada	5/15 = 33.3%	.50
Descrição de Local	9/31 = 29%	.45
Relato de Procedimento	6/20 = 30%	.46
Relato de Opinião	05/17 = 29.4%	.46

Os resultados de Figueiredo (2007) para esta variável revelam que relatos de experiência de vida e as narrações de fatos passados favorecem, na variedade carioca, a presença de *mim*. Para a variedade carioca, que abrange todos os casos de *mim* e *zero*, e para análise ternária realizada neste estudo, os dados confirmam que narrativas de experiência e recontada são os tipos em que o falante mais se envolve com o que fala e, com isso, menos atenção volta à forma como fala, produzindo mais formas não padrão.

Essa influência, ainda que atuante, parece diminuir, em termos de peso relativo para os dados de variação apenas entre *mim* e *zero*, o que pode se dever simplesmente a uma interferência da quantidade de dados considerados.

A análise do fator **papel semântico do pronome sujeito** para as ocorrências de *mim* e *zero* revela 80.6% de ocorrências de *mim* ambíguo (beneficiário e agente). Dessa forma, quando há um beneficiário da ação, o falante parece impelido a usar *mim*, como revela o peso relativo de .89 para esse fator. Por outro lado, o total de casos em que o pronome atua semanticamente apenas como *beneficiário e/ou experienciador* perfaz 27.8% dos dados, com peso relativo de .45, porém a maioria dessas ocorrências corresponde a casos de experienciador, o que possivelmente explica a baixa porcentagem do pronome oblíquo. Em casos de sujeito agente, a variante não padrão foi usada em 22.1% das ocorrências, sendo esse o contexto favorecedor da variante *zero*. A tabela a seguir apresenta esses resultados em termos percentuais e de peso relativo.

Tabela 34 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação a *papel semântico do pronome sujeito*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Ambíguo	25/31 = 80.6%	.89
Agente	29/131 = 22.1%	.37
Beneficiário e/ou experienciador	5/13 = 27.8%	.45

Como este fator não foi analisado por Figueiredo, não é possível comparar esses resultados com a variedade carioca. Comparando esses resultados com os obtidos na análise ternária, percebe-se a mesma tendência entre os dados gerais e os dados de informantes que utilizam apenas as variantes *mim* e *zero*, ou seja, a tendência de se usar *zero* em orações com sujeito apenas Agente e de se usar *mim* quando o sujeito pode ser interpretado como agente e como beneficiário da ação ao mesmo tempo.

Os dados de *mim* e *zero* analisados quanto ao fator **correferência de sujeitos** totalizaram 159 ocorrências, sendo 53 casos de sujeitos não correferentes e 106 casos de sujeitos correferentes. Dentre os casos de sujeitos não correferentes, 64.2% foi usado com a variante *mim*, já os casos de sujeitos correferentes somaram apenas 15.1% de uso de *mim*. Os pesos relativos, expostos na tabela abaixo, confirmam que orações com sujeitos não correferentes favorecem o emprego da forma *mim* (peso relativo .82), enquanto sujeitos correferentes desfavorecem esse emprego (.31).

Tabela 35 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação à *correferência de sujeitos*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Sujeito não correferente	34/53 = 64.2%	.82
Sujeito correferente	16/106 = 15.1%	.31

De modo semelhante, a pesquisa de Figueiredo (2007) mostrou que sujeitos diferentes favorecem o uso de *mim* e que este parâmetro se relaciona à ambiguidade do sujeito, já que, nos casos de sujeitos idênticos, o referente pode ser identificado pela correferência, como no exemplo (105); por outro lado, referentes distintos favorecem a variante *mim* em detrimento de *zero* (exemplo 106):

- 105) aí nós pegamo(s) e fomo(s) embora... dentro do ônibus um/ uma moedinha de cinquenta centavos dela **que eu peguei pra [Ø]entregá(r)...** caiu de ba(i)xo de banco ((risos)) tava no banco alto assim aí fomo(s) tentá(r) pegá(r) e enfiamo(s) mais pra de::ntro... (AC-016, L 31)
- 106) uns **colega meu** já acorda tam(b)ém já **chama eu pra mim jogá(r) bilhar::** ou senão me chama já pa jogá(r) bo::la... ou dá u:/: uma volta lá o cen::tro... a gente fica ali a maioria do dia todo ali... conversan(d)o deba(i)xo d'um pé de abacate que tem lá... (AC-031, L 96)

A comparação com os resultados de *eu x zero* da análise anterior revela resultados bem próximos em termos de peso relativo, o que permite concluir que, independentemente da variação com o pronome *mim* ou *eu*, a correferência de sujeitos favorece a ausência de pronome em orações infinitivas com *para*.

A classificação da **função sintática da oração infinitiva** das ocorrências de *mim* e *zero* revelou a ocorrência, nos dados, de orações adverbiais finais, objetivas, completivas nominais e orações modais. Observando os resultados na tabela abaixo, percebe-se que as orações de finalidade compõem sozinhas quase 74% da amostra das orações com *para (mim) + infinitivo*, sendo este então o contexto mais produtivo dessas orações. Das 132 orações finais, 30.3% são com *mim*, ou seja, essa função sintática parece ser neutra em relação ao condicionamento de uma das variantes, tendo em vista a quantidade total dos dados de cada uma.

Por outro lado, as orações objetivas parecem favorecer a ocorrência do pronome *mim*, já que de um total de 13 orações objetivas, 7 ocorreram com *mim*. Isso pode ocorrer pelo fato de que, nesses casos, *mim* é classificado como o objeto indireto do verbo e, ao mesmo tempo, como o sujeito da oração infinitiva, conforme explicado anteriormente e como se observa, mais uma vez, a partir do exemplo abaixo:

- 107) é uma carne é meio difícil fazê(r) me ensinaram fazê(r) uma vez... até tem uns:: aço(u)gue(i)ro no aço(u)gue ficô(u) sabendo... **pediu pra mim i(r) lá** no aço(u)gue virá(r) a carne pra eles que é/ não que seja... não/ num é tão difícil mas é mais a prática né?... (AC-067, L 289)

Observa-se ainda a alta ocorrência de *mim* nas orações modais, que totalizam 20 dados nessa amostra, sendo 9 (53.8%) com o emprego da forma não padrão *mim*. Esses parecem, portanto, ser os contextos em que a variação entre *mim* e *zero* ainda não se enfraqueceu, nos quais a variante estigmatizada pode vir a se especializar.

Os resultados em termos de pesos relativos dos fatores da variável *função sintática*, expostos a seguir, confirmam que as orações completivas nominais desfavorecem a ocorrência da variante *mim* (peso relativo .35), enquanto as orações objetivas (.69) e modais (.62) favorecem o uso dessa variante.

Tabela 36 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação à *função sintática*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Finais	40/132 = 30.3%	.47
Completivas Nominais	3/14 = 21.4%	.35
Modais	9/20 = 53.8%	.62
Objetivas	7/13 = 53.8%	.69

Os resultados de Figueiredo (2007) para a variável *função sintática da oração infinitiva*, nos dados da variedade carioca, revelaram que contextos que separam mais as orações, introduzindo uma preposição *para* não funcional na oração infinitiva (subjativas e objetivas), favorecem a ocorrência de *mim*. Por outro lado, aqueles em que a preposição *para* tem função de introdutor da oração infinitiva (finais e completivas nominais) não favorecem essa variante. Na variedade investigada nesta pesquisa, as orações de finalidade e as completivas nominais também não favorecem o emprego da variante *mim*. Dessa forma, considerando a proporção de ocorrência total das variantes *mim* e *zero*, parece ser nesses contextos que ocorre a variação mais equilibrada entre essas formas.

Na análise dos **tipos de construção** usados por informantes que variam entre as formas *mim* e *zero*, obtivemos 5 dados de construções inerentemente transferenciais, todos eles preenchidos com *mim*. Foram encontradas, também, 7 ocorrências de orações com *dar para*, todas com a variante *zero*. Esses dados tiveram que ser retirados da análise para que se pudesse calcular os pesos relativos das outras construções;

entretanto, esse resultado já indica forte tendência de uso de *mim* em construções inerentemente transferenciais, ou seja, construções que envolvem a transferência de posse de um objeto para alguém, enquanto as construções com *dar para* tendem a ser usadas, por esses informantes, com *zero*.

108) ai sexta-fe(i)ra treze eu tava in(d)o pro dentista... e:: hora que eu tava no ônibus sentada c'a minha colega ela me *deu* o aparelho dela **pra mim segurá(r)**... e ela tava conversan(d)o com a colega dela e eu nem percebi que ela tinha posto o aparelho dela no meu colo... (AC-016, L 05)

109) eu já pego a arte... o desenho que a pessoa qué(r) pôr na camiseta... e faço no computador... no *Corel Draw*... geralmente eu escanei::o... vejo o que **dá pra [Ø] aproveitá(r)** assim mas... na grande maioria tem que... fazê(r) risquinho por risqui::nho... quadradinho por quadradinho ali... e aí separa por cor... (AC-053, L 275)

Na tabela a seguir, são apresentados os pesos relativos de cada tipo de construção em relação à ocorrência das variantes. Observa-se que as construções modais e avaliativas são as que apresentam peso relativo maior para a ocorrência da variante *mim* (.79).

Tabela 37 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação a *tipo de construção*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Tornadas Transferenciais	08/27 = 29.6%	.47
Final/beneficial Topicalizada	01/04 = 25%	.41
Finais	34/107 = 31.8%	.49
Modal e Avaliativa	09/14 = 64.3%	.79
Evento Alvo	03/17 = 17.6%	.31

A análise do tipo de construção para o fenômeno em estudo revelou, portanto, que as construções inerentemente transferenciais e modais/avaliativas são as construções que parecem favorecer a ocorrência do pronome de primeira pessoa *mim* em orações

infinitivas com *para*. Ressalta-se que este fator não foi analisado por Figueiredo (2007) em relação aos dados da variedade carioca.

Comparando essa análise com a análise anterior entre *eu* x *zero*, percebemos igual tendência de sempre se usar o pronome em construções inerentemente transferenciais. Além disso, nas duas análises, a construção que remete a um evento alvo favorece *zero*, e a construção modal/avaliativa favorece preenchimento, tanto com *eu* quanto com *mim*.

A principal diferença entre as duas análises se dá em contexto de orações finais e construções tornadas transferenciais. As construções tornadas transferencias favorecem mais o pronome *eu* em variação com *zero* do que o pronome *mim* em variação com *zero*; e as orações finais, que se mostram o contexto mais desfavorecedor da variante *eu*, aqui é neutro.

Conforme revelam os resultados para a amostra sobre a **natureza semântica do verbo principal**, os verbos que mais propiciam o emprego de *mim* diante de infinitivo são, em primeiro lugar, os verbos *transferenciais*, com 80% dos dados com a variante não padrão, os *elocutivos*, em segundo lugar, com 75% de ocorrências com *mim*, seguidos dos *existenciais* e *avaliativos/modais*, com 50% e 40% de ocorrência com *mim*, respectivamente. Os verbos de *ação ou mudança de estado* representam 19.4% dos dados com *mim* e os verbos *estativos* equivalem a 8.8% dos casos com essa variante. Os pesos relativos desta variável para a ocorrência de *mim* estão expostos na tabela abaixo:

Tabela 38 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação à *natureza semântica do verbo principal*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Existencial	10/20 = 50%	.72
Transferencial	12/15 = 80%	.91
Avaliativo e Modal	2/5 = 40%	.63
Ação ou mudança de estado	14/72 = 19.4%	.38
Estativo	3/34 = 8.8%	.20
Elocutivo	9/12 = 75%	.88

Os pesos relativos para a natureza semântica do verbo da oração principal apontam que os verbos *transferenciais* (peso relativo .91) são os mais favorecedores da variante não padrão. Em sequência, o programa estatístico aponta os verbos *elocutivos*, com peso relativo .88. O contexto mais desfavorecedor da variante não padrão é o de verbos *estativos*, com peso relativo de .20, e os verbos de *ação ou mudança de estado*, com peso relativo de .38. Esses resultados aproximam-se aos obtidos por Figueiredo (2007), já que o autor atestou que a maior transitividade do verbo favoreceria a interpretação de *mim* como sujeito da infinitiva e, nesta análise, os verbos que favorecem essa variante – *transferenciais* e *elocutivos* - correspondem a verbos bitransitivos.

Em comparação à análise realizada sobre os pronomes *eu x zero*, constata-se que os verbos *elocutivos* também favorecem o preenchimento do pronome e que os verbos *estativos* são os que mais favorecem *zero*, tanto em variação com *mim* quanto com *eu*. Os verbos *transferenciais*, por sua vez, favorecem mais a ocorrência de *mim* nessa amostra do que a ocorrência de *eu* na análise *eu x zero* anterior, o que sugere uma tendência a maior construcionalização desses verbos com a forma não padrão.

Para analisar o efeito do **paralelismo linguístico**, contamos com o total de 180 dados, 121 de *zero* e 59 de *mim*. Obtiveram-se 82 ocorrências de orações únicas, sendo 31 o número de casos de orações únicas com *mim* (37.8%). As orações iniciais totalizaram 36 ocorrências, sendo 22.2% com *mim*. Foram obtidas 46 ocorrências de orações paralelas, 21.7% dos casos com *mim*. Por fim, as orações não paralelas totalizaram 16 ocorrências, sendo aqui a porcentagem de *mim* (62.5%) mais alta que a de *zero*. Observando os pesos relativos, apresentados na tabela abaixo, nota-se que as orações não paralelas (.78) favorecem a ocorrência do pronome *mim*, e que orações paralelas (.37) desfavorecem essa ocorrência.

Tabela 39 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação a *paralelismo linguístico*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Oração única	31/82 = 37.8%	.56
Oração inicial	08/36 = 22.2%	.37
Oração paralela	10/46 = 21.7%	.37
Oração não paralela	10/16 = 62.5%	.78

Comparando esses resultados com aqueles obtidos na análise de *eu x zero*, conclui-se que, nas duas combinações entre formas variantes, o efeito do paralelismo se confirma, uma vez que é mais forte em orações com *zero*; e, em orações com *mim* ou *eu*, a tendência é não repetir o pronome, gerando orações não paralelas. Assim, as duas combinações entre as formas variantes estão de acordo com o estudo de Paredes da Silva (1988), que constatou que o efeito do paralelismo é mais forte com sujeitos nulos do que em contextos de presença pronominal.

No estudo de Figueiredo (2007) sobre a variação entre *mim* e *zero* em orações infinitivas introduzidas por *para*, entretanto, o princípio do paralelismo atua de forma diferente: construções com o pronome *mim* levam a presença do pronome *mim* em construções subsequentes, seguindo-se, portanto, o princípio de que presença leva a presença e zero leva a zero.

Com a análise do fator **tempo do verbo da oração matriz**, por fim, procura-se investigar se o tempo empregado na oração principal pode ou não favorecer o uso de *mim* ou de *zero* na oração infinitiva com *para*. Os resultados percentuais para a aplicação desse fator estão expostos a seguir.

Tabela 40 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação ao *tempo verbal da oração principal*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Pretérito Perfeito	23/62 = 37.1%	.54
Pretérito Imperfeito	16/51 = 31.4%	.48
Presente	17/56 = 30.4%	.47
Futuro e futuro do pretérito	3/10 = 30%	.46

Os resultados dos pesos relativos e as frequências totais de uso da variante *mim* permite concluir que o tempo não se mostra um fator interligado ao uso de uma ou outra variante, já que os pesos relativos, em todos os tempos verbais analisados, mostram-se bastante equilibrados, com diferença máxima de oito pontos entre eles. Assim como o anteriormente descrito, este fator não foi analisado por Figueiredo (2007), o que não permite comparar os resultados com os da variedade carioca.

Em comparação aos resultados obtidos com a análise de *eu x zero*, pode-se averiguar que, na variação *eu x zero*, o pretérito imperfeito favorece o preenchimento do pronome, e o presente desfavorece o preenchimento com a forma reta do pronome.

Nessa análise, diferentemente, nenhum tempo verbal atua quanto à ocorrência das variantes. Dessa forma, o tempo verbal parece influenciar mais na escolha dos informantes que variam entre *eu* e *zero* do que entre informantes que variam entre *mim* e *zero*.

2.3.3. Síntese dos resultados da análise de *mim x zero*

Nesta terceira seção deste capítulo, apresentamos os resultados das análises dos dados de informantes que apresentaram variação entre as formas *mim* e *zero* em construções *para x + verbo no infinitivo*. Para essa rodada, entre todos os fatores analisados, o programa estatístico selecionou como relevantes o *papel semântico do pronome sujeito*, a *correferência de sujeitos* e o *tipo de construção*.

O primeiro fator selecionado pelo programa, o *papel semântico do pronome sujeito*, indica que, entre falantes que utilizam apenas *mim* e *zero*, o falante tende a usar *zero* quando o pronome tem função de agente e tende a usar *mim* em situações em que o sujeito é ambíguo, isto é, sentido concomitantemente como beneficiário e agente de uma ação. Em seguida, o fator *correferência de sujeitos* foi selecionado pelo programa e revelou que o uso da variante *mim* é favorecido por contextos em que o falante precisa explicitar o sujeito da ação a fim de evitar ambiguidade, como em casos de sujeitos não correferenciais.

O *tipo de construção* foi o último fator selecionado como significativo para essa análise e apontou as construções inerentemente transferenciais e modais/avaliativas

como as mais favorecedoras da ocorrência do pronome *mim* em orações *pVI*.

Os dados sociais não foram escolhidos pelo programa como relevantes, mas revelam que *zero* é a forma menos marcada socialmente em termos de estigma do que *mim*, uma vez que a variante não padrão é mais utilizada por falantes com menor escolaridade e/ou renda. Ainda assim, há indícios de variação estável entre as formas *mim* e *zero*, já que a distribuição entre os fatores sociais se dá de forma mais equilibrada do que se mostra para a variação *eu x zero*, evidenciando o uso de *mim* na fala de informantes pertencentes tanto a níveis mais baixos quanto a mais altos da sociedade.

Dentre os fatores selecionados pelo Goldvarb como relevantes para essa análise, Figueiredo (2007) analisou apenas a correferência de sujeitos e obteve resultado parecido, isto é, sujeitos idênticos levam o falante a não preencher o pronome nas orações com *pVI*. Os fatores sociais não foram selecionados como significativos nessa amostra, mas indicam distribuição parecida nas duas variedades no tocante ao fator faixa etária: ambas mostram que informantes mais velhos e mais escolarizados usam com maior frequência a variante *zero* e que refreiam o uso da variante não padrão.

Observando as análises conjuntamente, o resultado obtido nesta pesquisa com a análise das formas *mim x zero* e aquele obtido para a análise entre *eu x zero* – que selecionou como relevantes os fatores *papel semântico do pronome sujeito*, *correferência de sujeitos* e *função sintática da infinitiva* – parecem estar também fortemente correlacionados ao preenchimento x não preenchimento do sujeito em orações infinitivas introduzidas por *para*. Assim, para atestar essa hipótese, mais uma análise foi feita, agora somente com os dados cujo preenchimento fosse altamente relevante, para que fosse possível investigar quais fatores realmente influenciam no uso da variante *mim*, diante da necessidade de preenchimento do sujeito.

3. Resultados da análise de dados com preenchimento de sujeito

Nessa rodada, selecionamos apenas os dados em que o preenchimento de sujeito fosse altamente relevante – que são, na verdade, os casos de não correferência de sujeitos, já que, nesses contextos, o falante precisa explicitar o sujeito a fim de não causar ambiguidade em sua fala. Foram considerados, para essa análise, todos os dados

de não correferência de sujeitos – exceto os casos de não correferência com *zero*, em que se tem a opção de usar o pronome nulo por já marcar o sujeito anteriormente, como em (110), em que a marcação é feita com o complemento oblíquo, ou por não permitir ambiguidade pelo fato de o sujeito da oração principal tratar-se de um sujeito inanimado, como em (111):

110) eu acho que sim porque tipo até até quando quebra computador aqui na::... aqui PERto na vizinhança aqui meu vizinho vive **me** chaman(d)o **pra ajudá(r)** ele com o computador... (AC-010, L 399)

111) quando eu me formei... em Engenharia o prime(i)ro convite pa trabalho... **foi um convite pra dá(r) aula...** aulas numa escola de aulas particulares... e... aula particular era um po(u)co:: diferente da aula em grupo... né?... (AC-081, L 168)

A rodada teve input de .757, isto é, em casos em que o preenchimento de sujeito é esperado, a probabilidade de preenchimento com *mim* é de 75.7%. Os fatores selecionados como mais significativos para essa análise foram todos fatores sociais: em primeiro lugar, *gênero*, seguido por *grau de escolaridade e renda*.

Observando os resultados para a variável **gênero/sexo**, constatamos que a variante *mim* é usada mais frequentemente por informantes do gênero masculino (86.5%) que por informantes do gênero feminino (63.6%). A análise dos resultados da atuação do fator *gênero* confirma, assim, a hipótese de que falantes do gênero masculino demonstram maior tendência ao uso da forma não padrão *mim* (peso relativo .65), enquanto falantes do gênero feminino revelam maior tendência ao uso da forma padrão *eu*.

Tabela 41 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação a *gênero/sexo*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Masculino	32/37 = 86.5%	.65
Feminino	21/33 = 63.6%	.34

Os resultados da análise dos dados de *mim* e *eu* em relação ao **grau de escolaridade** revelam que a primeira variante é mais utilizada por falantes de todos os níveis de escolaridade; entretanto, esse uso diminui conforme o nível de escolaridade aumenta. Para informantes com o nível de escolaridade mais baixo, o peso relativo para a ocorrência da forma não padrão é de .69, favorecendo então essa forma. Para informantes com Ensino Superior, o peso relativo para a ocorrência de *mim* é de .25. Esses resultados confirmam, então, que a escolarização atua como refreadora de formas não padrão. As frequências e pesos relativos para a ocorrência da variante *mim* em relação à escolaridade dos informantes estão apresentados na tabela abaixo.

Tabela 42 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação à *escolaridade*

Fatores	Frequência	Peso relativo
I ciclo EF	15/17 = 88.2%	.69
II ciclo EF	10/12 = 83.3%	.59
Ensino Médio	19/24 = 79.2%	.53
Ensino Superior	09/17 = 52.9%	.25

A última variável selecionada como significativa para a variação entre *mim* e *eu*, a **renda do informante**, mostrou que o uso de *mim* é mais frequente entre os informantes de menor poder aquisitivo (95%) que entre informantes de maior poder aquisitivo (84.6%). Os pesos relativos para a ocorrência de *mim* confirmam que essa variante é favorecida por informantes cuja renda é de até 5 salários mínimos, com peso relativo de .82. As frequências de uso e pesos relativos para a ocorrência de *mim* estão dispostas na tabela a seguir.

Tabela 43 - Frequência e peso relativo da variante *mim* em relação à *renda*

Fatores	Frequência	Peso relativo
Até 5 SM	19/20 = 95%	.82
6 a 10 SM	19/28 = 68%	.33
11 a 24 SM	03/07 = 43%	.15
Mais de 25 SM	11/13 = 84.6%	.56

Analisando conjuntamente os resultados obtidos para as formas *mim* e *eu*, chega-se à conclusão de que não há variação entre as duas formas na variedade investigada, mas há, por outro lado, forte indício de mudança com prevalência da forma não padrão *mim*, em vez de *eu*, na variedade investigada, uma mudança apenas refreada pelo grau de escolaridade. Desse modo, há maior probabilidade de que a forma *mim* esteja, na verdade, em variação com outra forma, o *zero pronominal*, conforme também atestou Figueiredo (2007) para a variedade carioca.

A significância dessa rodada foi de 0.009, um resultado confiável, já que o valor máximo aceitável é de 0.050 (GUY E ZILLES, 2007). Esse resultado do Goldvarb corrobora a hipótese de que o emprego de *mim* ou *eu*, nesses contextos, seja caso de mudança em curso em direção à variante não padrão. Esta, no entanto, é refreada pela norma gramaticizadora, em geral imposta pelo ensino formal, que recai com mais pressão sobre as mulheres, sobretudo porque, conforme afirma Paiva (2015), muitos dos papéis sociais tradicionalmente atribuídos à mulher exigem dela uma boa conduta, o que passa pelo uso de formas linguísticas de maior prestígio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa investigou, no âmbito da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972), a ocorrência de *mim*, *eu* e *zero anafórico* como sujeito de orações infinitivas introduzidas por *para* no português falado na região de São José do Rio Preto. O propósito foi analisar os fatores sociais e linguísticos que poderiam estar correlacionados ao uso das variantes envolvidas na construção e definir se se estaria diante de um caso de variação estável ou de mudança em curso na variedade investigada, conforme os pressupostos teórico-metodológicos da teoria utilizada. Em razão do estigma que se percebe na comunidade investigada em relação ao emprego da forma *mim* como sujeito na oração com *para + verbo no infinitivo (pVI)*, a principal hipótese deste estudo era a de que se encontraria uma situação de variação com claro encaixamento social indicativo de uma mudança em curso.

Dessa maneira, os dados do fenômeno *para x + verbo no infinitivo* foram submetidos ao programa estatístico *Goldvarb* em diversas rodadas distintas: uma rodada ternária com as ocorrências de *mim*, *eu* e *zero*, seguida por rodadas com as diferentes combinações entre as formas variantes que foram efetivamente produzidas no *cópus*, sendo elas a) apenas *eu*, b) apenas *mim*, c) apenas *zero*, d) *eu* e *zero*, e) *mim* e *zero* e f) *eu*, *mim* e *zero*. Por fim, foi realizada uma última rodada no *Goldvarb* com os casos de *mim* e *eu* em construções em que ocorre o preenchimento de sujeito, com o propósito de verificar quais fatores influenciam na escolha do falante quando ele é induzido a preencher as orações *pVI* com algum pronome.

Os resultados mais relevantes da análise ternária revelaram que a variante *zero* é a mais utilizada por todos os perfis sociais. Em relação às variantes *mim* e *eu*, nota-se distribuição social com maior predomínio da variante *mim* na fala de informantes do sexo masculino, com baixa escolaridade, pertencentes às faixas etárias mais jovens e às classes socioeconômicas inferiores – encaixamento social indicativo de uma mudança em curso em direção à forma não padrão.

A análise dos dados de informantes que produzem apenas *eu*, *mim* ou *zero* permitiu observar algumas particularidades sobre o comportamento dos fatores sociais relacionados ao uso categórico de uma das variantes.

Inicialmente, os informantes que utilizam *para eu* + verbo no infinitivo e não variam com *mim* ou *zero* são, em sua maioria, mulheres e pessoas com alta renda; informantes que produzem apenas *para mim*, por sua vez, são em sua maioria homens, da faixa etária até 35 anos e de escolaridade estritamente até Ensino Médio; por fim, os dados de informantes que produzem apenas *zero* apresenta uma distribuição neutra entre os fatores sociais.

Para a variação entre *eu* e *zero*, a análise indicou como correlacionados à variação os fatores *papel semântico do pronome sujeito*, *correferência de sujeitos* e *função sintática da infinitiva*. O papel semântico do pronome sujeito mostra que o pronome nulo é bastante utilizado, no lugar de *eu*, para expressar sujeito agente – um indício da mudança em curso em direção à *zero*, forma mais neutra. A correferência de sujeitos revela, como esperado, que o pronome reto é favorecido por sujeitos não correferentes. A função sintática da infinitiva indica que as estruturas favorecedoras do uso de *eu* são as orações objetivas e as orações modais, que estão mais construcionalizadas na língua com o uso de um pronome, constituindo então o contexto linguístico que pode inibir a mudança, ou constituir construção isolada propícia à especialização da forma pronominal.

Para esses dados de *eu x zero*, fatores sociais não foram selecionados pelo programa estatístico como relevantes, mas revelam, em termos de peso relativo, que *eu* é forma mais marcada socialmente em termos de prestígio do que *zero*, uma vez que é mais utilizada por falantes com maior escolaridade e/ou renda. Assim, não há indícios de variação estável entre as formas *eu* e *zero*, mas um encaixamento social indicativo de mudança em curso, uma vez que o uso da variante *eu* se mostra restrito a poucos contextos, como os de construções transferenciais, e por perfis específicos de falantes – que geralmente são mais privilegiados socialmente, seja em termos de alta escolaridade ou alta renda.

Como fatores correlacionados à variação entre *mim* e *zero* como sujeitos de orações infinitivas iniciadas por *para*, as análises apontaram os seguintes: *papel*

semântico do pronome sujeito, correferência de sujeitos e tipo de construção. Com os resultados, verifica-se que o papel semântico do pronome sujeito indica que, entre falantes que utilizam apenas *mim* e *zero*, há uma forte tendência ao uso de *mim* em situações em que o sujeito é ambíguo, isto é, é interpretado ao mesmo tempo como beneficiário e agente de uma ação. O fator *correferência de sujeitos*, assim como na análise entre *eu* x *zero*, revelou que o uso da variante *mim* é favorecido por casos de sujeitos não correferenciais. O tipo de construção foi o último fator selecionado como significativo para essa análise e apontou as construções inerentemente transferenciais e modais/avaliativas como as mais favorecedoras da ocorrência do pronome *mim* em orações com *pVI*. Por fim, ressalte-se que, para essa amostra, os fatores sociais distribuíram-se de forma mais equilibrada do que na análise entre *eu* x *zero* e evidenciou o uso equilibrado de *mim* na fala de informantes pertencentes tanto a níveis mais baixos quanto a mais altos da sociedade, configurando-se, portanto, um forte indício de variação estável entre *mim* e *zero*.

Os resultados das análises entre *eu* x *zero* e entre *mim* x *zero* revelaram, a partir dos fatores selecionados como significativos pelo Goldvarb para a escolha entre *mim* e *eu*, que poderia haver também uma forte correlação entre a atuação desses fatores e os casos específicos de preenchimento x não preenchimento do sujeito nas orações infinitivas introduzidas por *para*. Procedeu-se, então, à análise dos dados em que o preenchimento de sujeito fosse altamente relevante – que correspondem, geralmente, aos casos de não correferência de sujeitos, já que, nesses contextos, o falante precisa explicitar o sujeito a para não gerar uma frase ambígua.

Dessa forma, na variedade investigada, as análises entre *mim* e *eu* indicaram como fatores relevantes para a variação, em primeiro lugar, o *gênero do informante*, seguido de seu *escolaridade* e *renda*. O perfil social dos informantes que mais empregam *mim* em posição de sujeito de orações infinitivas, segundo as análises desenvolvidas, são homens, com escolaridade até o Ensino Médio e de baixo poder socioeconômico. Com esses resultados, conclui-se que não há variação estável entre as duas formas na variedade investigada, mas uma mudança em curso em direção à variante *mim*, apenas refreada pelo alto grau de escolaridade do falante.

Evidentemente, ainda em um viés sociolinguístico, há muito o que se investigar sobre as construções *para x + verbo no infinitivo*, tanto na variedade tomada para estudo nesta pesquisa, quanto em outras variedades do português brasileiro. Em termos de compreensão mais geral do fenômeno, um possível estudo que os resultados obtidos nesta pesquisa ensejam é a busca pela origem do emprego da forma pronominal oblíqua como sujeito de orações infinitivas com *para*, seja em textos representativos de sincronias passadas do português, incluindo o português europeu, seja em variedades do português africano, nas quais há indícios (cf. Figueiredo, 1913) do emprego indistinto de uma única forma pronominal de primeira pessoa (*ami*) nos casos em que português poderia empregar tanto *eu* quanto *mim*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2009.
- _____. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011 [1961]
- BECHARA. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.
- CARVALHO, D. S. *PARA vs. QUE em orações encaixadas no PB*. Leitura. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (UFAL). Maceió: Edufal, V. 33, n. 00, 2006.
- _____. *Agreement weakening in Brazilian Portuguese: the complementizer se*. Handout apresentado no XVII Colloquium in Generative Grammar, Girona, 2007.
- _____. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. 153 f. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 28 ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ERNOUT, A. & THOMAS, F. *Sintaxe Latine*. 2.ed. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1953.
- FARIA, E. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- FIAMENGUI, A. H. R. *A marcação de pluralidade no sn na fala e na escrita de adolescentes da região de são José do rio preto*. 2011. Dissertação (Mestrado em

Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2011.

FIGUEIREDO, C. *O problema da colocação de pronomes*: (suplemento às gramáticas portuguesas). Lisboa: Livraria Classica, 1913.

FIGUEIREDO, J. R. M. *Variação e mudança no uso do sujeito de primeira pessoa do singular em orações infinitivas iniciadas por “para” na fala carioca*. 121 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FISCHER, J. L. Social Influences on the Choice of a Linguistic Variant. *Word* 14: 47-56, 1958.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, S.C.L. Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. 2007. Disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em 20.02.2019.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. *Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

LABERGE, S. *Étude de la variation des pronoms définis et indéfinis dans le français parlé à Montréal*. Université de Montréal, Tese de Doutorado, 1977.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. Where Does the Linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Papers*, v. 44, 1978.

LAVANDERA, B. R. Where Does de Linguistic Variable Stop? *Language in Society*, v. 7, 1978.

MACEDO, W. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

MACIEL, M. *Grammatica descriptiva: baseada nas doutrinas modernas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1914.

MIOTO, M.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo Manual de Sintaxe*. 3 ed. Florianópolis: Insular, 2007.

- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- PAREDES DA SILVA, V. L. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita formal*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1988. 330 fl. mimeo. Tese de doutorado em Linguística.
- _____. *A variação você/tu na fala carioca*. Comunicação apresentada no 1 Encontro de variação linguística do Cone Sul, UFGRS, 1996.
- _____. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- PEREIRA, M. A. B.; RONCARATI, C. N. O caso do sujeito em orações infinitivas introduzidas por “para” no português do Rio. São Paulo: *Delta*, V. 9, N. 1, 1993.
- PLAUTO. *A Comédia da Marmita*. Trad. Walter de Medeiros. Brasília: Editora da UnB, 1994.
- RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1911.
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *Goldvarb 2001: A Multivariate Analysis Application for Windows*. Users’ Manual. 2001.
- ROCHA LIMA, C. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- RUBIO, C. F. *A concordância verbal na região noroeste do Estado de São Paulo*. São José do Rio Preto, 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1962.
- SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, 555 p. (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.
- SILVA, G.M O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M.C., BRAGA, M.L. (Orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia, 1983.

_____. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001 [1986].

TORRENT, T. T. “*O Homem vai botar uma casa para MIM morar*”- *Uma Abordagem Sociocognitivista e Diacrônica da Construção de Dativo com Infinitivo*. 75 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

_____. A Hipótese da Dupla Origem para A Construção de Dativo com Infinitivo: primeiras incursões pelo Português Medieval. *Revista da ABRALIN*, v. 7, p. 65-92, 2008.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

WEINREICH, U. & LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical Foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

WOLFRAN, W. A. *A sociolinguistic description of Detroit Negro speech*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1969.